

A Ordem da Discórdia

Wanju Duli

2017

Imagem de Capa: <<https://pixabay.com/pt/apple-ouro-metal-brilhante-1815973/>>

Design de Capa: Luiggi Ligocky

Sumário

Capítulo 1: Koro Mere	7
Capítulo 2: O Manto Dourado	35
Capítulo 3: Cadeia	61
Capítulo 4: O Prisioneiro	91
Capítulo 5: O Colar de Harmonia	120
Capítulo 6: A Maçã de Ouro	149

“A raça humana irá começar a resolver os seus problemas no dia em que cessar de encarar a si mesma tão a sério.

Para este fim, POEE propõe o contrajogo de NONSENSE COMO SALVAÇÃO. Salvação de uma existência feia e bárbara que é o resultado de levar a ordem tão a sério, e tão seriamente temer ordens contrárias e desordem; que JOGOS são tomados como mais importantes que a VIDA; em vez de encarar a VIDA COMO A ARTE DE JOGAR JOGOS”

Principia Discordia

Capítulo 1: Koro Mere

– Koro Mere está morto!

Por causa disso, o mundo parou.

Lágrimas. Por toda a cidade se via pessoas chorando forte. Pessoas que jamais o tinham visto.

Ele não era “uma pessoa muito amada”. Koro Mere sempre teve a reputação de ser um grande filho da puta. Ele tinha o ego nas alturas e não fazia nenhuma questão de esconder isso. Suas declarações polêmicas na mídia eram sempre fonte de controvérsia.

“Qual merda será que o Koro Mere falou dessa vez?” era a pergunta de praxe.

O cara já tinha falado todos os tipos de porcarias existentes. Aqui estão alguns dos exemplos:

“Eu sou o homem mais importante do universo. Se não fosse por mim, essa porra de planeta já tinha ido à merda”

“As pessoas dizem que sou machista, mas isso é uma grande mentira! Eu amo as mulheres. Como todas elas em todas as direções e várias ao mesmo tempo. Estou com cinquenta anos com um pau de vinte. Funciona como uma bazuca! E às vezes como uma metralhadora”

Qualquer coisa que ele dizia já virava manchete de jornal e de revista de fofoca. É claro que muita gente não aguentava mais ouvir falar no Koro Mere, mas a maioria adorava saber tudo, nem que fosse para criticar.

Só que aqueles dias de diversão e glória tinham terminado. De repente.

A notícia nos pegou de madrugada. Minha filha Pina estava acordada na internet e bateu na porta do meu quarto cheia de lágrimas.

– Ele está morto.

Eu me assustei. Pensei que fosse um amigo ou vizinho. Mas saber a verdade não foi muito melhor.

Wanju Duli

Há uns dez anos nós acompanhávamos tudo o que ele e os outros misteriosos membros de uma sociedade secreta andavam fazendo. E nós mendigávamos cada pedacinho de informação.

Claro que aquela não era uma sociedade secreta qualquer.

Não sei porque chorei. Eu e meu marido acordamos chorando e todos nos abraçamos.

Na rua havia uma grande comoção em plena madrugada. Meus vizinhos saíam das casas. Televisões e computadores ligados. Todo mundo despertou mais cedo naquele dia. E pelo dia todo os noticiários não falavam de outra coisa. Parecia realmente o fim do mundo.

Mas nós não tínhamos perdido apenas o orgulhoso idiota que nos divertia com suas declarações. Todos estavam com muito medo, pois sabíamos o que a morte dele significava.

– Zavia Grena o matou – disse Pina – é isso o que dizem os rumores.

Aquela não era apenas uma notícia ruim. Era um pesadelo.

Minha filha Pina conhecia todos os melhores sites com notícias sobre a guerra. Então se ela dizia que Zavia Grena estava pro trás daquilo devia ser verdade.

Parecia que tudo tinha parado. Fui ver minha vizinha e melhor amiga, Chahia Sica. Ela e o marido também estavam lá fora, com cobertores enrolados nas costas.

– Não parece real, não é? – disse Chahia – nós sempre pensamos que ele era imortal.

Eu não sabia como me sentir. Eu estava triste e com medo, mas também com uma estranha emoção por estar vivendo um momento histórico tão importante.

Agora tudo podia acontecer. Sem a proteção de Koro Mere, o líder máximo da Ordem, nosso país estava completamente desprotegido. No fundo nós sabíamos que a paz só tinha reinado em nossa cidade por dez anos por causa do líder.

Com sua morte, nada impedia que recebêssemos um ataque direto, que levaria à morte de todos.

– Mãe, quer um cobertor?

– Não se preocupe, Pina – eu disse – já vou sair para trabalhar.

– Está muito cedo.

– Pelo menos não vou pegar o trem tão cheio.

A Ordem da Discórdia

E eu saí de casa, mesmo sendo quatro da manhã. Eu não conseguiria voltar a dormir e estava meio deprimida ao ver todos os meus vizinhos fazendo o maior drama por causa disso.

Mas sair mais cedo não adiantou nada. No trem estavam todos com seus celulares e não comentavam sobre outra coisa. Era difícil olhar para o lado e não ver alguém com cara de zumbi e olhos vermelhos.

Todos queriam compartilhar a dor e o terror que sentiam.

Eu sentia um pouco de tudo isso, mas me angustiava ver tanto pavor ao meu redor.

Quando desci do trem, fui até a cafeteria que costumava ir e não fiquei surpresa ao vê-la já aberta.

Enquanto pedia meu café, notei que todos olhavam atentamente para a televisão ligada, na qual a repórter dava mais detalhes da notícia trágica.

– O país inteiro está em luto. Nunca se viu algo assim antes.

Eu normalmente bebia meu café na cafeteria, mas não agüentei ficar lá. Saí e fui bebendo no caminho. Minhas mãos geladas se aqueciam ao menos um pouco ao encostar na bebida quente.

– Merda, merda.

“Koro Mere, por que você tinha que morrer?” eu não podia deixar de pensar. “Você era tão forte e saudável, fazendo sexo e matando pessoas incontáveis vezes ao dia. E, de repente...”

Eu tinha vontade de gritar. Era muito frustrante. Ele era a última pessoa do mundo que acreditávamos que ia morrer.

E os comentários no meu trabalho não paravam. Bastou que eu chegasse no meu andar e os meus colegas estavam em polvorosa.

– Se me dissessem que a lua foi destruída por um meteoro eu não teria ficado tão surpreso – disse Eletan For, um colega muito fofoqueiro.

– Calma, pessoal – disse Xipa Cam, sempre belíssima e inteligente – Koro Mere não é o único lutando na guerra. Nós ainda temos Menifa Sulian.

– E nós todos pensando que essa guerra já estava ganha! – exclamou Eletan – que tínhamos os concordianos na palma da mão! Eu nunca vi uma virada como essa. Nem no mundo dos esportes.

Só mesmo uma piada amarga para nos aliviar um pouco do desespero que sentíamos.

– E agora? – perguntei, para participar – devíamos sair do país?

Wanju Duli

– Só se você for muito rico ou muito importante – disse Eletan – tem ideia do quão difícil é conseguir um visto em época de guerra? Todo mundo quer sair do país, as estradas e os aeroportos estão lotados. Aquilo lá sim que é um campo de guerra.

E eu tinha uma filha jovem. Não que eu fosse muito velha. Eu só tinha quarenta anos, mas Pina ainda tinha quinze. Eu temia por ela. Seria uma desgraça que morresse tão jovem de modo estúpido, como ser atingida por uma bomba.

Meio-dia, quando saí para almoçar, Pina me ligou avisando que a aula no colégio naquele dia tinha sido cancelada. Eu não achava aquilo um bom sinal.

No fim da tarde, quando voltei para casa, meu marido e minha filha estavam na frente da TV.

– Eu não aguento mais ouvir sobre o Koro Mere – falei, cansada – desliguem isso.

Joguei a bolsa e o casaco no cabide.

– O filho dele vai dar um pronunciamento – disse Pina.

– Ao vivo? – perguntei, sem acreditar – Hia Mere vai mostrar a cara na televisão?

Nem mesmo Koro Mere já havia feito algo assim. Os membros da Sagrada Ordem não podiam mostrar o rosto em público. Era uma regra importante ou aumentaria o risco de eles serem mortos.

– É claro que não é ao vivo – Pina virou os olhos, como se fosse óbvio – ele vai postar no site às oito da noite. Nem sei se vamos conseguir logar, porque o mundo inteiro vai estar na página. Então nossa única esperança é que alguém na TV consiga olhar e leia em voz alta.

Eu estava curiosa, mas tinha outras preocupações. Sentei-me no sofá com eles e disse, em tom sério:

– Hia Mere não é como o pai. Ele não tem experiência suficiente de guerra. Sei que todos estão esperando por um milagre, mas isso não vai acontecer.

– Ele entrou para a Ordem aos vinte anos! – argumentou Pina – faz dez anos que luta ao lado do pai.

– Errado – eu disse – Koro Mere lutava nas linhas de frente. O filho dele sempre viu tudo de longe e não arrisca o pescoço.

A Ordem da Discórdia

– Você não pode culpar o garoto – disse Dado, meu marido – essa guerra mata mais do que veneno. É mais fácil tomar uma garrafa do veneno mais mortal e sair vivo do que ir para as linhas de frente e sobreviver. Essa guerra é insana.

Muitos chamavam Hia de covarde. Quando ele tinha vinte e poucos anos, ainda perdoavam. Mas quanto mais o tempo passava, mais as pessoas achavam que ele devia ir para as linhas de frente. Ele não teria tanta chance de morrer como os outros, considerando o treinamento que recebeu. E teria a proteção direta do pai.

É claro que era meio idiota pessoas que nem estavam participando diretamente da guerra criticá-lo porque ele não arriscava a vida tanto assim. Hia Mere também participava de operações perigosas. Só não tanto quanto os outros.

Nas linhas de frente da batalha havia figuras lendárias. Principalmente a fantástica Menifa Sulian, que era a vice-líder e a provável próxima candidata ao comando. E também havia Bohaus Huoho e Jala Monda.

Ainda não havíamos sido derrotados. Nem tudo estava perdido. Mas até que ponto o exército se manteria unido e confiante uma vez que o líder quase invencível deles tinha morrido de uma hora para outra? Koro Mere tinha fama de não sofrer nem mesmo um arranhão em batalha. Claro que aquilo devia ser lenda, mas nunca ficávamos sabendo que ele tinha sofrido algum tipo de ferimento grave.

A notícia da morte veio de uma vez só. Isso era o ser humano: às vezes ele não definha lentamente, mas morria sem aviso, espantando a todos. Eu e o mundo todo precisávamos nos conformar.

– Concórdia está em festa hoje – disse Pina, com amargura – aqueles miseráveis. Os sites dos concordianos dizem coisas nojentas.

Eu preferia não saber. Os discordianos e os concordianos estavam quase se matando pela internet, com insultos horríveis. Eu achava tudo aquilo deprimente. Ninguém sabia conversar, só xingar. Pareciam animais. Ou melhor, compará-los aos animais seria um insulto. Para os animais.

– Guerra é uma merda – disse Dado.

No começo era sempre emocionante. Tem aquela atmosfera glamourosa. Vizinhos corajosos se alistam para lutar contra o inimigo,

Wanju Duli

dar a vida pela pátria. Desfilam com suas lindas roupas de guerra e recebem pétalas de rosa. E nós, que ficamos, torcemos como se fosse um jogo de futebol. É uma quebra interessante na rotina. Foi assim quando tudo começou.

Mas logo tudo se tornou doentio. Jovens voltando para casa aos pedaços. Uma rotina de tortura e morte. Todo dia notícias sangrentas no jornal, que caíam na rotina. Era como um pesadelo macabro. Fazíamos parte de uma história de terror e queríamos acordar.

E estávamos vivendo a parte do filme em que nos ferrávamos e íamos todos morrer. Na pior das hipóteses. Também podíamos ficar aleijados ou nos tornar prisioneiros de guerra. Na hipótese mais otimista, faríamos um visto clandestino e sairíamos do país às escondidas, depois de algumas semanas comendo rações com gosto de fezes e dormindo ao relento.

Aquela guerra já durava quinze anos. O tempo todo, parecia que tínhamos uma ligeira vantagem. E fazia muitos anos, desde que Koro Mere assumiu a liderança, que estávamos otimistas com a vitória. Era só questão de tempo, como dois e dois são quatro.

Só que a vitória não chegava. Aquilo tudo estava uma enrolação e ninguém sabia o que estava acontecendo. A Ordem sempre tinha seus segredos que não compartilhava com o mundo.

Foi como assistir um filme na última cena: o mocinho morreu. Mas o que tinha acontecido? Pensávamos que nosso herói estava no controle da situação. Não era isso que afirmavam todos os jornais e revistas de fofoca?

Aparentemente, a vida de Koro Mere era mais complicada do que as revistas de fofoca diziam. E pelo jeito sua morte também.

– Oito horas – disse Pina – e ainda não há notícias. Estou ficando nervosa.

Até eu estava. Literalmente, estavam todos esperando para seguir com suas vidas e saber o que fazer a seguir com base no que o filho de Koro Mere diria.

– Sejam realistas – eu falei – ele vai apenas dizer que lamenta a morte do pai e que fará seu melhor para ajudar na guerra. E daí? Na prática, essas belas palavras não farão diferença nenhuma para nós. Ele não pode prometer que impedirá a guerra de chegar na capital.

A Ordem da Discórdia

- Eu concordo – disse Dado – e o que vocês querem fazer?
- O que há para fazer? – perguntou Pina, alterada – eu não vou fugir enquanto os outros estão lutando.
- De que adianta permanecer aqui apenas para morrer? – perguntei.
- A gente não vai morrer – disse Pina, determinada – Hia Mere não é covarde! Ele vai lutar.

Eu e Dado não dissemos nada. Apenas nos entreolhamos.

Pina lia demais as notícias otimistas da internet. Estava coberta de romantismo. Ela não podia acreditar em tudo que a mídia dizia. A mídia pintou para nós a imagem de um Koro Mere imortal e invencível, somente para jogar aquela água fria na nossa cara do dia para a noite.

Não havia nada de romântico na morte dele. Era uma desgraça. Ninguém sabia, ou ninguém dizia, de que maneira ele havia morrido, mas não importava. Na prática, o fato de ele não estar mais vivo iria nos matar.

Somente às oito e meia divulgaram o pronunciamento de Hia Mere. Pina já estava furiosa porque quase todos os sites que ela olhava estavam fora do ar com a quantidade gigantesca de acessos. Iriam quebrar a internet naquela noite.

Hia Mere escreveu o seguinte no site oficial:

“Caros cidadãos de Discórdia,

É com grande pesar que falo da morte de meu pai, o grande herói de guerra Koro Mere. A essa altura o mundo inteiro já recebeu a notícia. Aqui eu apenas confirmo que não se trata de mais um rumor infundado da mídia. É a mais pura verdade: ele não está mais nesse mundo.

Nós da Sagrada Ordem Discordiana de Éris desconhecemos as circunstâncias exatas de sua morte e solicitamos que não se faça especulações a esse respeito. É verdade que escutamos algumas informações de valor de fontes confiáveis, mas nada ainda pode ser confirmado. Enquanto isso, a Ordem não permite que aquilo que foi descoberto até o presente momento seja divulgado.

Eu acredito no poder da verdade e não concordei que se escondesse a informação da morte de meu pai. Sei que eram muitos que colocavam

Wanju Duli

suas esperanças nele, mas a guerra ainda não terminou. Continuaremos sem ele, com forças redobradas, pois só assim honraremos sua memória.

Eu juro que vingarei a morte do meu pai. A partir de agora estarei comandando as linhas de frente como líder. Se tenho ou não medo da morte tornou-se uma questão irrelevante. Devo apenas cumprir meu dever como filho e como concordiano.

O inimigo só chegará à capital por cima do meu cadáver. Nós iremos defender nossas fronteiras a todos os custos. E sei que não estou sozinho nessa empreitada.

Não temam! Não saiam do país. Em vez disso, convido a todos que possuem saúde e patriotismo para que se filiem à Saordier para lutar conosco. Depois de muitos anos, abrimos vagas para novos postos e mudamos nossas regras de admissão. Por favor, confirmem os detalhes logo abaixo.

Atenciosamente,

Marechal Hia Mere”

– Puta que pariu! – exclamei – o garoto cresceu. Virou marechal. E roubou o posto de Menifa Sulian.

– Já havia boatos sobre isso – disse Pina – de que ele iria assumir o lugar do pai.

– Mas isso é nepotismo – protestei – é claro que Menifa Sulian está muito mais preparada para o cargo. Ela sempre lutou ao lado de Koro Mere. Esse menino não sabe nada! Esteve sempre escondido e agora que eles precisam de um novo herói ele simplesmente finge que é o novo salvador que o povo espera?

– Também acho estranho – disse Dado – a fama de Hia Mere sempre veio do fato de ser o filho de Koro Mere e não devido a nenhum feito particularmente heroico de sua parte. Ele apenas fez o mínimo que seu posto requisitava. Há outros mais preparados para assumir essa função. Nem que seja Bohaus Huoho. Mas não o filho, só pelo sobrenome!

– Isso pode funcionar para o povo – sugeri – pensem bem: todos ficarão mais animados ao saber que o filho sucedeu o pai no comando.

A Ordem da Discórdia

Eu tenho a teoria de que Hia Mere só será marechal no nome, para manter o romantismo e a esperança. Na prática, quem vai comandar será a vice-líder da Ordem.

– Acredita mesmo nisso? – perguntou Pina – mesmo depois daquela frase dramática: “Eu acredito no poder da verdade”?

– Pina, não seja ingênua – eu disse – você vive no mundo cor-de-rosa da internet.

– Garanto que às vezes é um mundo mais sombrio do que esse – disse Pina.

– Não importa – falei – você acredita em tudo que lê nesses sites. Não é só porque o próprio Hia Mere postou no site oficial da Ordem que significa que é tudo verdade.

– Também não precisa ser tão cética – disse Pina – se você não acredita neles, vai acreditar em quê? Eles estão lutando por nós! O que ganhariam nos enganando?

– Eles podem estar tentando evitar um pânico geral – opinei – pois com a morte de Koro Mere há alta probabilidade de isso acontecer.

Mas eu também não queria ser completamente cética. Eu queria acreditar. Para mim não importava quem era o líder de fato ou às escondidas. Eu queria confiar nas decisões que eles fizessem, acreditando que seriam para melhor.

Eu só queria ficar viva. Ou ao menos queria salvar minha filha. Minha família era preciosa para mim. Se Dado e Pina morressem, meu mundo terminaria. Eles eram meu mundo.

Se houvesse uma forma de salvar os dois com minha morte, eu o faria. Acho que era normal para uma mãe pensar assim. Só que não era assim tão simples.

O mundo era um lugar selvagem. E aos poucos meu casulo estava se quebrando. O mundo estava desmoronando ao meu redor.

Confesso que eu também me preocupava com meus vizinhos. Às vezes eu achava que não tinha amigos, mas era só parar para pensar bem e eu me lembrava de um punhado de pessoas que eu não queria ver mortas jamais. Eu certamente choraria a morte de alguns colegas de trabalho com os quais convivi, por bem ou por mal, nas últimas décadas.

Minha vizinha Chahia Sica, por exemplo, era minha melhor amiga. Era amiga de infância. Imagine se ela morresse! Seria como perder uma

Wanju Duli

irmã. Eu não tinha irmãos, mas Chahia era o mais parecida possível com uma irmã que nunca tive.

Eu queria parar de pensar em tudo isso, mas não conseguia. Se a mídia conseguiu esconder tão bem que Koro Mere corria perigo e nos passou uma imagem heroica dele, o que mais ela escondia? Os jornais iam nos tranquilizar com versões abrandadas das notícias. Afinal, eles não queriam o caos no país, com todos tentando fugir.

Éramos como gado indo para o abate. Seríamos bem tratados para aguardar com paciência a morte inevitável.

Fui para o trabalho no dia seguinte como se nada estivesse acontecendo. Todos ainda comentavam sobre o acontecimento do dia anterior, mas com menos entusiasmo. Imaginei que em alguns dias aquilo seria esquecido. Só iriam acordar outra vez quando a capital começasse a ser tomada. Era assim que deveria ser.

– Será que aquele fedelho, Hia Mere, está preparado para liderar? – comentou Eletan Far no intervalo.

Eletan estava sentado displicentemente sobre a mesa de trabalho, com um copo de café na mão. Estava agindo como se falasse de um jogo de futebol que nem mesmo ocorreria na nossa cidade.

– Espero que sim – falei, só para não deixar o coitado falando sozinho – nossa vida está nas mãos dele, então vamos torcer para que seja competente.

– Não seja sarcástica, Lana – disse Eletan – a situação não é assim tão grave. Você sabe que estamos ganhando.

– Isso não é um jogo de futebol, Eletan – argumentei – o placar nunca fica completamente claro. O jogo inteiro da guerra é totalmente obscuro e só ficamos sabendo quem ganhou no final. Não temos muitas pistas.

Pensando bem, o jogo devia ser obscuro para todos os jogadores. Eles nunca sabim ao certo quantos jogadores havia do outro lado do campo e o quão habilidosos eles eram. E as regras podiam mudar a qualquer momento.

A guerra era um jogo sujo e desonesto. Nem merecia ser chamada de jogo. Era apenas um massacre generalizado dos dois lados e não havia vencedores.

A Ordem da Discórdia

– Você e suas teorias da conspiração – disse Eletan – que eu saiba é sua filha quem fica lendo esses sites tolos e não você. A propósito, é lamentável que o colégio tenha cancelado as aulas. Eu não acho positivo deixarem os jovens com muito tempo disponível em tempos de guerra. Vão começar a planejar bobagem. Eles ainda não têm maturidade para entender o que está acontecendo e podem se precipitar desnecessariamente.

– Espera, o que você disse? – perguntei – a aula foi cancelada hoje outra vez?

Minha filha e o filho de Eletan estudavam no mesmo colégio.

– Cancelaram a semana inteira, em luto por Koro Mere – disse Eletan – já esqueceu que é um colégio militar? Eles ligam para essas coisas.

Eletan tomou mais um gole de seu café, despreocupado. Mas eu não estava assim tão calma.

– Eu já volto.

Liguei para o celular de Pina.

– Oi, mãe.

– Você me disse que tinha aula hoje – falei – mas Eletan me avisou que vocês terão uma semana de recesso.

– Pois é.

Eu suspirei.

– Por que mentiu para mim? – perguntei.

– Não foi bem uma mentira – alegou Pina – porque eu fui pro colégio me encontrar com uns colegas. Discutir sobre a guerra. Não queria te deixar preocupada.

– Por favor, não faça isso de novo. Imagina se a cidade é atacada e não sei onde você está!

– Nossa, mãe, que drama. Nem eu estou assim tão pessimista. A capital não vai ser atacada nem hoje e nem amanhã. Pelo que fiquei sabendo, ainda ficaremos pelo menos um mês em segurança.

– Onde você está obtendo essas notícias? – perguntei, meio aborrecida – você acha que um mês é muito?

– Sei lá. Nem me importo mais. As perspectivas não são muito boas. Tem muita coisa que estão escondendo da gente.

– Não te falei?

Wanju Duli

– Falou. Você sempre está certa. Na verdade está bem legal aqui. É mais real debater com meus colegas do que com os anônimos da internet. Tem pais ou parentes de colegas meus que estão participando da guerra, sabia? Por isso eles têm notícias em primeira mão.

– Está bem, divirta-se – falei, cansada – só não chegue muito tarde em casa, OK? Chegue para a janta.

– Talvez o pessoal combine um jantar hoje. Eu posso ir?

– Pode. Mas me ligue. E me passe o endereço desse lugar, OK? Vai ir junto algum colega seu que eu conheça?

– Ai, para, mãe. Eu não sou uma criança. Vai a Dariza e a Miela. É aquele restaurante meio chiquezinho que tem perto do colégio, sabe? Um tal de “Rei do Mar” ou não sei o quê.

– Não gaste demais.

– Disso eu já sei. Não precisa me avisar. Eu já estou contribuindo bastante em preservar o orçamento da família estudando nesse colégio.

– É um dos melhores colégios da cidade! – aleguei.

– Sim, mas é um colégio público. Tem colégios particulares caros que oferecem atividades extracurriculares que eu gostaria de fazer. Mesmo assim aceitei vir para cá porque era mais barato.

– Se você está falando do colégio “Harmonia da Deusa”, é um colégio patrocinado por concordianos.

Houve silêncio do outro lado da linha.

– Às vezes eu gosto de algumas coisas de Concórdia – ela confessou – os celulares de lá são mais legais. A moda de lá também é bem única. Mas agora com esse maldito nacionalismo, não se pode usar nem mesmo uma bijuteria de Concórdia sem sermos olhados torto.

– Então você não concorda com a guerra – concluí.

– Quero ser nacionalista e defender o lugar em que nasci – ela disse – mas não é que eu odeie Concórdia. Eu só nasci no lugar errado e na hora errada. Fazer o quê? Bem, mãe, tenho que desligar agora. O pessoal vai começar outra reunião. Tchau!

E ela desligou, antes que eu pudesse me despedir.

Quando voltei para minha mesa, Hipa Cam notou que eu estava meio abatida. Expliquei a ela o que tinha acontecido.

A Ordem da Discórdia

– Ela é jovem – disse Hipa – tudo isso que está acontecendo é demais pra ela. Nem nós, adultos, entendemos. Imagina uma adolescente. Não a pressione.

– Estou preocupada – falei – não quero que ela se filie a esses partidos estranhos. É essa a diversão dos jovens agora, pelo que ouço falar.

– Eles estão em busca de um ideal. Querem algo no que acreditar no meio de um mundo tão caótico. E tempos de guerra mexem com nossa cabeça e com nosso coração.

Meu coração ficava realmente apertado pensando em Pina.

Conversei com Dado sobre isso naquela noite.

– Deixe que ela participe dessas reuniões – disse Dado – melhor do que ela ficar trancada em casa lendo teorias da conspiração na internet. Ela está em busca de respostas para o que está acontecendo. Deixe que ela siga seu caminho. Não prefere que ela seja uma jovem politizada, preocupada com os problemas do seu país, do que uma alienada?

– Não vejo as coisas dessa forma – falei – acho que ela só está com medo, como todos nós. Ela não está interessada na guerra por altruísmo. Está com medo de morrer e quer saber o que está ao seu alcance fazer para se salvar.

– Ela sabe que não há o que ser feito.

– Eu imagino que ir a essas reuniões a deixe menos nervosa – sugeri – estar ao redor de pessoas que estão passando pelas mesmas coisas. O colégio dela é bom, mas nem ela e nem os colegas têm chance de conseguir um visto. Se alguma coisa acontecer, todos estaremos no mesmo barco e ficaremos aqui para morrer.

– É duro pensar nisso – falou Dado – construímos uma vida, lutamos para conseguir um bom emprego, comprar a casa, dar uma boa educação para Pina. E todo esse sacrifício para que, se vamos morrer? Se você soubesse que Pina morreria aos quinze anos, teria tido uma filha mesmo assim?

Senti lágrimas caindo dos meus olhos.

– Desculpe – ele disse – eu não deveria ter dito isso. Sou um idiota. É claro que ela não vai morrer. Daremos um jeito, nem que tenhamos que vender a casa. Vamos enviá-la para fora do país com segurança.

Wanju Duli

– Uma bolsa de estudos – falei – ouvi falar que ela pode conseguir uma para estudar fora. Se for possível estará a salvo.

E eu coloquei minhas esperanças nisso.

Nos próximos dias, passei a pesquisar a respeito na internet e pedi sugestão para meus colegas no trabalho.

– Não é tão simples quanto você pensa – falou Eletan, sempre pronto a destruir minhas ideias – só alunos com excelentes notas têm chance. E sua filha ainda está no primeiro ano. Se estivesse prestes a se formar seria mais fácil colocá-la numa faculdade estrangeira de segunda categoria.

Mas a questão era bem mais complicada do que ter notas ou dinheiro suficiente. Poucos países estavam aceitando gente de Discórdia. Principalmente aqueles que tinham algum tipo de acordo militar com Concórdia.

Na verdade, as opções de países para ir eram bem reduzidas. Mas qualquer lugar era melhor que a morte.

Eu e meu marido não teríamos dinheiro para sair do país nem para os lugares que porventura aceitassem nos receber. Por isso, nossos últimos esforços seriam no sentido de tirar Pina de Discórdia o mais rápido possível.

Alguns dos meus colegas e vizinhos também já estavam pensando nas possibilidades. Ninguém acreditava mais na mídia. Pina me contava de sites da internet com notícias completamente opostas ao que se mostrava na televisão.

Eu às vezes desconfiava que vivia em diversos universos paralelos. Sites do meu país mostravam uma coisa. Sites de Concórdia mostravam outra. E diferentes sites estrangeiros não participantes da guerra teciam uma nova interpretação da questão.

Era bem óbvio: na nossa TV se dizia que estava tudo ótimo e ninguém precisava se preocupar, mas nunca recebíamos detalhes concretos. Já nos sites de Concórdia eles estavam cantando vitória em antecipação. Diziam que a guerra já estava quase ganha.

No exterior eles pareciam mais realistas, pois não tinham nada a ganhar ou perder mentindo, pelo menos no caso de alguns países mais ou menos neutros: eles diziam que Hia Mere havia reduzido muito a chance de vitória dos discordianos com sua péssima liderança e que a

A Ordem da Discórdia

situação era “preocupante” para Discórdia. Mas acrescentavam que os concordianos não podiam cantar vitória ainda, já que havia “outros elementos” em jogo.

Era extremamente chato receber apenas notícias de segunda mão. O que será que realmente acontecia por baixo dos panos?

Para completar, ninguém nunca sabia explicar bem porque a guerra tinha sequer começado. Diziam que era mera disputa ideológica. Choque de culturas ou outra baboseira do tipo. Só que todo mundo sabia que havia diversos interesses financeiros por trás de todo aquele teatro macabro.

Eu sentia que vivia num teatro mudo. Eu só via pedaços de cena, jamais chegava a entender a história completa e era obrigada a imitar todo mundo, aplaudindo no final, independente de ter gostado ou não.

Eu já estava conformada em saber que morreria sem entender sequer a premissa da história. Era uma guerra estúpida que durava quinze anos, com heróis assassinos dos dois lados. Grande merda! Aquilo não era bonito. Era horrível. Eles não eram heróis.

“Koro Mere, por que você teve que morrer?” pensei, com irritação. Eu pensava isso com frequência.

No fundo, eu não me importava de continuar vivendo minha vida sem saber de nada dessas grandes disputas entre países. Que eles se matassem. Eu só queria que minha família não fosse afetada na brincadeira.

Afinal, eles estavam lutando por dinheiro. Não eram idiotas? Bem, é claro que dinheiro era importante. Eu precisava de dinheiro. Mas eu não tinha certeza se mataria por dinheiro. Quem sabe se eu estivesse com muita fome ou muito doente? Não sei bem. É difícil imaginar essa situação.

Eu não me considerava uma pessoa nobre e heroica. Tive uma adolescência comum, me apaixonei por Dado e tivemos uma filha não planejada, o que nos obrigou a procurar empregos que dessem um salário razoável.

E essa era minha vida até então. Eu me considerava feliz. Amava Dado e Pina. Não desgostava do meu emprego. Pensando bem, tive mais sorte que muitos. E eu não tinha nenhum sonho específico, além de ver

Wanju Duli

minha filha se formar no colégio, e talvez numa faculdade, se ela quisesse.

Só que nossa vida não estava normal. Pina nasceu no ano em que começou a guerra. Ela havia crescido num país em que mais da metade das notícias eram sobre a guerra. Ela foi educada com a noção de que nós, discordianos, éramos os bonzinhos e os concordianos eram os malvados.

Às vezes eu me esquecia do quanto tudo isso deve ter sido forte para ela. Eu vivi vinte e cinco anos num país relativamente pacífico. Havia notícias de roubo, assalto, assassinatos, mas era diferente, pois na maior parte dos casos não parecia haver nenhuma ideologia por trás. As pessoas roubavam para comprar drogas ou mesmo para ter acesso a coisas básicas.

Na guerra era diferente. Só os muito ricos e famosos eram poupados, pois conseguiam sair do país definitivamente. Quem ficava, era bombardeado todo dia pelas notícias ideológicas da guerra.

Se eu estivesse no lugar de Pina, teria ficado maluca. Mas até que ela suportou bravamente.

No fim de semana conversei com Chahia, minha melhor amiga. Ela me mostrou o site de um colégio numa ilha bem pequena e pobre da qual eu nunca tinha ouvido falar.

– Que língua eles falam aqui? – perguntei.

– Isso importa? – ela perguntou – foi o lugar mais barato que achei. E eles aceitam visto de Discórdia.

– Eles não estão em guerra, certo? – perguntei.

– É claro que não! – Chahia riu – quem iria querer fazer guerra contra essa ilha minúscula que não tem porra nenhuma? Não tem minerais, petróleo ou florestas.

– Poderia ser uma guerra civil.

– Acho que não. Eles têm violência, roubos e tal, em escala bem elevada, mas não é muito diferente daqui. Eu acho que vou mandar o Gafen para lá. Já conversei com ele sobre isso. Estamos começando a pesquisar sobre o visto. Acho que em poucas semanas já conseguimos arrumar tudo para a viagem.

A Ordem da Discórdia

– Que ótimo, Cha! – exclamei, animada – vamos fazer o seguinte então: seu filho viaja e conta o que achou. Se ele tiver boas notícias, mando a Pina para lá. Que tal?

– Pode ser. Mas acho melhor você se apressar, porque daqui a pouco nem nessa ilha vai ter vaga mais.

A tal ilha se chamava “Oásis”. Eu estava na casa de Chahia. Quando o filho dela voltou para casa, perguntei a ele o que achava da perspectiva de morar lá.

Ele deu de ombros.

– Tanto faz.

– Você não gosta do seu colégio ou da sua cidade? – perguntei.

– Sou indiferente – confessou Gafen – até que pode ser legal conhecer outro lugar, já que não conheço nem outras cidades de Discórdia. Sei lá.

– Vai ser bom estar num lugar sem notícias de guerra, né? – perguntei.

– É.

Ele não parecia muito a fim de conversar. Só deu um sorriso breve e foi para seu quarto.

– É a idade – disse Chahia, pegando um cigarro – ele não faz questão de ser simpático ou de ter conversas longas. Só com os amigos dele.

– Ele não vai sentir saudade dos amigos?

– Ele diz que é para isso que serve a internet.

Gafen tinha dezessete anos e estava no último ano de colégio. Para ele era mais fácil se transferir. Já podia até começar a procurar uma faculdade por lá.

Pelo que eu sabia, ele não era uma pessoa muito politizada. Não queria saber de assuntos de guerra e em geral ignorava notícias sobre Koro Mere.

Como minha filha e o filho de Chahia tinham idades próximas e até estudavam no mesmo colégio, sempre tínhamos nutrido alguma esperança de que eles podiam gostar um do outro e namorar, mas isso nunca aconteceu. Eles não eram nem mesmo amigos. Apenas se cumprimentavam e isso era tudo.

Quando eu e Chahia fazíamos brincadeiras sobre esse assunto com os dois presentes, os dois ignoravam solenemente. Não pareciam nem

Wanju Duli

mesmo sem jeito. Só não levavam a sério. Até que em certo ponto a gente entendeu que não ia rolar e não insistimos mais.

Na segunda-feira, Pina levantou-se para ir à aula um pouco mais cedo.

– Que raro te encontrar na mesa a essa hora – eu disse – quer um ovo com bacon?

– Não – ela disse, pegando apenas uma maçã – eu tô com pressa.

– Pra quê?

– Vou passar num lugar antes.

– Que lugar?

– Mãe, não enche.

– Mas eu quero saber. É muito cedo e é perigoso você ficar perambulando por aí a essa hora.

– Depois te falo, tá?

– Tem a ver com suas reuniões?

– Mais ou menos.

Ela saiu. Queria ter conversado com ela sobre Oásis. Foi uma pena.

Quando ela voltou do colégio, contei tudo sobre o lugar para onde Gafen ia. Eu tinha feito pesquisas na internet e me entusiasmei um pouco, mas ela não pareceu nem minimamente interessada.

– Que coisa de pobre! – ela exclamou, com desgosto.

– Como se você fosse muito rica – zombei.

– Posso não ser rica, mas também não estou assim tão desesperada – disse Pina, comendo seu arroz com carne com grandes garfadas.

– Lá tem água e luz elétrica – contei.

– Grande coisa! Se esse é o único atrativo do lugar, lamento por eles.

– Às vezes eu não te entendo – falei – você age como uma princesinha burguesa o tempo todo. Fica com inveja das coisas de marca que as amigas das suas colegas usam. E, do nada, fica super politizada e preocupada com os pobres.

– E daí?! – ela gritou – não posso ao mesmo tempo comprar um bom celular e me preocupar com os pobres? Estou sendo hipócrita? E você sabe que minha preocupação política não tem nada a ver com os pobres.

– Eu sei. Você só está arrumando um jeito de não morrer.

A Ordem da Discórdia

– Sim, eu tenho interesse em ficar viva – zombou Pina – ou isso também é uma preocupação burguesa? Mas eu não quero viver como um verme ou um animal. Quero ter o mínimo de dignidade. Senão prefiro morrer na guerra. De que adianta uma vida reduzida a comer e dormir? Quero viver como um ser humano.

– Chahia disse que perto do colégio em Oásis tem um restaurante e uma casa de danças.

– Tem um único restaurante nessa merda de ilha? – perguntou Pina, indignada – quem iria para esse buraco? Só mesmo Gafen, que nunca está nem aí para nada. Para ele sempre dá tudo no mesmo. Ele parece um zumbi.

– Você nunca passou fome – eu disse – nunca viveu os horrores de uma guerra.

– E nem você!

– Mas você estudou história – falei – e conhece os outros dois fantasmas que sempre acompanham a guerra.

– A fome e a peste – ela disse monotonamente.

– Exato. Quando a guerra se espalha, tudo é arrasado. As plantações e criações de animais são destruídas. As indústrias param. Começa a faltar comida. As pessoas ficam fracas porque não comem e contraem qualquer doença oportunista que apareça.

– Mãe, eu não sou uma criança. Eu sei como as pessoas ficam doentes. Eu já fiquei doente.

– Por poucos dias – falei – você não sabe o que é não ter água tratada e morrer de diarreia.

– Chega! – ela berrou, levantando-se – perdi a fome. Você me fez perder!

Ela saiu de lá, foi para o quarto e bateu a porta.

É claro que contei tudo para Dado. Ele me consolou:

– Faz só uma semana que Koro Mere morreu e ninguém sabe direito ainda o que está acontecendo na guerra. É normal que todos fiquemos tensos. Principalmente a Pina, que está numa idade difícil e que estuda num colégio em que não param de comentar sobre isso.

– Por que não trocamos a Pina de colégio? – perguntei.

Wanju Duli

– Não acho que isso irá resolver agora. Só tirando ela do país para que esqueça. E pelo visto ela não vai aceitar. Ela disse que só aceitaria sair do país se fosse para um mais rico que o nosso.

– Que princesinha! – exclamei – em tempos de guerra não tem como ser exigente.

No dia seguinte eu soube que Eletan ia tentar enviar o filho para um país até que bem jeitosinho: para Vernáculo, um país com metade do tamanho do nosso e que tinha um sistema educacional razoavelmente bom.

– O transporte é ruim – disse Eletan – eles não têm ônibus ou estradas fora das proximidades da capital. Parece que eles usam carros de boi na maior parte das cidades do interior.

– Sério? – perguntei.

– Mas é melhor que Oásis, porque eles permitem que se trabalhe lá enquanto se estuda. Além de não me dar despesas, meu filho ainda vai fazer uma graninha.

Contei a novidade para Pina com muito entusiasmo quando cheguei em casa.

Novamente, ela apenas virou o rosto.

– O que você tem, querida? – perguntei, preocupada.

– Nada.

E aquilo prosseguiu ao longo da semana. Ela sempre acordava muito cedo.

Na segunda-feira seguinte, ocorreu o oposto: ela estava estranhamente feliz. Disse que ia numa festa com as amigas.

– Aconteceu uma coisa boa – ela disse – depois eu conto.

Todo aquele mistério estava me angustiando. Pensando bem, acho que eu fazia o mesmo com minha mãe: não contava tudo pra ela, não me importava em dar satisfações. Agora eu via como ela se sentia. Eu não queria saber o que Pina estava fazendo por mera curiosidade ou porque eu queria me meter. Era porque eu me preocupava.

Eu queria que ela fosse feliz. Queria dar conselhos e eu me achava capaz, já que eu tinha passado pela idade dela, há muito tempo. Ela não precisava sofrer sozinha.

Ela chegou quase meia-noite em casa. Briguei com ela.

– Seu pai e eu estávamos preocupados – eu disse.

A Ordem da Discórdia

– Vocês se preocupam demais – ela disse, com voz meio embaralhada.

– Você bebeu? – perguntei.

– Talvez um pouco. Por quê?

– Você tem aula amanhã.

– Eu não vou.

– Por quê? – perguntei.

– Porque eu me alistei no exército – ela respondeu, com um sorrisinho desafiador.

Eu teria rido se a situação fosse outra.

– Você tem quinze anos – falei – sinto muito, mas se essa for mesmo sua escolha ainda terá que esperar mais alguns anos. A idade mínima para a Saordier é vinte anos, não é?

– Não. Já faz um tempo que eles baixaram para dezoito. E agora baixaram ainda mais: para dezesseis.

– Eles estão loucos? – falei – mesmo assim você não pode.

– Eu sei que ainda faltam alguns meses para o meu aniversário – ela disse – mas minha colega é parente de um general e ele me liberou. Começo meu treinamento amanhã.

– Não, você não começa – falei – você é menor de idade e só poderá fazer isso com minha autorização.

– Então eu vou pedir para o pai.

– Ele não é louco de autorizar essa absurdo. Você quer se matar?

– Quem disse que vou para as linhas de frente?

– Eu te conheço – falei – você quer ver o Hia Mere. Quer ver Menifa Sulian, Bohaus Huoho e Jala Monda. E sabe que só poderá ver o rosto deles se der a própria vida em troca.

Pina suspirou.

– Falando assim, parece que só vou para a guerra para brincar.

– Você tem pôsteres de todos eles nas paredes do seu quarto! – exclamei – e seu pôster de Koro Mere está num lugar de honra. Você diz que não se importa, mas é fã deles desde pequena. Eles são seus heróis. É claro que você também quer ser uma heroína. É claro que vai para a guerra. Como sou estúpida!

Como eu não tinha percebido aquilo antes? Todos os sinais estavam lá.

Wanju Duli

A geração dela nasceu na guerra. Os ídolos deles não eram atores ou cantores. Eram os malditos assassinos que fuzilavam “o inimigo”.

Pina foi muito boa em esconder o seu desejo mais secreto. Talvez tenha escondido até de si mesma, mas cedo ou tarde isso viria à tona.

Ninguém conhecia o rosto dos nossos “heróis de guerra” e por isso os pôsteres eram pinturas ou caricaturas. E é claro que isso só tornava a coisa toda mais misteriosa. Ela queria conhecer os guerreiros espetaculares por trás das máscaras.

– Se essa é sua forma de ver as coisas, tudo bem – disse Pina – contanto que você me dê sua autorização. Foi trabalhoso convencer o tio da Dariza e eu não quero que o esforço dela tenha sido em vão.

– Sua vida é mais importante.

– Eu não quero ir para Oásis ou para Vernáculo! – ela exclamou – pensando bem, até se você me arranjasse um país rico para ir eu pensaria duas vezes. Quero estar aqui com meu povo e lutar por ele.

– Você está falando como uma fanática! – exclamei, assustada – você sabe que essa história de “lutar pelo povo” é tudo lorotal! Se você voltar viva daqui uns anos, vai voltar com alguns pedaços faltando. E vai retornar para um país destruído. É esse seu sonho? Ser parte dessa loucura sem sentido? Você tem uma escolha. Pode dizer que não concorda com essa guerra. Que os dois lados estão errados. Que guerras não devem ser feitas. Que matar outros é abominável. Saia do país! Isso não é fugir. É ser a única pessoa sensata no meio dessa selva miserável.

– Você está com medo – disse Pina – se é assim, por que não sai você? Enquanto eu luto na guerra, vocês dois podem mudar de país. Não me importo.

– Você nem começou a viver. A vida que você conhece não é a única possível. Você pode ajudar os outros em outros países.

– Mas eu quero ajudar o meu povo.

– Agora chega – eu disse – se a sua escolha é a morte ou um país rico, eu e seu pai vamos vender a casa, fazer um empréstimo e nos atolarmos em dívidas para dar um jeito de te mandar para o país que você quiser ir, ouviu? Qualquer um. Escolha e ele é seu.

Pina levantou uma sobrancelha.

– Não seja boba, mãe – disse Pina – nesse mundo, nem tudo se compra com dinheiro. É uma tolice pensar assim. Existem países que

A Ordem da Discórdia

não nos aceitariam nem que déssemos a eles o peso do país em ouro. Há países com ideologias, religiões, acordos bélicos. Isso também faz parte do jogo. Eu diria que o dinheiro é apenas mais uma peça dentre muitas. Quem pensa que o capitalismo só funciona na base do dinheiro está vivendo uma doce ilusão que os poderosos quiseram vender. É claro que poder sobre os outros vale mais do que dinheiro: o poder de desprezar uma discórdiana, não importa o quão milionária seja. Isso não é uma zombaria mais prazerosa do que todo o dinheiro do mundo?

Ela queria me enganar com palavras. Não ia conseguir.

– Está insinuando que estou tentando comprar sua ideologia com dinheiro? – perguntei.

– Exato – ela disse – eu não vou cair nessa. Em primeiro lugar, sei que você não tem poder para me dar o que está propondo, mesmo que arranje o dinheiro. Em segundo lugar, teria sim países que tenho interesse em ir que possuem acordos com o nosso. Mas isso foi duas semanas atrás. Agora as coisas mudaram. Minhas amigas vão para a guerra e eu quero ir também. Não quero ser a única a fugir para um país qualquer, por mais rico que seja. Eu não quero jogar um jogo diferente, entendeu? Agora já entrei nesse e quero ir até o final.

– Cale a boca! – berrei, sem me conter.

– Ei, o que está acontecendo aqui? – perguntou Dado.

Eu tentei explicar, mas Pina me interrompia.

– Quero ir para a guerra lutar pelo meu país – ela declarou – preciso de sua autorização até amanhã.

Dado ficou confuso.

– Por que está decidindo tudo sozinha sem nos consultar? – perguntou Dado.

– Porque vocês teriam me feito desistir da ideia antes de tentar entender! – ela gritou – vocês não tentam entender como me sinto. Só se importam com minha vida. Foda-se esse corpo de carne! Eu me importo com o meu coração.

– Você está dizendo isso agora – falei – você não sabe o que é sofrer. Acha que vai ter refeições e banhos quentes nas linhas de frente?

– Foda-se! – ela berrou – eu quero fazer isso. E não vou voltar atrás. Prefiro morrer a me arrepender.

Wanju Duli

– Deixa de ser orgulhosa, Pina – disse Dado – está sendo impulsiva. Pense mais um pouco. Não é uma decisão a ser tomada do dia para a noite.

– Vou esperar até quando? – lágrimas começaram a correr de seus olhos – todos estão saindo do país! Eu não sou boba. Se eu esperar mais uma ou duas semanas, posso não ter mais o que esperar.

Meu mundo estava desmoronando. A situação era pior do que eu pensava.

Agora morrer junto com a minha filha na explosão de uma bomba já não parecia tão ruim. Pior ainda seria vê-la caminhar para a morte por vontade própria. Ela sofreria e morreria sozinha, e eu não poderia impedi-la.

Nós permanecemos conversando madrugada adentro. Todos choramos. E não chegamos a nenhuma conclusão.

Não dormimos quase nada. Acho que dormi uma ou duas horas no máximo, pois mesmo depois que deitei eu não consegui pegar no sono. Estava nervosa demais.

Ter filhos era ao mesmo tempo tão maravilhoso e tão doloroso! Agora eu já não conseguia imaginar minha vida sem Pina. Era como ter um pedaço da sua carne e do seu coração caminhando por aí. E toda vez que ele se machucava você sofria junto. Talvez até com força redobrada.

Então era como se uma parte louca de mim quisesse ir para a guerra se matar. E eu não pudesse fazer nada, a não ser sofrer em silêncio.

Primeiro eu chorei muito. Depois fiquei com raiva. Passei o dia inteiro de mau humor, até porque eu estava morrendo de sono. Eu tinha vontade de gritar para Pina que ela podia fazer o que quisesse, que eu não estava nem aí. Que se matasse!

Mas isso era uma mentira. É claro que eu estava morta de preocupação por dentro. Às vezes eu tinha um desejo secreto que ela quebrassem a cara só para ela voltar para mim e me dizer: “Mãe, você estava certa”, mas era só ver a carinha dela outra vez que meu coração se abrandava. Eu me tornava uma manteiga derretida.

Eu via nela apenas uma criança que estava aprendendo a viver e ainda não sabia de nada. Ela vivia num mundo de fantasia em que a guerra era apenas aquela coisa gloriosa que todos achamos que fosse quinze anos atrás. O coração dela tinha comprado todas as notícias mentirosas que a

A Ordem da Discórdia

mídia vendia: que Koro Mere era um herói, que tinha morrido bravamente, etc.

É claro que não era bem assim. Koro Mere foi um cara frustrado. Eu conseguia sentir isso lendo o que ele escreveu no site oficial. Ele não tentava fingir que a guerra era algo bonito. Ele falava da guerra como algo odioso. E falava de sua vida como uma maldição.

É claro que para os adolescentes tudo isso soava o máximo: achavam que Koro Mere era cool. Ele dizia que a guerra era uma bosta e eles viviam no meio da bosta. Devia ser verdade. Ele não tinha nenhuma intenção de iludir ninguém, mas estranhamente essas afirmações só deixavam todos mais entusiasmados.

Hia Mere se preocupava em alistar novatos para a guerra, mas Koro Mere nunca fez isso, até onde eu sabia. Ele vivia dizendo que tudo era horrível. Nunca queria fazer propaganda. Nas raras entrevistas que ele deu, ele era terrivelmente sarcástico.

Eu sabia o motivo: ele via o quanto a guerra tinha glamour nas cidades que não viviam os horrores dela diretamente. A capital ainda estava relativamente protegida do impacto, mas até quando?

Na verdade a maior parte da guerra costumava ocorrer na fronteira entre Concórdia e Discórdia, uma maldita terra de ninguém. Nos primeiros anos de guerra tudo ocorreu de forma diplomática e comportada, como se fosse realmente um mero teatro para a mídia. E talvez tenha sido mesmo.

Com o tempo eles foram gostando de brincar e não queriam só fingir. Pegaram mais pesado. Não sei bem o que aconteceu e em que momento essa fronteira foi atravessada: a fronteira da loucura.

Em que momento o imaginário tornou-se real?

Eu não sabia direito, mas eu sentia que o ritmo daquela balada com duração de quinze anos estava começando a acelerar. Acho que todos estavam perdendo a paciência. Aquela brincadeira da mídia estava saindo muito cara.

Concórdia e Discórdia eram dois países enormes, extremamente populosos. Não me admirava que eles sempre tivessem gente suficiente para mandar morrer na guerra ao longo de quinze anos. Ainda assim, os países continuavam populosos.

Wanju Duli

Havia umas teorias da conspiração por aí que diziam que o motivo principal da guerra era diminuir a superpopulação dos dois países, mas eu não acreditava nessa teoria. Eu não achava que o governo gastaria tanto dinheiro se fosse só por isso. Era muito mais fácil metralhar a população diretamente com uma desculpa qualquer, como já tinha acontecido outras vezes antes.

Na verdade, foi tão comum no passado metralhar a população que fazer protestos nas ruas saiu um pouco de moda. Em Discórdia, protestos eram uma passagem só de ida para a morte. Por isso o pessoal preferia protestar na internet e não nas ruas. Mesmo assim, de vez em quando pegavam uns caras da internet que falavam mal do governo e metiam na cadeia. Às vezes sumiam umas pessoas e ninguém sabia de nada.

Pina, é claro, achava que sabia de tudo. Ela acreditava em tudo que lia na internet e me relatava todos os detalhes.

– Sabe por que estão fazendo a guerra? – dizia Pina – bem, eu sei. É uma disputa de reis.

– Disputa de reis? – perguntei, sem muito interesse.

– A rainha de Discórdia pediu o rei de Concórdia em casamento. Ele não quis, então ela resolveu destruir tudo.

Essa teoria Pina me contou quando tinha onze anos. Atualmente ela tinha outras teorias mais elaboradas, envolvendo até supostos filhos ilegítimos de Koro Mere.

Para ela, tudo sempre foi uma história de amor e traição, ou um desentendimento familiar que atingia proporções globais. Atualmente suas histórias estavam menos românticas porque envolviam disputa por poder e dinheiro, mas não estavam menos emocionantes.

E se não fosse a vida real seria realmente divertido. Mas guerras eram reais. Aconteciam nos outros países e, infelizmente, estava acontecendo no nosso há um bom tempo. Tempo demais para ignorar. Era uma rotina tão comum comentar novidades da guerra que se tornou algo totalmente banal.

Mas morrer não era banal. E não importava o que diziam os panacas na televisão. Não iríamos acreditar mais.

Eu sabia que havia muitos jornalistas honestos que tentavam dizer algo próximo da verdade: os fatos que descobriram há muito custo. Mas

A Ordem da Discórdia

esses não recebiam bons empregos e definitivamente não apareciam na TV, a não ser em canais e programas que jamais seriam vistos.

Pina sabia que tudo aquilo era muito maior que ela: a máquina financeira e a disputa por poder, que era a briga de fato. Ela seria apenas mais uma peça descartável se entrasse para o jogo. Um peão de xadrez que seria prontamente sacrificado assim que surgisse a necessidade.

Ainda assim, ela aceitava morrer como um peão. Só queria poder jogar. Ela provavelmente morreria sem sequer saber porque estava lutando, mas para ela aquilo não importava. Se pudesse receber apenas a menor pista, já morreria feliz.

– A vida humana vale tão pouco assim para poder ser jogada fora por nada? – perguntei para Pina.

– Minha vida é tão preciosa que só pode ser usada para uma causa preciosa – disse Pina – eu não quero apenas trabalhar em qualquer coisa e ter pequenos prazeres. Isso é chato. Eu preciso de algo mais importante.

– Você quer muito viver essa experiência, não é? – perguntei – quer sentir dor, muita dor, pra se sentir viva.

– Sim.

– Você não quer salvar o seu povo. Se admitir isso pra mim, eu te deixo ir.

– Não quero salvar ninguém, a não ser a mim mesma – ela admitiu – eu busco um objetivo para a minha existência. De tudo que já descobri que pode ser feito, a política é o máximo que aprendi valer a pena.

– E a religião? A família? Os amigos? Ajudar o seu país diariamente através de um trabalho? – perguntei.

– Acho que agora a política se tornou meu trabalho, minha religião, minha família e meus amigos.

– Isso não é política – eu disse – uma guerra é só uma sombra mal feita de uma política ruim e sinistra.

– Está bem, mãe. Vou satisfazer o seu ego e dizer que você está certa. É claro que você não me entende. Ninguém me entende. Então, você me libera?

– Eu te libero de mim – falei – vá e morra.

– Obrigada.

Ela me abraçou.

Wanju Duli

Mais uma noite sem dormir.

Nas próximas semanas ainda não iríamos nos separar, pois um treinamento teórico inicial ocorreria na própria capital. Somente depois ela viajaria.

Enquanto os filhos dos meus amigos saíam do país com segurança, a minha filha iria para o lugar menos seguro do mundo.

Eu me sentia sozinha. Odiei Koro Mere com todas as minhas forças, por ele ter morrido. Odiei também Hia Mere por ele estar vivo e fazer com que aquela guerra sem sentido prosseguisse.

Capítulo 2: O Manto Dourado

Pina parecia estar muito feliz naqueles dias. Pelo menos isso. Estava empolgada com as novas aulas.

Ela já devia estar de saco cheio do colégio. Eu tinha percebido isso há um tempo, mas nem eu e nem ela falávamos nada. É claro que eu não ia concordar que ela largasse os estudos, mas pelo menos agora ela tinha uma desculpa. Eu só torcia para que ela não tivesse decidido morrer na guerra só porque não gostava de estudar.

Cheguei a falar isso com ela:

– Pina, se você tomou essa decisão só porque queria largar os estudos, então simplesmente me diga que quer parar de estudar e fazer outra coisa.

– Não tem nada a ver, mãe.

Se ela dizia...

Já fazia três semanas desde o anúncio da morte de Koro Mere. O filho de Chahia, Gafen, já tinha conseguido seu visto para Oásis. Ele viajaria no dia seguinte.

Resolvi acompanhá-los no aeroporto e levei Pina junto.

– Eu não quero ir!

Mas eu a arrastei mesmo assim. Imaginava que ela ficaria empolgada com a atmosfera da viagem de Gafen e poderia mudar de ideia.

No entanto, aquele aeroporto estava um horror. Era até difícil caminhar por lá. As filas saíam porta afora. Todos os voos atrasaram.

No final, eu e Pina tivemos que ir embora, pois o voo de Gafen iria atrasar pelo menos umas dez horas. Até que ele teve sorte. Alguns voos atrasavam dias, semanas, ou eram cancelados.

– Que inferno – disse Pina – os voos internacionais estão um pesadelo, mas até que as filas dos voos domésticos não estão ruins.

– Pois é – concordei.

É claro que ela também estava ansiosa que chegasse sua vez.

Wanju Duli

Foi um pouco estranho acompanhar Gafen ir embora. Aquele garoto alto e desengonçado com expressão de peixe morto. Ele usava um boné ridículo e um casaco verde-limão.

Talvez fosse a última vez que eu o veria e esse pensamento me entristeceu. É claro que Chahia estava mais triste que eu, mas eu sabia que ela tinha feito a escolha certa.

De uma coisa eu tinha certeza: Pina não estava fazendo a escolha certa. Mas se era isso mesmo o que queria, o que eu podia fazer? Provavelmente ela tinha razão: eu não a entendia. Eu achava que conhecia todas as suas razões superficiais para fazer o que fazia, mas talvez eu estivesse enganada. As pessoas não eram tão simples quanto eu imaginava, não importava que idade tinham.

Pina não era da minha geração. Seu jeito de raciocinar seguia um caminho não muito claro para mim. Eu lutava para fazer parte de seu mundo e não conseguia.

Notei que o impacto foi ainda maior para o marido de Chahia. Tebur Sica já era um cara meio silencioso, mas depois daquele evento tornou-se ainda mais lacônico. Sua expressão era tão abatida que era quase como se o filho deles tivesse morrido.

Chahia matriculou-se num curso de artesanato assim que Gafen partiu. E ela não parou de falar desse curso nos dias seguintes. Acho que era duro para ela falar de qualquer outra coisa.

No trabalho, Eletan me contou que não conseguiria enviar seu filho para Vernáculo.

– O visto dele foi negado. Vamos ter que tentar outro país. E o tempo está se esgotando.

A expressão de preocupação em seu rosto era visível.

Xipa enviaria as duas filhas para viver temporariamente com parentes em outro país. Mas a maior parte das pessoas que eu conhecia simplesmente não tinha condições de mandar os filhos para nenhum lugar. Alguns cogitavam simplesmente se mudar de cidade para um local mais seguro do que a capital. Afinal, se os concordianos conseguissem entrar no país é claro que a capital seria o objetivo máximo.

Para mim, isso não faria tanta diferença. Pina em breve se mudaria para uma cidade perigosa. Tanto eu como meu marido tínhamos emprego na capital e não podíamos simplesmente ir embora.

A Ordem da Discórdia

Eu e ele resolvemos simplesmente aguardar. Ainda nutríamos uma tola esperança de que a guerra não chegaria a nós. Então não valia a pena arriscar largar tudo e se mandar: a casa, o emprego, toda a vida que tínhamos, para viver em uma situação precária numa cidade qualquer, sendo que não tínhamos nenhuma garantia de que a guerra não chegaria lá também. A probabilidade seria apenas menor.

Lá estava eu no trem, checando meu celular como todos os outros passageiros, despreocupadamente. Indo para o trabalho, como se aquela situação pudesse se manter por todo o tempo.

As notícias estavam uma merda. Era lamentável. Ninguém dizia coisa com coisa. Isso porque ninguém sabia de nada.

Os jornalistas pareciam embaraçados e falavam de trivialidades. Mas o que eles podiam fazer? O que eu mesma teria feito no lugar deles? Nada.

Eu sinceramente ficava embaraçada de contar para as pessoas que minha filha de quinze anos tinha se alistado. Diriam que eu era uma mãe irresponsável. Acho que naquele ponto ninguém mais achava um orgulho mandar os filhos para a guerra para serem despedaçados, como se costumava fazer há quinze anos.

Pina sempre chegava em casa com uma novidade para contar.

– Estou aprendendo muito! – exclamou ela – meus estudos agora são muito mais divertidos do que no colégio! Claro que eu não posso contar tudo porque é confidencial, mas é simplesmente o máximo!

A empolgação dela era a única coisa que me dava um pouco de consolo. Só que aquilo não era o bastante.

Os jornais diziam que nosso exército nos protegia pela terra, mas a aeronáutica estava com muitas baixas.

Houve a notícia de uma cidadezinha minúscula nossa, que ficava no litoral, e que foi bombardeada. No início ninguém deu muita bola, até porque a cidade era praticamente deserta.

Até que notícias desse tipo começaram a virar rotina. Foi questão de dias.

Uma semana depois, o noticiário estava tomado por imagens de cadáveres cobertos por panos. As cidades em que essas coisas aconteciam ainda ficavam longe da capital, mas ninguém se deixou enganar.

Wanju Duli

Houve pânico geral. O aeroporto parou. E eu não consegui entrar no trem para trabalhar naquele dia. Tive que ir à pé e cheguei duas horas atrasada.

– Não acredito – lamentou Pina – faltava só três dias para eu viajar!

Aquilo não seria mais possível. Eles declararam que o aeroporto estava fechado para a população por tempo indeterminado. Só realizariam voos de urgência.

Eu sabia o que isso significava na prática: só os ricos e personalidades importantes do governo podiam sair do país. Típico.

Não era mais possível usar os trens lotados, pois aquilo estava um caos. Por isso passei a ir e voltar do trabalho de bicicleta.

Mesmo se tivéssemos carro não teria adiantado de nada. Afinal, com os engarrafamentos eu provavelmente só chegaria ao trabalho com umas quatro ou cinco horas de atraso. E retornaria para casa de madrugada. Sendo assim, era mais fácil me mudar para perto do trabalho.

Eu e meu marido já estávamos cogitando as possibilidades.

– Vamos esperar – ele disse – pode ser só um pânico passageiro.

Eu não estava tão otimista assim. A situação apenas piorava.

Eletan, em desespero, largou o emprego. Ele, a esposa e o filho iriam se mudar para uma cidade do interior. E eles iriam percorrer boa parte do caminho à pé, arrastando as malas. Eu fiquei em choque quando soube. Eles teriam que fazer uma viagem de longos dias.

– Talvez eu consiga uma moto – ele me disse.

Mas seu sorriso estava meio apagado. Provavelmente aquela era a última vez que eu o veria.

Pina também estava cogitando viajar à pé ou de bicicleta, mas eu não permiti.

– Você está indo na direção das cidades que acabaram de ser bombardeadas – falei – vai morrer antes de chegar ao seu destino!

Dado me contou, com alegria, que havia conseguido uma transferência de seu trabalho. Era para uma das cidades mais pacatas e desertas que havia em nosso país. Ninguém cogitaria ir para aquele fim de mundo. Portanto, era muito seguro.

– Largue seu emprego e venha comigo – disse Dado – não importa que fique sem trabalhar por um tempo. Meu salário pode nos sustentar enquanto isso. É só alugarmos um lugar pequeno.

A Ordem da Discórdia

– Pode ir, Dado – falei – eu vou viajar com Pina.

– O quê?! – perguntou Dado, chocado.

– Ela disse que vai para seu destino nem que seja à pé e que ela morra no caminho. Não posso permitir que vá sozinha. Eu e ela vamos juntas. Assim já a ajudo a levar a bagagem.

Eu sabia que era loucura. Eu e ela viajaríamos de bicicleta. Pina reduziu ao máximo o conteúdo de suas duas mochilas para não nos cansarmos.

– Você não precisa fazer isso, mãe – disse Pina – não quero que você morra por minha causa.

– Acho que já está na hora de você perceber que suas decisões não afetam somente você mesma – falei.

– Isso é injusto – disse Pina – eu quero que a minha vida seja só minha. Não se metam! Saiam da cidade em segurança. Não acredito que você vai me acompanhar logo agora que o pai conseguiu uma transferência. Você ama mais a mim ou o seu marido? Tenham outro filho depois da guerra, vivam uma boa vida e esqueçam que eu desapareci.

– Tarde demais – falei – assim como você, não estou sendo racional.

É claro que era uma decisão totalmente emocional. No fundo, eu queria que Dado nos acompanhasse naquela aventura insana e morrêssemos os três juntos. Mas era apenas um pensamento egoísta e maluco.

Eu sabia que não ficaria em paz enquanto não tivesse certeza que Pina chegou em segurança no seu destino. Era meio idiota dizer coisas como “quero garantir que ela chegue em segurança na guerra”, mas eu não me importava mais com isso. Se o objetivo de Pina era morrer no meio da batalha, com glória, a minha função era apenas garantir que ao menos ela chegaria naquela porra de batalha desgraçada.

Acho que pais são as criaturas mais difíceis de entender da face da Terra. Eu queria apenas mimar minha filha ingênua e egoísta, dando-lhe tudo o que queria. Eu não era uma mãe terrível? Enquanto todas as outras protegiam os filhos, eu jogava a minha para a morte.

Talvez eu tenha falhado como mãe. Falhado em lhe dar uma boa educação. Mas não era mais hora de pensar nisso. Eu precisava fazer a melhor escolha nas circunstâncias em que me encontrava.

Wanju Duli

Eu estava feliz que ao menos Dado ficaria seguro. Era meu consolo.

– Se eu morrer – eu disse a Dado – por favor, case de novo. Me promete? Eu não quero te ver sozinho e abandonado numa cidade deserta para todo o sempre.

– Não fale bobagem – disse Dado – você vai mesmo ir?

– Eu não iria suportar passar as próximas semanas apenas trancada em casa, imaginando as dezenas de formas que Pina pode morrer naquele exato instante.

No fundo, eu iria fazer aquilo por mim mesma. Eu me sentiria mais tranqüila em me arriscar daquela forma do que definhar mentalmente numa cidade distante, sem ter nem ao menos meu emprego para me distrair.

Pina ainda demorou mais uma semana para ir embora, pois seus superiores ainda não a tinham liberado. Até no exército estavam ocorrendo atrasos.

Em questão de poucos dias a comida estava começando a desaparecer nos supermercados. Os preços oscilavam como loucos. Num dia, o pão custava cinco moedas e no outro cinquenta.

Estavam todos viajando e precisavam comprar estoques de comida para a viagem. Assim, as prateleiras dos supermercados esvaziavam e as filas eram ridiculamente longas.

Pensando bem, eu iria enlouquecer se não saísse da capital. O transporte público tornou-se praticamente inexistente e em breve eu teria que fazer longas caminhadas para achar algum estabelecimento que ainda tivesse comida.

Eu estava furiosa com o caos ao meu redor. Nem havia caído uma bomba na nossa cidade ainda e todos corriam como formigas e se amontoavam. Eu ouvia falar que nosso país era superpopuloso, mas só entendi o que aquilo realmente significava naqueles últimos dias.

De onde tinha saído tanta gente? As pessoas se empurravam até para andar nas calçadas agora.

Eu ouvia muita gente com sotaque do interior nas filas dos supermercados. Pelo jeito a comida começava a escassear nas cidades diretamente atingidas pela guerra e eles não viram outra escolha a não ser se mudar para a capital, onde ainda podiam conseguir comida e um lugar para ficar.

A Ordem da Discórdia

Nós acabamos hospedando uma família na nossa casa. Ao todo, eram dez filhos pequenos, todos muito pobres. Eles tinham que dormir amontoados nos quartos, mas estavam muito felizes. Seria o melhor que conseguiriam.

Vender a nossa casa estava fora de questão. Quem compararia uma casa como a nossa na capital, perto do centro da cidade e possível alvo de bombardeio futuro? Acho que só quem estava com muita fome não temia mais as bombas. Entre morrer de fome e morrer na guerra, era preciso arriscar a ir para as zonas perigosas.

Eu e Pina abraçamos meu marido. Chegou a hora de ele se mudar para sua cidadezinha pacata.

– Me liguem, me mandem e-mail, carta, qualquer notícia! – pediu Dado – por favor, comuniquem-se todos os dias.

– Mas não entre em pânico se passarmos alguns dias sem dar notícias! – disse Pina – pode ser que a gente vá para algum lugar afastado que não tenha internet ou linha telefônica. Eu sei lá pra onde a gente tá indo!

Eu tinha um mapa, mas não tinha muita habilidade em me achar nele. Pelo menos serviria para perguntar para as pessoas pelo caminho.

Eu abandonei meu emprego apenas um dia antes de viajar. Fui uma das últimas que fiz isso. Pensando bem, acho que eu teria sido demitida da mesma forma. Muita gente estava perdendo o emprego naqueles dias. Mas eu aguentei até o último minuto, pois precisava daquele dinheiro.

Gastei boa parte dele em comida. Eu e Pina pegamos nossas bicicletas e nas costas as mochilas estavam atoladas com comidas industrializadas. Nós não teríamos tempo de sentar, fazer uma fogueira e cozinhar, como nos filmes. Tinha que ser algo prático e rápido.

Até andar de bicicleta era difícil. Levamos longas horas para conseguir sair da cidade com aquelas calçadas abarrotadas e aquele trânsito.

Até que reinou a paz e o silêncio. De repente, depois de muito tempo, achamos ruas vazias.

Apenas um monte de verde no meio do nada.

– Será que saímos da rota? – perguntou Pina, olhando o mapa – não é possível que tenhamos nos perdido logo no começo!

Depois de uma hora de desespero, reencontramos nosso caminho. Discutimos bastante por causa disso, mas logo rimos juntas.

Wanju Duli

– Que loucura! – disse Pina, deliciada – essa é a aventura mais fodida que já tive. Minhas pernas e minhas costas doem. Eu estou cansada, com frio e com fome. Mas tem algo especial dentro de mim.

– Dentro de mim não tem nada – falei – mas se você está feliz, fico feliz também.

– Eu ainda não acredito que você abandonou o pai.

– Eu não o abandonei! – protestei – eu vou apenas te conduzir para onde quer ir. Depois vou voltar para onde ele está.

Nunca andei de bicicleta por tanto tempo. Meu corpo inteiro estava quebrado. Paramos para descansar e comer. E depois prosseguimos, mas eu sentia que aquele breve período de descanso não tinha adiantado nada.

Quando caiu a noite eu tive medo. Estávamos no meio do nada. Pelo menos as bicicletas tinham farol para iluminar nosso caminho.

Comecei a ficar com muito sono, mas aguentei. Não podíamos parar.

Foi só quando estava quase amanhecendo que paramos para dormir. Não agentávamos mais nem um minuto de olhos abertos. Simplesmente paramos no meio da calçada da estrada, jogamos nossas bicicletas e nossas mochilas para o lado, e caímos no sono na mesma hora. Acho que dormi assim que encostei na grama. Ignorei todo o desconforto.

Quando acordamos, as bicicletas não estavam mais lá. E nem as mochilas.

Entramos em pânico. Estava na cara que tínhamos sido roubadas.

Olhamos ao redor. Consegui achar dois pacotes de salgadinho, que pelo jeito nem os ladrões quiseram. Agarrei aquilo como se fosse um tesouro.

Estávamos sem celular e sem casacos também.

– Acabou – eu disse – vamos retornar.

– Não! – berrou Pina, determinada – já chegamos tão longe!

– Você quer continuar à pé? – gritei, em resposta – e morrer de sede e de fome?

Eu ainda tinha aquele mapa idiota. Talvez conseguíssemos chegar numa cidadezinha ali perto, se caminhássemos bastante.

Seguimos em frente, pois eu também acharia frustrante retornar depois de tudo.

A Ordem da Discórdia

Só na noite seguinte chegamos na cidadezinha. Mas estávamos sem nada: sem dinheiro nenhum para pagar comida ou hospedagem.

Eu queria ligar para Dado e procurar um banco. Mas parecia que nem banco havia naquela merda de cidade!

Surpreendentemente, lá as pessoas eram muito gentis e hospitaleiras. Ou talvez não fosse tão surpreendente assim: era uma cidade do interior, afinal. E eles já estavam acostumados a receber pessoas fugindo da capital naquelas últimas semanas.

Tomamos coragem e pedimos ajuda. Uma velhinha viúva nos hospedou e nos deu uma maravilhosa refeição quente. Ela já estava hospedando outras quatro mulheres esfarrapadas.

Cada uma contou sua história, mas eu não estava muito interessada. Estava cansada demais.

Tomar banho me fez sentir renovada. E dormi como um anjo.

No dia seguinte, eu e Pina conseguimos uma carona num caminhão. Logo chegamos a algumas estradas bem lotadas e pegamos um engarrafamento dos diabos. Mas eu me conformei. Decidi que era melhor aquilo do que caminhar.

Adotamos a prática de pegar caronas, mas não era tão fácil. Ainda tivemos que caminhar em boa parte do caminho.

Pelo menos agora tínhamos alguma comida conosco, que a boa velhinha nos deu. Após alguns dias, as estradas estavam desertas de novo, por um simples motivo: aquelas eram as estradas que levavam para as cidades bombardeadas. O engarrafamento só estava nas estradas que saíam daquelas cidades e não nas que levavam a elas.

Chegamos na primeira cidade. Foi meio chocante, pois a destruição era total. Havia escombros por todos os lados.

A cidade estava quase inteiramente deserta. Sempre que encontrávamos alguém, corríamos para perguntar sobre comida, hospedagem e transporte.

E foi assim que conhecemos mais duas cidades bombardeadas até chegar ao nosso destino.

Pensei que seríamos recebidas por exércitos e aviões lançando bombas, mas apenas reinava o silêncio, poeira e escombros cinzentos.

Wanju Duli

É verdade que uma ou outra vez ouvíamos o barulho distante de um avião. E cada vez que ouvíamos aquilo, meu coração acelerava e eu prendia a respiração.

Quando Pina finalmente chegou ao seu destino, fiquei aliviada. Por um momento achei que aquilo não seria possível.

A cidade em que ela ficaria estava muito bem estruturada para manter o exército. Diziam que aquele era o local do exército o mais longe possível da guerra. Então Pina ficaria bem. Por enquanto.

Ali ela receberia treinamento prático por alguns meses. É claro que poucos meses não era um período de treino suficiente para lutar nas linhas de frente. Pelo menos era tempo o bastante para que ela mudasse de ideia.

Pina foi muito bem recebida. Até mesmo encontrou uma colega de classe e as duas logo estavam rindo com animação.

Eu sinceramente não estava com muita vontade de rir depois de toda a destruição que vi, mas estava satisfeita por ter cumprido minha missão. Sentia-me orgulhosa. Acho que fui corajosa. Percebi que tomei uma boa decisão ao acompanhá-la.

Bem, agora que minha parte em tudo aquilo estava terminada, era hora de voltar. Consegui ligar para Dado e contei-lhe tudo.

– Vocês duas tiveram ao mesmo tempo muito azar e muita sorte – ele disse – foi azar terem suas coisas roubadas logo nos primeiros dias, mas foi sorte terem achado tantas pessoas gentis no caminho que ajudaram.

– Não sei se vou achar tantas pessoas gentis na volta – eu disse – mas agora estou muito cansada. Acho que vou descansar aqui por uns dias para recuperar as forças. Você se importa?

– Claro que não. Por que não fica com Pina até que ela tome sua decisão?

– Eles não vão me deixar ficar – falei – e eu não tenho dinheiro para pagar minha estadia aqui.

– Eu estou trabalhando. Posso te enviar alguma coisa. Tem banco aí?

– Tem sim. Mas agora já estou tranquila. Não vejo necessidade de permanecer por muito tempo. Não tenho nada a fazer aqui. Quero ir o quanto antes para onde você está e começar a procurar emprego. Até porque aqui não é exatamente um lugar seguro.

A Ordem da Discórdia

– Você tem a proteção do exército. Eu arriscaria dizer que é o local mais seguro do país no momento.

Talvez.

Eles permitiram que eu ficasse lá por alguns meses, até que Pina terminasse o treinamento. Eles entenderam que eu estava numa situação difícil para retornar e estava preocupada com minha filha.

Algumas semanas depois, uma das cidades pelas quais passei no caminho foi bombardeada. Senti um frio na espinha. Não era uma hora boa para retornar. Será que não era melhor eu já ter voltado? E se a situação piorasse depois e eu ficasse presa lá?

Meu consolo é que eu via Pina todos os dias. Ela estava linda e animada em seu uniforme amarelo. Os cabelos presos num coque.

– Que bom que está aqui, mãe. Acho que você é a única mãe do acampamento!

Ela riu ao dizer isso, mas eu me preocupei. Comecei a pensar que seria ao menos cortês eu me oferecer para ajudar em algum serviço. Era verdade que eu estava pagando minha comida e estadia, mas me sentia meio inútil por estar ocupando o precioso espaço deles e recebendo segurança sem contribuir com nada.

Eu queria “ser útil ao meu país”? Talvez não. Só não queria ser uma visita rude.

– O que você sabe fazer? – me perguntaram.

Eu tinha um trabalho burocrático de escritório na capital. Descrevi o que eu era capaz de fazer, mas eles não estavam precisando de nada daquilo no momento.

– Sabe cozinhar e costurar? – ele perguntou.

– Os dois – falei.

– Que bom, pois senão só restaria o trabalho de limpar. Nós também estamos precisando de mensageiros, mas você não parece ter muito preparo físico para isso.

É verdade que eu tinha uns quilinhos a mais. Talvez muitos quilos. Mas achei o comentário rude.

Resolvi começar com os serviços de cozinhar e costurar. E não é que me diverti?

No começo foram tarefas simples. Eu era uma mera auxiliar na cozinha e só fazia o que o cozinheiro mandava: cortar vegetais e outras

Wanju Duli

coisas que qualquer um saberia fazer. E eu apenas fazia remendos em calças e camisas com furos. Outra tarefa bastante trivial.

Eles estavam me subestimando. Quando eu disse que sabia cozinhar e costurar, eu me considerava um pouco acima da média nessas tarefas. O cozinheiro reparou e aos poucos fui assumindo funções mais importantes.

Não demorou muito para eu ter a permissão de elaborar novos pratos. É verdade que não havia muitos ingredientes disponíveis, mas como eu estava acostumada a fazer a janta na minha casa com pouca coisa, eu aprendi a ser criativa.

Logo, estavam todos elogiando os novos pratos. O cozinheiro anterior não costumava se esforçar muito para fazer pratos novos e apenas se focava no básico. Como eu era uma recém-chegada e estava empolgada, eu fazia questão de colocar todo o meu esforço na combinação de ingredientes e no tempero.

Antes comer no acampamento era apenas mais uma das tarefas chatas do dia, como bater ponto. Com os meus pratos, o pessoal começou a aguardar ansiosamente o horário das refeições. Eu passei a ser muito elogiada.

Não demorou muito para que eu treinasse meus próprios auxiliares. Eu era largamente elogiada e até Pina estava bastante orgulhosa de mim. Fazia questão de contar a todos que sua mãe era a nova cozinheira, responsável pelos novos pratos maravilhosos que de repente surgiram no acampamento.

Todos estavam desanimados com o racionamento de comida, então diziam que eu só podia ser uma poderosa feiticeira para ser capaz de preparar aquelas refeições criativas e nutritivas com praticamente nada.

Eu aproveitava tudo. Fazia até sobremesas com cascas de frutas. É verdade que as frutas estavam cada vez mais raras, mas eu aprendi a aproveitar cada pequeno pedacinho.

Com aquela aclamação geral, fui eleita a nova cozinheira chefe. O cozinheiro chefe anterior não gostou muito. Ele não foi demitido, mas ficou em segundo plano. Ele não me olhava com bons olhos.

“Droga” pensei.

Mas lá estava eu, com um emprego inesperado. Liguei para Dado e avisei. Ele me parabenizou com alegria.

A Ordem da Discórdia

- Pretende permanecer aí mesmo quando Pina for embora?
- É difícil achar emprego em tempos de guerra – falei – então eu acho que vou ter que ficar. Pelo menos até a guerra terminar.
- E se ainda levar muitos anos para terminar? Cinco anos? Dez anos?
- Bom, nesse caso eu volto antes.

Eu preferia não me preocupar. Talvez aquele fosse o primeiro emprego realmente divertido que arranjei. Eu gostava um pouco do meu trabalho no escritório, mas ele nunca me empolgou a trabalhar além do meu horário habitual. Como cozinheira, eu não me importava nem mesmo de fazer hora extra para me certificar de que tudo sairia perfeito.

Naqueles tempos recebemos a notícia de que Hia Mere não era mais o líder da Ordem, e sim Menifa Sulian. A maioria estava bastante animada com isso, pois significava que as estratégias de guerra mudariam. Provavelmente para melhor.

E essa foi a conversa do momento: enquanto comiam, só falavam sobre a habilidade de liderança de Menifa Sulian e sua superioridade em relação a Hia Mere.

Na verdade, fiquei sabendo de várias informações interessantes que não teriam chegado a mim se eu estivesse na capital. Tanto Bohaus Huoho quanto Jala Monda eram generais de divisões diferentes do exército. Ele ficava com o norte e ela com o sul.

Além disso, havia os rumores mais bizarros. Alguns novatos até mesmo duvidavam da existência daquelas figuras lendárias. Achavam que até mesmo a existência de Koro Mere foi apenas uma invenção para acalmar o povo. Para poder dar-lhes um herói de guerra. Mas se fosse assim, anunciar que ele morreu de repente teria que função?

Era estranho, mas parecia que ninguém naquela cidade jamais havia visto Koro Mere ou Hia Mere. É claro: o pessoal de lá não lutava nas linhas de frente de batalha. Tinham outras funções. Mas mesmo assim não achei aquilo normal.

Os soldados comuns, como Pina, vestiam um uniforme bem simples, amarelo queimado. Eu desconfiava que quanto mais se subia na hierarquia, mais a cor do amarelo se tornava mais berrante.

Claro que havia outras diferenças nas vestimentas, mas sempre que eu via alguém trajando amarelo num tom um pouco mais claro ficava alerta. Podia ser alguém importante.

Wanju Duli

Era meio raro de acontecer. Quase todos os presentes no acampamento eram novatos trajando amarelo queimado. O pessoal que os treinava, esses sim tinham os uniformes um pouco diferentes: com chapéus exóticos e outros adereços.

Houve um momento em que enviaram dezenas de soldados para fora da cidade. Não sei bem para onde, mas reparei que a quantidade das refeições havia diminuído. Eu estava com menos tarefas naquela época, principalmente porque meus assistentes de cozinha já eram bem treinados e aprenderam a preparar os pratos do jeito que eu os ensinei.

Foi nesse período que eu resolvi pegar algumas tarefas de costura no meu tempo livre. De fato, o que seria daquele acampamento sem mim? Antes eles comiam comidas pouco diversificadas e sem muito gosto, e trajavam uniformes furados e sem graça. Bastou que eu colocasse minhas mãos mágicas nos uniformes e a coisa começou a mudar.

Pina me contou que era meio difícil mover os braços e pernas para alguns movimentos mais complexos. Por isso, testei algumas modificações no uniforme e ela disse que agora estava perfeito para se mexer.

Vários outros soldados me pediram que eu arrumasse os uniformes deles também e assim fiz. Logo estavam todos muito felizes.

Eu passei a estudar outras possibilidades. Propus que fosse usado um tecido diferente, que era até mais barato e facilitaria na movimentação e na lavagem.

Não demorou muito para que eu fosse autorizada a realizar diversas outras pequenas alterações nos uniformes. Confesso que até mudei um pouco a parte estética, embora preservando a ideia geral dos uniformes, para que ficassem mais bonitos ao vestir. Particularmente, adaptei os uniformes femininos para vestir melhor no corpo das mulheres, já que aparentemente essa preocupação havia sido pouquíssimo considerada.

Logo as meninas do acampamento estavam maravilhadas com os novos modelos dos uniformes, muito mais bonitos.

Só não fui criticada pela minha petulância porque não alterei muito as cores e outras coisas essenciais que deviam ser mantidas conforme a regra. Sim, eu tive bastante cuidado nisso, pois não queria ser demitida por estar me metendo demais.

A Ordem da Discórdia

Agora eu tinha oficialmente dois empregos: cozinheira e costureira. Meu salário aumentou, mas eu não sabia o que fazer com ele. Por enquanto estava guardando no banco para emergências.

Eu morava num quartinho pequeno e não havia coisas como shopping, cinema ou restaurantes para eu gastar. Tínhamos outros tipos de diversões por lá.

Fiz duas amigas: Gerana Dazari e Riela Vicissi. As duas trabalhavam na cozinha comigo e passávamos o dia fofocando rumores de guerra.

– Hia Mere disse que iria para as fileiras da frente da batalha, mas isso é uma grande mentira – disse Gerana – todos dizem que ele nunca foi. Talvez uma ou duas vezes no máximo, mas ele obviamente está em outro lugar mais seguro. É claro que ninguém respeita um líder que não arrisca a própria vida. Ele não é como o pai dele.

– Além disso, todos dizem que Koro Mere era muito mais bonito que o filho – falou Riela.

– Como que dizem isso se ninguém nunca viu o rosto de nenhum dos dois? – perguntei.

– Ai, Lana, não seja boba – disse Riela – sempre tem alguém que vê, por mais que eles escondam. As notícias vão se espalhando por aí.

– Notícias que não passam de boatos – insisti – até porque beleza é algo pessoal.

– Você acha que Koro Mere fazia sexo de máscara? – perguntou Riela.

– Eu não duvido – disse Gerana.

– Imagine só fazer sexo com aquele gostoso cinquentão do Koro Mere! – Riela suspirou – pena que ele morreu. Eu não teria interesse de fazer sexo com Hia Mere, porque ele é um covarde.

Eu frequentemente achava os comentários delas inadequados, especialmente os de Riela. Mas eu não conseguia deixar de rir.

– Dizem que Koro Mere tinha um corpo sensacional – prosseguiu Riela – forte e musculoso. Ele estava sempre treinando, mas Hia Mere é só um fraco magrelo e feio.

– Onde é que você escuta todos esses rumores? – eu ri.

– E Koro Mere tinha uma barba muito respeitável – disse Riela – vocês não preferem homens de barba? Hia Mere usa barba só para imitar o pai, mas não fica muito bom nele.

Wanju Duli

– Eu honestamente não sei de onde você tirou tudo isso, mas coitado do Hia Mere – falei – deve ser horrível para ele ser comparado com o pai o tempo todo. Ele deve ser todo complexado por causa disso.

– Ser filho de Koro Mere já é sorte suficiente – disse Gerana – ele nem deve ter precisado se esforçar muito para subir na hierarquia. Teve tudo de mão beijada. Por isso ele não é levado a sério. Deviam valorizar mais os outros generais que chegaram lá com suas próprias forças.

Gerana tinha 54 anos e Riela 36. Às vezes Riela falava como uma adolescente sonhadora.

Gerana já era cozinheira há muito tempo e tinha muita experiência. Dois filhos dela estavam na guerra. Por isso ela foi parar lá. Já no caso de Riela ninguém sabia direito o que tinha acontecido. Ela simplesmente estava lá cozinhando conosco. Até onde eu sabia, ela era solteira. E gostava muito de sexo casual com soldados. Ela dava em cima de todo mundo e eles adoravam. Ela era mesmo bonita.

Eu desconfiava que Riela decidiu ir para aquela cidade porque queria estar por dentro de todas as fofocas da guerra. Ela questionava todo mundo para saber das últimas novidades. Pelo jeito talvez tivesse até conseguido questionar alguma mulher que hipoteticamente havia dormido com Koro Mere.

– Tem outro cara muito gatinho – disse Riela – é o general do norte, Bohaus Huoho.

– Ela acha que todos são gatinhos – falou Gerana – então não ligue para ela, Lana.

– Nem vem com essa que você também admira o General Huoho! – exclamou Riela – dizem que tem um bom senso de humor e conta ótimas piadas.

– Eu o respeito – corrigiu Gerana – mas você nunca o viu! Como sabe que é bonito?

– Dizem que é charmoso.

– Quem disse? – insisti.

– Sei lá – falou Riela – as pessoas.

– E alguém por acaso sabe quem é a mãe de Hia Mere? – perguntei.

– Ah, esse é um dos mistérios mais divertidos da nossa guerra – comentou Riela, empolgada – há muitas especulações a respeito, até as mais malucas. Já disseram até que ele trepou com a rainha. Mas é tudo

A Ordem da Discórdia

besteira. No fundo ninguém sabe. Nem sei se o próprio filho sabe. Talvez esse segredo tenha morrido com Koro Mere.

Se aquele era o maior mistério da guerra, que grande porcaria de guerra era aquela!

– Mas Koro Mere era um tornado – disse Riela – os rumores diziam que ele não era capaz de passar por uma mulher sem trepar com ela. As mulheres também não podiam ver Koro Mere sem desejar comê-lo. Dizem que ele deixou pelo menos uns vinte filhos ilegítimos por aí. Vez ou outra aparece alguém que diz ser filho dele. Mas Hia Mere não gosta disso. Ele é o único filho que Koro Mere reconheceu oficialmente. Por isso todos se perguntam quem é essa mãe tão importante.

– Talvez ele tenha se casado e a esposa dele more num lugar sossegado – sugeri.

– Ninguém gosta de histórias assim – falou Gerana – todos querem acreditar que a mãe de Hia Mere é uma das gigantes do exército. Mas como vão saber? Vamos morrer sem conhecer esse segredo.

– É realmente uma tragédia – zombei.

Depois contei para Pina as histórias que ouvi das minhas amigas. Ela achou graça.

– Minhas amigas não param de falar de Jala Monda – disse Pina – dizem que ela é espetacular. Nossas fronteiras no sul estão bem protegidas com ela no comando.

– Achei que a mais famosa de todas fosse Menifa Sulian – comentei.

– Ah, mas Sulian já está em outro nível – disse Pina – é quase uma Deusa. Por isso ela se tornou líder. Dizem que até na época de Koro Mere ela já era tão boa quanto ele.

A “época de Koro Mere” tinha sido há apenas três meses, mas parecia que já fazia uma eternidade. Muita coisa já tinha acontecido.

– Eu disse que ela era como uma Deusa, mas na verdade eu não estava brincando – Pina baixou a voz dessa vez – dizem que os generais são magos.

– Magos? – perguntei, estranhando.

– Sim, você já deve ter ouvido falar. Eles misturam o poder bélico com magia. Sabe, a magia antiga, dos nossos antepassados.

Eu estava totalmente perplexa.

Wanju Duli

– Eles até usam roupas de magos – acrescentou Pina – é o que dizem. Você fica toda eufórica quando vê alguém usar um tom amarelo mais claro. Imagina se visse um dos generais! Todos dizem que é uma experiência indescritível.

– De que forma? – perguntei.

– Eles usam mantos com mangas longas e capuzes – contou Pina – são mantos dourados e brilhantes. E máscaras brancas.

– Não é um pouco chamativo? – perguntei – como eles se escondem com isso?

– Aí que está. Não se escondem. O objetivo é chamar a atenção e assustar o inimigo. Todos correm quando veem um mago.

– Mas sem dúvida também há magos em Concórdia, certo? – perguntei.

– É claro, ou eles não teriam a menor chance. Dizem que Zavia Grena, que matou Koro Mere, é a maga mais poderosa deles. É a líder.

Então estava explicado. Koro Mere certamente havia morrido devido a um ataque mágico. Era a explicação mais plausível.

– Também há Bris Kalafa – contou Pina – dizem que ele é muito alto e grande. E urra como um monstro. Todos têm medo dele. O cara já esmagou pessoas com a mão. Eu não sei se isso é verdade, mas dizem que ele destrói tudo que encosta e tem mais de dois metros. É bem gordo, ou bem musculoso. Não se sabe bem, por causa do manto.

– Eu já ouvi o pessoal falando de uma mulher concordiana que mata com o olhar.

– É pior – disse Pina – dizem que ela mata com a vagina. Ela dorme com discordianos e na hora do sexo os despedaça. Essa é Lofar Tanac.

– Estou começando a achar que Koro Mere era bem bonzinho – falei – será que não foi essa daí que o matou? Seria o mais provável.

– Não, eles se odiavam. Tem gente que diz que são irmãos, mas é só outro rumor idiota.

– Qual é a cor do uniforme dos concordianos? – perguntei.

– Cinza e prata – respondeu Pina – as máscaras são negras. E aparentemente o líder máximo de cada Ordem carrega um bastão com uma pedra preciosa.

– Para fazer magia?

– Na verdade é uma fruta e não uma pedra.

A Ordem da Discórdia

– Uma fruta?

– Eu não entendo muito bem – confessou Pina – tem a ver com nossas Deusas. A Deusa Éris e a Deusa Harmonia, sabe? Eles rezam para elas e fazem oferendas. É por isso que a magia funciona.

Aquilo tudo era muito complicado. Era muita informação para absorver. Perto disso, a agitada vida sexual de Koro Mere já parecia um assunto bastante simples.

– Por que estão fazendo essa guerra, afinal? – perguntei – essa é a pergunta principal, não é?

– Teoricamente sim – disse Pina – mas para encerrar o assunto eles simplesmente costumam dizer que é a vontade da Deusa que seja assim.

– A vontade de Éris? – perguntei.

– E de Harmonia, também chamada de Anéris – disse Pina – talvez das duas, ou de apenas uma delas. Eu não tenho autorização para te contar, mas nosso treinamento, além de aprender a usar armas e adquirir resistência física, também envolve algum estudo de magia divina.

– Magia divina – repeti.

– Sim, nós aprendemos a louvar a Deusa Éris e fazer oferendas a ela. Mas por enquanto não posso te contar mais que isso.

E o mistério aumentava.

Adorar a Deusa era uma tradição em Discórdia, mas eu nunca fui muito religiosa. Havia diversos templos erisianos no meu país, mas fazia um bom tempo que eu não pisava neles.

Nossa crença era de que o universo não possuía leis fixas e absolutas. Por isso nossa ciência funcionava na forma de paradigmas não excludentes. Uma teoria científica nunca era melhor que outra, mas cada uma tinha suas vantagens e desvantagens, sendo usadas para objetivos diferentes.

O mundo era muito mais caótico do que pensávamos, mas existia beleza no caos e até mesmo ordem. Já em Concórdia, eles queriam encaixar tudo em diagramas mais ou menos fixos, como se fosse uma operação de matemática. Só que eles frequentemente encontravam o caos no meio de toda essa ordem.

“No meio do caos achou-se a ordem. E no meio da ordem achou-se o caos”. Diziam que essa colocação era o segredo para unir novamente

Wanju Duli

os dois povos, mas isso não passava de uma utopia. Afinal, ninguém entendia ao certo o que isso queria dizer.

Alguns diziam que Discórdia era um país meio “bagunçado” e fervilhando de ideias, com a criatividade rolando solta, muitas cores e liberdade. Já Concórdia era mais “certinho” e organizado, com regras mais rígidas.

Havia vantagens e desvantagens em cada um dos países, como em todo o resto. Nunca estive em Concórdia, então eu não poderia afirmar ao certo. Mas eu gostava do meu país. Já estava tão acostumada com nosso jeito de fazer as coisas, de forma mais livre, podendo ficar em barzinhos até tarde da noite, que ter hora para tudo talvez fosse algo que eu não me acostumasse bem.

Acho que era questão de estilo. É verdade que havia discordianos com estilo bem certinho e concordiano, e vice-versa. Mas mudar-se de um país para outro, principalmente nos últimos quinze anos, era tarefa impossível. E quanto menos conhecíamos a cultura do outro, mais a odiávamos. Só porque era diferente.

Um nacionalismo extremo reinava dos dois lados. Estávamos cegos. Em vez de troca de cultura e conhecimentos, estávamos nos isolando um do outro.

Por isso era comum que, principalmente os jovens, fantasiassem com algo que havia no outro país e não poderiam obter. Poderia até ser algo trivial, como um tênis. Havia as marcas de sucesso em cada país, os últimos jogos e filmes, que não poderiam ser passados para o outro lado.

É claro que pela internet o pessoal acabava pirateando, embora isso pudesse dar cadeia. Antes um país bem livre, Discórdia começou a ser muito severo com quem não fosse nacionalista. Só por causa da guerra. Na verdade, ninguém se importava que você fizesse compras de marcas de qualquer outro país. Só não podia ser coisas de Concórdia.

Quem possuía parentes e amigos no outro país sofria, pois não podiam ver um ao outro. Aquilo tudo era duro. Tentar cruzar a fronteira entre os países era morte quase garantida. Às vezes o exército, a marinha e a aeronáutica facilitavam o trânsito de um país para outro, mas somente quando muito urgente. Essa operação só podia ser feita de forma discreta.

A Ordem da Discórdia

Eu ficava sabendo de histórias assim no acampamento. Muitas delas eram bem tristes: pais que não viam os filhos há quinze anos, ou alguém com um parente próximo prestes a morrer sem poder visitar uma última vez.

Perto disso, minha situação não era tão ruim. Eu queria estar com Dado. Tinha saudades dele. Mas eu tinha esperanças de que a situação se arranjaria. Eu não podia culpar Pina por isso, pois ela não pediu para que eu a acompanhasse. Eu apenas quis fazer isso.

Mas agora eu já estava tranquila. Pina estava bem e feliz. Eu conhecia o pessoal que estava com ela e confiava neles. Ela estaria segura. Pelo menos o tanto que é possível estar seguro numa guerra.

Dali um mês, quando já tivesse cumprido o treinamento básico, Pina seria transferida para outro lugar. É claro que eu não poderia ser transferida com ela o tempo todo para onde quer que fosse. Por isso, eu já estava pensando na possibilidade de ir morar com Dado em um mês. Quem sabe eu até conseguisse uma escolta do exército para isso, se não fosse pedir demais. Ou qualquer tipo de proteção, transporte ou rota segura. Eu já estava mais otimista.

Alguns dias depois, veio um cara de uniforme falar comigo.

– Pelo jeito sua fama como costureira se espalhou. Estão todos querendo reparos nas roupas.

Ele me trouxe mais um monte de roupas para arrumar.

– Será que você poderia fazer reparos no manto do general? – ele perguntou – ele gostaria de uns ajustes.

Fiquei em choque.

– Que general? – perguntei.

Ele ignorou minha pergunta.

– Pode fazer isso para amanhã?

– Você tem as medidas dele?

– Perdão?

– Eu preciso das medidas do general, dependendo do reparo que preciso fazer – falei.

– Está insinuando que devo trazer o general para cá, para que você possa tirar suas medidas?

Fiquei encabulada.

Wanju Duli

– Não foi isso que eu quis dizer – eu disse – eu só preciso dos números.

– Esqueça – ele falou – você é muito complicada. Vou mandar outra costureira fazer isso. Só são reparos de rasgos! Você não precisa de medidas.

E ele saiu de lá.

Como eu era idiota! Perdi a oportunidade de ver o manto dourado de um general. Se fossem mesmo apenas ajustes de rasgos eu não precisaria de medida nenhuma. Mas ele também não explicou direito. Que cara estúpido!

Fiquei irritada e chateada com isso ao longo daquele dia. Era comum que no exército houvesse um pessoal com o ego lá em cima tratando mal todos os outros, só porque vestiam um uniforme com tom de amarelo um pouco mais claro e tinham mais estrelinhas.

Felizmente, não havia muitos tipos como esse lá no acampamento. A maioria do pessoal era bem legal e educado. Sempre vinham me cumprimentar e agradecer pela ótima comida.

Quando chegou a hora de Pina partir, achei que seria fácil me despedir dela, mas não foi. Ela iria para as linhas de frente da batalha, mas, segundo ela, era “na frente, mas não tão na frente assim”.

Como ela ficaria num local relativamente protegido, perguntei se havia alguma possibilidade de eu ir junto, só dessa vez. Eu só queria dar uma olhada e voltar.

É claro que não tive permissão. Era muito arriscado. Eu não havia recebido nenhum tipo de treinamento militar. Então eu não tinha autorização nem de pisar na zona mais segura da fronteira.

Mas é verdade que todos lá me amavam por causa da minha comida. Por isso perguntei a várias pessoas se eles tinham alguma ideia de como eu poderia participar daquilo.

– Só se você for como mensageira. É um posto não oficial e temporário. Você procura soldados para levar cartas de parentes, coisas assim. E depois vai embora. Em geral não tem muito perigo e não precisa de muito preparo. Mas você deve estar disposta a correr riscos.

Achei boa a ideia. Em apenas um dia eu poderia finalizar a minha missão de entregar as cartas e em seguida retornar para o acampamento.

Liguei para Dado e avisei o que eu ia fazer.

A Ordem da Discórdia

– Isso é perigoso – ele disse – será que você não é uma mãe um pouco preocupada demais? E o que Pina acha de ter a mãe acompanhando até durante a batalha? Ela não vai ficar envergonhada? O que os amigos dela vão dizer?

– Fodam-se os amigos dela – eu disse.

– Se quer tanto estar junto com Pina, se aliste – sugeri Dado – ou atue como enfermeira assistente ou qualquer outra missão que possa te permitir ficar lá.

– Eu não tenho tanta vontade de morrer como ela – falei – eu só queria dar uma olhadinha. Confesso que estou um pouco curiosa. Não é só por Pina.

– Ahá! Você quer tentar dar uma espiada nos generais, não é?

– Quero só olhar a guerra em geral para ver como é.

– E depois você criticava a Pina por ter desejos superficiais...

– Não se preocupe. Nós duas estaremos seguras. E assim que eu cumprir essa missão curta irei viajar para morar com você, está bem?

– É mesmo? Que boa notícia!

Eu já estava cheia de planos. A perspectiva de voltar a morar com Dado me animava.

Mas eu também estava com sede de aventura. Recebi a autorização de ser uma mensageira. Até que ser a cozinheira favorita do exército tinha suas vantagens. Já tinha até gente pedindo que eu permanecesse lá nas linhas de frente para cozinhar para eles, mas isso já era demais. Eu não estava disposta a correr esse risco.

Alguns dias depois, quando fizemos a viagem, eu estava quase arrependida. Pensando bem, seria um desperdício não ir para lá. Eu estava tão perto! Depois de correr tantos riscos, eu queria pelo menos ver um pouco do que o pessoal andava fazendo naqueles últimos quinze anos. Nem que fosse para voltar para casa e me gabar: “Eu vi a guerra de pertinho”.

Eu não queria ver pessoas matando outras. Pelo menos não de perto. Só queria ter uma visão geral da atmosfera de lá. Queria saber como eu me sentia ao pisar no local. Talvez fosse um pensamento romântico demais. Quem sabe Pina tenha despertado em mim aquele desejo estranho.

Wanju Duli

Quando chegamos perto, eu não gostei do que vi. Tinha um monte de terra. Aviões, barulho. De vez em quando eu ouvia o som de bombas ao longe, mas todos diziam para que eu não me assustasse, pois as bombas raramente chegavam onde nós estávamos. Aquele “raramente” me assustou, pois significava que não era impossível chegar uma bomba lá e nos matar naquele exato instante.

Mas aos poucos fui tentando me acostumar. Se eu estava lá, precisava deixar para me preocupar com morte só se eu corresse um sério risco, ou seria muito estresse desnecessário.

Pina foi para algum lugar para receber uns “treinos” em plena batalha. Aquele pessoal era tão maluco que ensinava os novatos até em situações reais. Queriam aproveitar a chance.

E lá fui eu entregar minhas cartas. No começo foi bem fácil. Achei a maioria do pessoal.

Mas quanto menos cartas eu tinha, mais difícil era encontrá-los. Caminhei bastante e tive que perguntar para várias pessoas se conheciam fulano. Pensando bem, aquele trabalho parecia fácil, mas era bem chato e desgastante.

Eu realmente não tinha preparo físico nenhum. Eu me cansei já nas primeiras duas horas.

Depois de longas horas de serviço, faltava entregar só duas cartas: para Opala Lamanon e Xamine Jouti.

Gastei três horas andando de um lado para outro até achar a tal Xamine. Mas ainda faltava achar a Opala. Tive que dormir lá naquela noite. Fiquei chateada, pois pensei que terminaria meu trabalho em um dia.

Eu estava determinada a encontrá-la. Mas quanto mais eu perguntava, ninguém sabia onde estava Opala. Eu estava avançando para zonas cada vez mais perigosas. Até dei um aceno de mão para Pina quando a vi e ela ficou maluca:

- Mãe, que tá fazendo aqui? É muito perigoso!
- Estou procurando Opala Lamanon.
- Me dá essa carta que depois eu procuro ela. Só falta essa, né?
- Sim, é minha última. Mas agora é questão de honra. Quero achá-la sozinha.
- Não avance demais – avisou Pina.

A Ordem da Discórdia

Perguntei para mais alguns soldados de amarelo se tinham ouvido falar na Opala. Acho que devo ter perguntado umas três vezes para o mesmo cara, porque ele parecia meio irritado. O que eu podia fazer se todos eles pareciam iguais com aqueles uniformes?

E eu fui avançando. Quanto mais eu avançava, mais eu via caras com uniformes de tom amarelo bem claro. Pelo jeito só os profissionais se arriscavam tanto. Gente pelo menos com alguns anos de treinamento rigoroso.

Eu estava vestindo amarelo queimado, para não me destacar na multidão. Mesmo assim, teve gente que estranhou minha presença e me olhou torto. Não sei se me olharam torto porque eu estava usando amarelo queimado e um novato supostamente não devia estar lá, ou porque eu era gordinha e atrapalhada e estava estampado na minha cara, ou nos meus movimentos, que eu não tinha recebido nem o treinamento militar mínimo.

– Com licença – cutuquei um dos caras – você conhece Opala Lamanon?

– Qual é o seu problema? – perguntou o cara, com maus modos – não tá vendo que eu tô com uma arma na mão mirando num dos caras cinzas desgraçados?

– Perdão – eu disese – mas você conhece Opala?

– Sim, eu conheço. Ela morreu ontem.

– Ah, não! – exclamei – sério?

– Por que diabos eu brincaria com isso, mensageira? Agora saia daqui. Você nem devia estar nesse lugar para começo de conversa!

Eu tinha falhado. Se ao menos eu tivesse conseguido entregar a carta ontem, antes que ela morresse!

Eu me sentia tão culpada e deprimida que o medo desapareceu por um momento. Mas eu também estava um pouco emocionada por estar vendo soldados concordianos vestindo cinza ao longe.

Foi então que eu entendi que eu realmente não devia estar lá. Eu poderia morrer a qualquer momento. Eu era estúpida.

Ouvi um som próximo de explosão. Foi tão alto que fiquei temporariamente surda. Na verdade, pensei que eu tinha ficado surda definitivamente e me assustei.

– Merda – disse o cara de antes.

Wanju Duli

Mas foi um som distante. Foi um “Meeerdaaaa” como um som bem longe, apesar de ele estar ao meu lado. Ele segurou no meu braço e me jogou junto com ele numa trincheira.

Houve outra explosão. Fiquei aliviada por estar segura na trincheira, mas quando tentei me mexer eu não conseguia mover a perna direita. Acho que dei um jeito na perna quando ele me jogou lá dentro. Talvez eu tivesse torcido. E agora? Eu teria que me arrastar de volta?

Meu coração estava acelerado. Naquele momento eu me senti totalmente arrependida. Ver os caras cinzas de longe valia todo aquele risco?

Olhei para o céu. Havia algo como um cometa de fogo cortando o ar. Pensei que eu estava delirando.

Escutei sons de tiros. O cara de amarelo claro ao meu lado tombou no chão. Eu não sabia se ele estava morto e não teria tempo de verificar.

Eu estava apavorada. Não podia correr por causa da perna.

Foi então que eu vi: um cara de manto dourado. Com um movimento da mão, ele fez o cara cinza que ia atirar em mim flutuar alguns metros no ar. Ele o partiu em mil pedaços.

Quando viram o cara de manto dourado, muitos dos caras de cinza gritaram de horror e correram.

Eu estava coberta de sangue, mas não sabia se o sangue era meu ou do sujeito que explodiu. Foi quando notei um buraco de bala no meu ombro. E só de olhar para ele, desmaiei.

Capítulo 3: Cadeia

Quando acordei, eu não sabia onde estava. Minhas costas doíam. Meu braço e meu ombro também. Estranhamente, minha perna direita estava bem.

Percebi que eu estava deitada no chão de pedra. Havia um curativo no meu ombro. Recordei-me da bala. Da guerra. Do general.

Eu me assustei. Olhei ao meu redor, mas não havia ninguém lá. Apenas eu.

Grades. Eu estava numa cela. Estava presa!

Que porra de lugar era aquele? Eu estava com medo. Eu não deveria estar morta? Tentei raciocinar.

Eu estava numa trincheira com o cara de amarelo claro. De repente apareceu um maluco de cinza e atirou nele. Eu ia levar um tiro também, mas surgiu um poderoso general mago com seu majestoso manto dourado, lançou uma magia e me salvou.

Aparentemente, ele não me protegeu rápido o bastante, pois levei um tiro. Mas aquele tiro não foi letal.

E aí? O que tinha acontecido depois? Se um general da Ordem da Discórdia, a Saordier, tinha me salvado, por que eu estava presa?

A única conclusão é que eu tinha sido capturada pelo exército inimigo. Mas como, se havia um general ao meu lado? Só se alguma coisa muito maluca tivesse acontecido depois, o que não era impossível. Se tivesse aparecido um general prateado, a situação já não seria tão fácil.

Mas não importava mais. Tudo que eu precisava saber era que eu havia me tornado uma prisioneira dos concordianos. E por que raios alguém me queria como prisioneira? Eu não era importante. Não era ninguém.

– Ei, pessoal, que lugar é esse? – perguntei.

Notei que havia alguns prisioneiros em celas na frente da minha. De onde eu estava, meu campo de visão só me permitia ver um homem e uma mulher.

Wanju Duli

A mulher devia ter mais ou menos a minha idade, uns quarenta anos. Ela tinha longos cabelos negros embaraçados e parecia estar com sono. Abriu um olho quando eu perguntei.

- É uma prisão – ela respondeu.
- Isso eu reparei – eu disse – em que cidade estamos?
- Sei lá.
- Em que país, então?
- Concórdia.

As minhas suspeitas se confirmaram. Nunca tive planos de pisar em Concórdia um dia e imaginei que aquilo não fosse acontecer. Pelo menos não enquanto durasse a guerra. Mas não era exatamente desse jeito que eu imaginaria minha primeira visita.

Como eu não conhecia as prisões de Discórdia para comparar, ainda não havia nada que eu pudesse dizer sobre o país.

- Não me lembro como vim parar aqui – eu disse.
- Isso é normal – disse a mulher – poucos de nós nos lembramos.
- Acho que eu sou prisioneira de guerra.
- Outra coisa bastante comum – ela falou – eu também sou.
- Há quanto tempo está aqui?

Ela deu de ombros.

- Cinco anos.

– Nossa! – exclamei – isso é muito! Eles te fizeram perguntas? Te torturaram?

– Não. Eles têm um severo código de direitos humanos para a guerra. Eles podem nos matar em batalha ou nos prender. Mas não podem nos torturar, pelo menos não diretamente. Na prática eles às vezes nos torturam nos deixando um tempo sem comida, nos deixando na solitária e sem pegar sol.

Não parecia tão ruim.

– Não sei porque me prenderam – confessei – não sou ninguém importante.

– Eu também não sou – ela disse – eu ainda era uma novata amarelo queimada, fui me aventurar para dar uma espiada e me ferrei.

- O mesmo comigo – eu disse – mas eu era apenas uma mensageira.

Qual é o seu nome?

- Manila Win. E o seu?

A Ordem da Discórdia

– Lana Enin. Posso te chamar de Mani?

– Claro. Posso te chamar de Lala?

– À vontade.

Os concordianos pareciam ser mesmo gentis. Pelo visto, tinham tirado a bala do meu ombro e tratado meu ferimento com cuidado.

A guerra era um troço realmente sem sentido. Eles enchem a pessoa de bala para depois retirar cuidadosamente as balas que eles mesmos atiravam. Provavelmente os humanos eram criaturas tão entediadas que só fazendo algo assim para quebrar o tédio de existir.

Pode ser que Pina só tivesse participado daquela porcaria de guerra porque estava entediada. Eu torcia para que ela estivesse bem. Mas o fato é que tanto eu quanto Manila havíamos sido capturadas porque nos metemos nas linhas de frente sem preparo, por mera curiosidade. Aí estava outra maravilhosa demonstração de idiotice.

Gostei dela, porque éramos parecidas.

– O que há para fazer nesse lugar? – perguntei.

– Dá pra conseguir cigarros e várias drogas clandestinamente – ela contou.

– Tem algum jogo?

– Eu posso te conseguir um giz para você desenhar nas paredes.

Eu suspirei.

– Espero que a guerra acabe logo, porque eu vou enlouquecer se continuar nesse lugar por cinco anos – confessei.

– Bem, eu não enlouqueci – falou Manila – estou apenas com falta de vitamina D e problemas na tireoide.

– Ah, mas isso todo mundo tem – falei – então temos mesmo atendimento médico nesse lugar? Muito chique.

– Eu já falei que os concordianos se preocupam com essas coisas. Eles sabem que quando a guerra terminar, principalmente se perderem, vai haver julgamentos para saber como os prisioneiros de guerra foram tratados. Eles pensam em tudo.

Pelo menos isso. Eu não seria vítima de um crime de guerra.

Será que eu não estava mais segura lá na prisão de Concórdia do que em qualquer cidade de Discórdia? Pensando bem, era mais confortável permanecer por lá até o final da guerra mesmo. Eu disse isso para Manila, mas ela riu de mim.

Wanju Duli

– Que bundona! – ela exclamou – prefere não ter liberdade do que morrer? Esse povo todo lá fora está lutando exatamente porque pensam diferente.

– Você pensa diferente?

– Sei lá o que penso. Só sei que não aguento mais essa comida da prisão. Prefiro arriscar morrer do que comer isso por mais tempo.

– Pois é, aqui é meio monótono – comentei – estou aqui há poucas horas e já estou entediada. Conhece alguma forma de fugir?

– Se eu conhecesse, acha que eu ainda estaria aqui? – perguntou Manila.

– Eu conheço.

Quem disse isso foi o cara da cela ao lado de Manila. Ele tinha uma barba metade preta e metade grisalha.

– Há quanto tempo você está aqui? – perguntei.

– Dez anos – ele respondeu.

– Mentira! – exclamou Manila – quando cheguei você não estava.

– Eu fui transferido – ele sorriu – faz diferença se estou aqui há dez anos ou há dez dias? Eu disse que conheço uma maneira de fugir. Não estão interessadas?

– Como é seu nome? – perguntei.

– Popo Lopoço.

– Até parece que é seu nome mesmo! – disse Manila.

– Por acaso você está insultando meu lindo nome? – ele perguntou, parecendo um pouco irritado.

– Ah, foi mal – disse Manila – é que nunca ouvi um negócio desses antes.

Popo gargalhou.

– As pessoas sempre me dizem isso – falou Popo – mas eu realmente gosto do meu nome.

– Qual é a sua idade? – perguntei.

– Setenta – ele respondeu.

– Pois parece ter oitenta! – exclamou Manila.

Popo riu outra vez.

– Vocês dois não se dão bem? – perguntei.

A Ordem da Discórdia

– Ah, você reparou? – perguntou Manila – esse cara vem me irritando nos últimos meses. Não acredite em nada do que ele diz! Ele contou que uma vez fugiu da prisão cavando com uma colher.

– Foi mesmo? – perguntei.

– Eu estava apenas implicando com ela – disse Popo, satisfeito – mas garanto que conheço outros meios mais rápidos de escapar. Querem ouvir?

– Antes – falei – me responda uma coisa: você é prisioneiro de guerra?

– Por que todo esse interrogatório? – ele perguntou – é lógico que sou como vocês.

– Você também estava curioso e foi para as fileiras da frente?

– Essa é a história de todos nós, não é? – disse Popo – mas até que sou bom. Sei alguma coisa de magia.

– Pois eu também sei – garantiu Manila – eu não sou nenhuma iniciante.

Será que eu era a única ali que não conhecia nem o básico sobre o que eles chamavam de magia? Fiquei curiosa.

– Como sou apenas uma mensageira e trabalhava como cozinheira e costureira do acampamento, não recebi treinamento em magia – contei – será que vocês podem me ensinar?

– Pensei que você queria fugir daqui em vez de estudar magia! – exclamou Manila.

– Isso também, mas eu acabei de chegar – falei – não posso pelo menos ficar um dia aqui para conhecer o local? Provar a comida da prisão, conhecer os guardas, ter uma história para contar?

– Fique à vontade – zombou Manila – estou aqui há cinco anos. Que é um dia a mais ou a menos? Não é como se a guerra fosse acabar hoje.

Até que eu estava me divertindo. Imaginei que os dois seriam bons companheiros de prisão. Mas é claro que também me encantava a perspectiva de sair de lá o quanto antes.

– Como você propõe que escapemos, Popo? – perguntei.

– Posso abrir as grades com magia e distrair os guardas – respondeu ele, naturalmente.

– Simples assim? – fiquei surpresa.

Wanju Duli

– Duvido! – disse Manila – se isso é verdade, por que não escapou antes?

– Porque eu estava escrevendo um livro – respondeu Popo.

– Que tipo de livro? – perguntei, curiosa.

– Sobre insetos – ele respondeu – sou fascinado por insetos desde criança. Meu sonho era ser biólogo. Queria fazer o curso de biologia na faculdade, mas meu pai queria que eu entrasse para o exército, então eu fui. Ele queria que eu fosse engenheiro para conquistar uma alta patente. E lá fui eu me formar numa engenharia chata. Não tinha o mínimo interesse e só terminei o curso porque o velho não parava de me encher o saco.

– Uma história típica – comentei.

– Na época que eu entrei para a Saordier nosso país não estava em guerra, então era mais tranquilo. Mesmo assim, eu nunca tinha tempo livre. Muitas funções, muita gente idiota para colocar na linha. No final, nunca consegui estudar os insetos. Então achei que meu tempo na prisão era a oportunidade perfeita. Há tudo que é tipo de bichos por aqui. Já achei aranhas, formigas, piolhos, baratas, mosquitos, moscas e muitos mais. Desenhei todos eles no meu caderno e fui escrevendo meu livro.

– Posso ver? – perguntei, animada.

Ele mostrou algumas páginas do caderno pela grade.

– Você desenha muito bem! – exclamei, admirada.

– Obrigado – ele disse – queria ter sido um zoólogo ou um arqueólogo. Mas acabei nessa merda.

– Mas não vamos ficar aqui para sempre – eu o incentivei – quando a guerra acabar poderemos sair.

– Eu não me referia à prisão e sim ao exército – disse Popo – sinceramente, eu já estava de saco cheio de estar lá. Achei ótimo ser preso. Estou curtindo horrores. Nunca minha vida foi tão feliz.

– Então continue aqui! – disse Manila.

– Mas estou com pena de vocês, jovens tão belas, presas nesse espaço solitário – disse Popo.

– Ah, qual é! – falou Manila – que jovem que nada. Tenho quarenta e três anos. Já estou na meia-idade.

– Eu tenho quarenta – informei.

A Ordem da Discórdia

– Da minha perspectiva vocês são jovens – disse Popo – querem um cigarro?

– Eu quero! – Manila ficou subitamente animada.

Eles fizeram um esquema e conseguiram passar o cigarro de um para outro. Tinham altos truques. Eram calejados.

Pena que eu não ficaria tempo o bastante na prisão para aprender truques legais assim.

– Então, já que ficou no exército mais tempo que nós, nos conte do que se trata a guerra – propôs Manila, com uma baforada de fumaça.

– É uma boa pergunta – respondeu Popo – não sei ao certo. Acho que as Deusas Éris e Anéris estão putas uma com a outra e quiseram envolver a humanidade nisso.

– Por que os velhos não param de falar das Deusas? – perguntou Manila, aborrecida.

– Porque elas são gostosas – explicou Popo.

– As mulheres velhas também falam delas! – protestou Manila.

– Então elas são lésbicas – disse Popo.

– Mas que cara chato, hein! – disse Manila, irritada.

Popo sorriu.

– Ela me odeia – disse Popo – eu gosto de mulheres que me detestam. Acho sexy.

– E sobre mulheres que gostam de você? – perguntei.

– É a maioria – disse Popo – também me atraem.

– Você é viúvo? – perguntou Manila, desconfiada.

– Depende. Está interessada? Não acho que conseguiríamos fazer muita coisa presos. Podemos trocar poemas. Sei ser um romântico old school.

– Duvido – disse Manila – e qual é a sua opinião sobre a nova liderança de Menifa Sulian?

– Que mudança súbita de assunto – queixou-se Popo – eu estava mais interessado no anterior.

– Como vocês ficam sabendo dessas coisas aqui dentro? – perguntei.

– Jornais – explicou Manila – trocamos com os guardas por cigarros e outras coisas. E então?

– Sou a favor de Menifa no comando – disse Popo.

– Só porque ela é bonita? – desafiou Manila.

Wanju Duli

– Eu não disse isso – falou Popo – acho que ela tem boas habilidades para liderar.

– Aí está uma mulher que Popo respeita além da beleza – disse Manila, satisfeita – não gostava da liderança de Hia Mere?

– Não – disse Popo – ele não tem maturidade para liderar, pelo que eu soube. Mas não peguei a época de liderança dele.

– Mas pegou a liderança de Koro Mere – comentei – o que achava dele?

– Também não servia para a liderança – disse Popo.

– Por que acha isso? – perguntou Manila, na mesma hora – sempre admirei Koro Mere. Foi por causa dele que permanecemos protegidos dos ataques dos concordianos por quinze anos. Foi só ele morrer e começaram os bombardeios no país. Não foi nenhuma coincidência.

– Não estou dizendo que ele não tinha habilidade de guerra – explicou Popo – ele apenas não servia para ser líder. Só isso. Podia até ser um bom general, mas não marechal.

– Cale a boca! – exclamou Manila, irritadíssima – Koro Mere foi um grande herói de guerra. Não desrespeite a memória dele. Você não sabe nada!

Popo levantou as sobrancelhas.

– Não vou me desculpar – disse Popo – mantenho minha opinião.

– Você só está com inveja – disse Manila.

– E você não aceita que discordem de você – retrucou Popo – foi íntima de Koro Mere, por acaso, para defendê-lo com tanta segurança?

– Não fui “íntima” dele – Manila pareceu meio sem jeito – que desrespeito!

– Ele não é nenhuma figura sagrada para que você exija que eu o respeite tanto! – disse Popo – dizem que ele engravidou muitas mulheres e deixou vários filhos ilegítimos por aí. O que acha disso?

– A vida pessoal dele não tem nada a ver com as excelentes habilidades de comando que ele tinha – disse Manila.

– Ele também já fez muitas declarações polêmicas – insistiu Popo.

– Ele era apenas humano – disse Manila.

– Estou vendo que está disposta a defendê-lo até o fim – disse Popo – posso saber por quê? Apenas porque ele morreu?

A Ordem da Discórdia

– Não. É porque ele foi o herói de muitos. Foi por causa dele que eu entrei no exército. Acho que ele foi o motivo de a maioria ter entrado. A vida dele foi uma inspiração para muitos.

– E o que você sabe sobre a vida dele além dos boatos da internet?

– O suficiente para admirá-lo – disse Manila.

Popo não respondeu.

– E você, por que o odeia? – perguntou Manila – ele matou algum parente seu?

– Eu não o odeio – disse Popo – apenas não o idolatro como a maioria. Mas vamos parar de falar dele.

– O que sabe sobre Bohaus Huoho? – perguntei.

– Um bom general.

– Só isso? – perguntei – você nunca deve ter visto o rosto deles, né? Já falou com algum?

– Eu não estava no exército para bater papo – disse Popo – mas só porque meu pai mandou eu ficar lá. Não estava interessado. Apenas cumpria minha função e isso é tudo. Não sei se entendo esse fascínio de vocês pelos magos.

– Eles usam mantos legais – argumentei.

– Eu os acho horríveis – disse Popo – a cor está fora de moda.

Manila riu.

– Já viu um mago ao vivo, Mani? – perguntei.

– Só uma vez – confessou Manila – não sei qual deles era, mas foi uma experiência incrível.

– Então nenhuma das duas já conversou com um mago? – perguntou Popo.

– Somos apenas mortais comuns – zombou Manila – aposto que você já conversou com um deles e está escondendo.

– Não, eu ainda não tive essa oportunidade incrível – ele sorriu.

– Ele está zombando da nossa cara outra vez! – bufou Manila.

– Eu só quero saber o dia e a hora que vocês querem fugir, pois assim já aproveito para cortar o cabelo e fazer a barba.

– Tanto faz – disse Manila – às cinco da manhã está bom para você?

– Bastante bom – disse Popo – e para você, senhorita...?

– Lana – eu disse – acho que pode ser. Assim tenho tempo de provar as refeições da prisão. Estou curiosa.

Wanju Duli

– Eu não chamaria aquilo de refeição – disse Manila – é só uma papa de merda.

De certa forma, eu estava bastante empolgada com meus dois novos amigos. Achei a personalidade dos dois muito divertida.

Seria uma pena me separar deles tão cedo. Cada um seguiria seu caminho. Ou não?

– Vocês pretendem voltar para a guerra depois que saírem daqui? – perguntei.

– Fazer o quê? – disse Popo – se eu tentar fugir, vão atrás de mim. Não podemos simplesmente nos mandar. Imagino que esse também seja seu caso, certo, Manila?

– Sim – disse Manila – mas não acho ruim retornar. Só não sei se tenho coragem de voltar para as linhas de frente.

– Você estava sendo treinada lá, não estava?

– Isso é verdade.

– Não sei em que posto vão me colocar quando eu voltar – confessou Popo – mas acho que ainda podemos lutar juntos nas linhas de frente. Não seria divertido?

– Pensei que você estava de saco cheio – disse Manila.

– Se eu tiver que te ensinar, terei uma diversão adicional – disse Popo – também não quer ser treinada pessoalmente por mim, Lana?

– Eu não disse que quero ser treinada especificamente por você – defendeu-se Manila – só aceito que lutemos juntos vez ou outra.

– Eu já disse que sou apenas uma mensageira – insisti – não sei se quero me alistar. Minha filha se alistou, mas não sei se tenho vontade. Eu estava pensando em voltar a morar com meu marido quando saísse daqui.

– Não acho que a guerra vá durar muito a partir de agora – disse Popo – é só um palpite, mas se eu fosse você aproveitaria o final dela.

– Não gosto muito da perspectiva de correr o risco de morrer a cada segundo – falei.

– Não se preocupe – disse Popo – sei boas magias de defesa. É só ficar perto.

– Não existe nenhuma magia de defesa boa o suficiente para te proteger da morte naquele lugar – observou Manila – principalmente porque o exército inimigo também tem magos.

A Ordem da Discórdia

– Ninguém se importa com os magos deles – disse Popo.
– Como não? – perguntou Manila, surpresa – e Zavia Grena? Ela matou Koro Mere!

– Ela não é tão assustadora quanto parece.

– Você já a viu?

– Ela não costuma aparecer muito para que eu possa vê-la – disse Popo – mas já ouvi falar que ela não é grande coisa.

– Eu ainda acho um insulto você se atrever a falar essas coisas da pessoa que matou o nosso líder – disse Manila.

– Por favor, pare de puxar o saco de Koro Mere que eu já estou ficando doente com isso – disse Popo – você parece um disco quebrado. Eu vou fazer minha barba.

Ele dirigiu-se até a pia da cela e pegou o gilete.

– Eu também acho um insulto que mantenham homens e mulheres misturados na mesma prisão – disse Manila.

– Você se insulta demais – falou Popo – se não quer me ver cagando, eu puxo a cortina. É para isso que ela serve.

– Mas eu ainda posso ouvir – reclamou Manila – não temos privacidade nenhuma nessa merda. É melhor que às cinco da manhã você nos tire mesmo desse lugar, porque já criei expectativas.

Quase me arrependi de ter ficado para o jantar. Foi uma das comidas mais horríveis que comi na vida. Ainda bem que eu iria embora em breve.

Às quinze para as cinco, Popo fez um barulho irritante e nos acordou.

– As senhoras já estão preparadas? – perguntou Popo.

– Não gosto de ser chamada de senhora – reclamou Manila.

– As meninas já estão preparadas?

– Pare com isso! – disse Manila – assim pareço uma criança.

– Senhoritas, então?

– Pode ser – disse Manila – mas prefiro “madame”.

– As rainhas, as Deusas, já estão vestidas, maquiadas e prontas para partir? – zombou Popo.

– Você não presta – disse Manila – sim, estou pronta.

– Também estou – falei – e agora, o que vai fazer?

– Isso – disse Popo.

Wanju Duli

Ele encostou na própria grade e ela se abriu. Eu e Manila ficamos boquiabertas.

– Fácil assim? – perguntei – então por que não fugiu antes?

– Eu já disse que queria escrever meu livro – explicou Popo – eu precisava de umas férias.

– Pensei que estivesse brincando – falei.

– Eu brinco muitas vezes – disse Popo – essa foi uma das raras ocasiões em que falei a verdade.

Ainda estava meio escuro. Ele abriu a minha grade e a grade de Manila com a maior facilidade.

Popo era mais alto do que parecia. Ele fez um sinal de silêncio.

No entanto, quando atravessamos os corredores os guardas estavam dormindo. Todos eles.

– Foi você que fez isso? – perguntou Manila, impressionada.

– Apenas uma parte – disse Popo.

Poucos minutos depois, já estávamos do lado de fora. Ainda assim, Popo continuou pedindo silêncio e fez sinal para o seguirmos.

– Precisamos de um barco para sair de Concórdia – falou Popo – estamos bem perto do litoral. Me acompanhem.

Tudo parecia tão fácil... ele simplesmente pegou um barco e o soltou com habilidade. Logo já estávamos em alto-mar e Concórdia era uma terra distante.

– Como você conhece barcos tão bem? – perguntei.

– Eu já fui da marinha – explicou Popo – muito tempo atrás. Eram bons tempos. Quando não me enchiam o saco.

Agora que Popo estava com os cabelos mais curtos e com uma barba um pouco menor, era possível enxergar seu rosto com mais detalhes.

– Nossa! – exclamou Manila – você parece ter rejuvenescido uns dez anos. Eu agora te daria uns sessenta. Quem sabe até cinquenta e cinco.

– De oitenta para cinquenta e cinco só porque fiz a barba? – perguntou Popo, surpreso – é uma boa mágica, então.

Estávamos cobertos com casacos dos pés à cabeça, porque estava muito frio. Também fazia frio no inverno em Discórdia, mas puta que pariu. Aquele frio de Concórdia era uma maldição.

– Em quanto tempo vamos chegar em Discórdia? – perguntei.

– Calculo que uns quatro dias – disse Popo.

A Ordem da Discórdia

– Legal – falei – e tem alguma comida?

– Vocês podem espiar na dispensa.

Fui lá olhar. Achei alguns ingredientes e me ofereci para preparar uma refeição. Os dois acharam a ideia ótima.

Depois de passar tanto tempo comendo aquela porcaria da prisão, os dois quase tiveram um orgasmo com a minha comida.

– Minha Deusa, o que é isso? – perguntou Manila, maravilhada – comida de ouro?

– Eu avisei a vocês que era a cozinheira do acampamento – falei, orgulhosa – sei cozinhar bem.

– Isso está divino – falou Popo – é a melhor comida que já comi.

– Também não precisa exagerar! – falei, sem jeito.

– Então está decidido – disse Popo – você irá participar das linhas de frente como nossa cozinheira. Não precisa aprender a lutar e a fazer magia. Basta cozinhar essa coisa maravilhosa.

– E quem é você para decidir isso? – zombou Manila.

– Posso pelo menos sugerir – disse Popo – aposto que a sua função será a mais importante de todas. Sabia que os soldados morrem mais de doença causada por desnutrição, por vírus e bactérias, do que pela guerra de fato? Passamos anos só comendo rações à base de arroz e batata. Faltam vitaminas. Todos caem doentes. Isso é muito comum. Você poderá salvar muita gente.

Nunca pensei dessa perspectiva. Eu, como cozinheira, podia salvar a vida de mais gente do que lutando! Bastava que eu usasse ingredientes nutritivos.

Eu estava com frio, mas permaneci com os dois no convés para pegar um pouco de sol. Acho que aqueles dois não pegavam sol e ar puro direito há muito tempo.

– Pensei que não estava com saudade da vida aqui fora – disse Popo – mas acho que eu estava.

– Digo o mesmo – falou Manila – isso aqui é o paraíso.

Era divertido ver a alegria deles.

Eu tinha que ligar para Dado e avisar que estava bem. Faria isso assim que chegássemos em terra firme. Na verdade eu estava um pouco preocupada.

Wanju Duli

– Popo, nós vamos chegar em segurança? – perguntei – você sabe que as fronteiras são zonas de guerra. O que garante que não vai haver um monte de soldados concordianos nos esperando?

– Não se preocupem – ele disse – estou com o controle da situação. Sei para onde iremos. E se mesmo assim não formos bem recebidos, eu dou um jeito.

Eu não sabia se podia acreditar nele, mas ele havia nos tirado da prisão, certo? Então não duvidei que daria um jeito nisso também.

Do jeito que falava, devia ser um veterano de guerra. Ele era de antes da época de Koro Mere. Tinha experiência.

Manila achou um baralho no barco. Por isso, naquela noite jogamos cartas.

Eu ganhei na maioria das vezes e não me desculpei. Eu era realmente fera em vários jogos de cartas. Por isso, fui quem mais se divertiu.

– Que diabos? – perguntou Popo – onde aprendeu a jogar assim?

– Em casa, com meu marido e minha filha – respondi – jogamos mais vezes do que posso contar. Jogávamos quase toda noite. Por quinze anos.

– Desde o início da guerra – observou Popo.

– Desde que minha filha nasceu – acrescentei – você tem filhos?

– Sim – disse Popo – tenho três.

– Não sabia disso – falou Manila, surpresa – você não tem cara de quem tem filhos.

– Eu sei – falou Popo – os três foram acidentes.

– A minha também – eu comentei.

– É difícil viver bem sem alguns acidentes – comentou Popo – faz parte do processo de amadurecimento. Lana, você se distraiu nessa. Eu ganhei.

– Ah, porra – falei.

Manila riu.

Dormi muito bem naquela noite. No dia seguinte, Popo nos ensinou várias coisas sobre náutica. No final do dia, já tínhamos conhecimentos suficientes sobre o nosso barquinho para pilotá-lo sozinhas, ou ao menos era o que nós pensávamos. Nós duas tentamos e rimos muito.

A Ordem da Discórdia

Acho que Popo estava se divertindo em nos ensinar. Até que ele tinha jeito para ser professor. Tinha paciência e quando errávamos ele não ria da gente, mas com a gente.

No terceiro dia eu solicitei o auxílio dos dois para um prato mais difícil de preparar. Descobri que Popo era um péssimo cozinheiro. Manila ria dele, mas não podia se gabar muito porque ela também não era grande coisa. Os dois passaram o tempo rindo das inabilidades um do outro.

No quarto dia, quando estávamos prestes a chegar, Manila ficou nervosa e começou a fumar. Popo também pegou um cigarro.

– Está vendo algum concordiano? – perguntei.

– Ninguém de cinza ou prata – respondeu Popo, que usava um binóculo – mas estou vendo um pessoal de amarelo. Acho que já nos viram.

– Tomara que não nos ataquem achando que somos inimigos – disse Manila, ansiosa.

– Eles não vão fazer isso – garantiu Popo – não é de praxe. Vão esperar desembarcarmos e ver o que acontece.

Quando o barco chegou, Popo nos ensinou o que fazer para prendê-lo firmemente. E ele nos mostrava isso sem nenhuma preocupação, enquanto eu e Manila nem conseguíamos prestar muita atenção, pois não fazíamos a menor ideia de como seríamos recebidos.

Quando pisamos em terra firme, havia vários membros da Ordem nos aguardando. Eu fiquei em choque quando notei alguém de capa dourada e máscara entre eles.

O cara de máscara foi o primeiro a seguir na nossa direção. Eu e Manila ficamos apavoradas, mas Popo não parecia muito perturbado.

– O que significa isso?

Era uma voz feminina por trás da máscara. Fiquei espantada que ela tivesse falado na nossa frente. Era muito raro que fizessem algo assim. Eles só conversavam entre si.

– Parabéns pela promoção, Marechal Menifa Sulian – disse Popo – permita-me apresentar-me. Sou Popo Lopozo e essas duas são Manila Win e Lana Enin. Éramos prisioneiros dos concordianos e conseguimos escapar.

– Você me acompanha – disse Menifa – e vocês duas aguardem aqui.

Wanju Duli

Menifa carregava um bastão com uma pedra dourada brilhante. Era realmente ela.

Popo a seguiu e nós duas ficamos lá, à beira-mar, morrendo de frio com aquele vento.

– O que acontece agora? – perguntei a Manila.

Manila balançou a cabeça, como se não soubesse.

Não sei porque ficamos com medo. Foi só o choque inicial da nossa chegada. Logo fomos bem tratadas. Eles nos levaram para um lugar quente e nos ofereceram comida.

Conversamos com vários soldados amarelos e explicamos a situação. Eles queriam saber de tudo.

– Pisaram em Concórdia, hã? – disse um deles – que aventura! Sorte que não morreram.

Acho que se não estivéssemos com Popo teríamos morrido em uma tentativa de fuga.

A chegada de Manila causou um alvoroço. Ela realmente tinha ficado presa há muitos anos e a maioria a tomava como morta. Ela reencontrou muitos amigos. Foi emocionante assistir.

Ela chorou ao saber da morte de alguns amigos.

– É difícil morrer por cinco anos – ela falou – ainda bem que renasci. Graças a Popo. O que sabem sobre ele?

Eles balançaram a cabeça.

– Acho que lembro dele – disse um deles – mas ele já está no exército há bastante tempo, não?

– Parece que sim – disse Manila.

Quando Popo retornou, apresentou-se para todos e explicou a situação.

– A líder permite que nós três ocupemos as linhas de frente. Mas primeiro teremos que permanecer alguns dias no acampamento para nos inteirarmos da situação dos últimos meses.

– Eu terei que me inteirar da situação dos últimos anos – falou Manila – é difícil acompanhar tudo só pelos jornais.

No acampamento encontrei Pina. Ela tinha ido para lá temporariamente para treinar mais um pouco.

Nós nos abraçamos. Ela chorou mais que eu.

– Pensei que estava morta – disse Pina – foi o que todos disseram.

A Ordem da Discórdia

– O que aconteceu naquele dia, afinal? – perguntei.

– O general Bohaus Huoho te salvou. Mas depois chegou Lofar Tanac e eles lutaram. Enquanto isso, você foi capturada. Pensamos que havia morrido numa grande explosão que teve logo depois. Não é tão incomum que alguns morram sem deixar o menor vestígio.

Era mesmo assustador.

Apresentei Pina para Popo e Manila. Eles apertaram as mãos.

Fui rever Gerana e Riela, minhas amigas cozinheiras. Elas também fizeram um escândalo quando me viram.

– Você está viva!! – berrou Riela, com alegria.

Ela me abraçou e não me soltou mais. Gerana também ficou muito feliz.

– Não saia mais dessa cozinha, ouviu? – disse Gerana – ou vai voltar a morar com seu marido agora?

– Serei cozinheira nas linhas de frente – avisei.

– Não foi suficiente o susto de estar à beira da morte? – perguntou Riela, chocada – você quer mais?

– Acho que essa adrenalina vicia – eu disse.

Liguei para Dado. Ele também ficou maluco quando ouviu a minha voz. E mais maluco ainda quando soube que eu pretendia voltar para a batalha.

– Por que tudo isso, Lana?

– É algo que preciso fazer – respondi.

Eu expliquei que tinha feito esses dois grandes amigos na prisão e que Popo havia garantido que eu ficaria segura. Eu sentia que era algo importante. Era o próximo passo que eu precisava dar.

– E esse cara é confiável? – perguntou Dado.

– Ele nos tirou da prisão e nos trouxe de volta pra Discórdia – argumentei – ele não provou o seu valor o bastante?

– Acho que sim. Mas tome cuidado. E, por favor, não fique aí por muito tempo. Quando pretende voltar para casa?

– Ainda não sei – falei – o perfeito seria que eu convencesse Pina a voltar comigo em breve. Mas ela ainda parece empolgada.

– As duas estão – suspirou Dado – bem, vou torcer por vocês.

– Obrigada.

Wanju Duli

Meu coração estava dividido. Eu ficava toda derretida ao ouvir a voz de Dado. Morria de saudades. Meu impulso era desejar voltar para ele imediatamente.

Mas então eu recordava de tudo que passei e no fundo acreditava que aquilo tinha algum significado. Eu pensava que meu papel ali ainda não tinha terminado.

No dia seguinte, eu, Popo, Manila e mais um cara entramos numa barraca do acampamento e esse cara nos explicou tudo sobre as estratégias de guerra que precisávamos saber usando um mapa.

Esse sujeito explicava muito bem e parecia muito inteligente. Ele falava claramente e de forma simples. Era surpreendente, pois ele usava um uniforme amarelo claro. O pessoal com esse uniforme geralmente eram um bando de metidos.

Mas ele não. Estava sinceramente interessado em nos explicar tudo da maneira mais clara possível e resolver nossas dúvidas. Não queria tentar mostrar para nós tudo que sabia. Ao contrário, ele escondia. Mas eu reparei. Senti que Manila também.

Eu e ela nos entreolhávamos satisfeitas com os escorregões que ele dava. Parecia ter uns quarenta e poucos anos, como a gente. Era um cara alegre e simpático. Talvez até demais.

– Essa é nossa zona mais segura – ele apontou no mapa – e essa outra é a mais perigosa. E não pelas razões que nós imaginamos. Às vezes queremos seguir nossa intuição para decidir onde podemos nos proteger, mas é bom lembrar que devemos seguir o protocolo. Segui-lo já salvou muitas vidas.

– Você é o mestre de não seguir regras – sorriu Popo – então não venha com essa. Ele não vai dizer a vocês, mas foi ele mesmo que fez todos os cálculos. Sabiam que ele é formado em engenharia aeroespacial? Ele era da aeronáutica, mas depois foi para o exército. Aqui em Discórdia é assim: uma suruba. Você pode passar de um cargo para outro num golpe de vento, conforme a necessidade.

O cara ficou meio sem jeito.

– Eu não vim aqui para apresentar minha autobiografia e sim para explicar medidas simples de segurança. Como se você também não fosse formado...

A Ordem da Discórdia

– Você fala como se ser formado fosse um palavrão! – exclamou Popo, achando graça – ou você queria esconder isso para insinuar que adquiriu sozinho todos os seus grandes conhecimentos?

– Mas como você é chato, Popo! Por que não continuou lá na prisão?

– Eu já disse, porque terminei de escrever meu livro, Giono Soluxei.

Popo pronunciou o nome dele como se estivesse se deliciando em fazer isso.

Giono balançou a cabeça em desaprovação.

– Essa semana eu vou acompanhar vocês lá nas linhas de frente – disse Giono – se Popo não tiver nada melhor para fazer e não quiser começar um segundo livro, também está convidado para ir.

– Vou pensar no seu caso – zombou Popo.

Quando Giono foi embora, Popo perguntou:

– Que acharam dele?

– Muito bonzinho e simpático – disse Manila – ele estava realmente tentando ajudar. Você não precisava ter sido tão rude.

– Ele é um amigo de longa data – explicou Popo – eu não podia perder a oportunidade de caçoar dele.

– Nunca vou entender amizade de homens – disse Manila.

E lá fomos nós para a batalha. Fizemos nossa viagem. Eu me arrepiava com aqueles sons de tiros e bombas. Eu não me sentia bem naquele ambiente.

Era difícil entender porque mesmo me sentindo péssima lá eu continuava indo. Acho que eu não quis recusar o pedido de Popo. E Giono também se ofereceu para nos ajudar e foi tão gentil...

Por que um cara bonzinho como Giono estava na guerra? Eu não conseguia enxergá-lo matando outras pessoas. É claro que ele não matava. Devia apenas bolar as estratégias de guerra.

Quando comentei isso com Popo, ele riu de mim.

– Você é muito ingênua – disse Popo – você me vê matando alguém?

– Você eu até vejo – falei.

– Devo aceitar isso como insulto ou como elogio? – perguntou Popo.

Manila concordou comigo em todos os pontos. Ela insistiu que Giono jamais havia matado alguém.

– Por que vocês duas fazem isso? – perguntou Popo, meio desconfortável – querem decidir a vida e a personalidade das pessoas por

Wanju Duli

elas com um mero olhar! Acham mesmo que podem conhecer alguém depois de uma conversa de quinze minutos?

Quando Giono chegou, nos guiou para a zona segura e explicou todos os motivos de ela ser segura. Ele tentava explicar o mais claramente possível, mas não conseguia evitar meter uns termos técnicos no meio vez ou outra.

– Elas disseram que acham que você nunca matou ninguém, Giono – informou Popo, em tom divertido.

A expressão de Giono foi um pouco sofrida. Foi um sorriso estranho.

– Por favor, não façam isso comigo – disse Giono – é difícil.

Tanto eu como Manila percebemos que era mais educado não perguntar quantas pessoas ele tinha matado. Se é que ele tinha contado.

– Mas você não gosta de matar os outros, certo? – perguntou Manila, para consertar a situação.

– Não, é claro que não – disse Giono – às vezes tento me divertir pelo menos um pouco só para não tornar minha vida miserável. Mas não me entendam mal. Talvez “divertir” não seja o termo correto.

– É questão de sobrevivência e de manter a sanidade – disse Popo, para defendê-lo – quem odeia totalmente o trabalho que faz está fadado a ser infeliz. E alguém tem que fazer o trabalho sujo. Tem uns caras por aí que não se permitem nem um pouco de felicidade no exército, porque se sentem culpados. Em geral, eles não aguentam e logo saem.

Ainda bem que eu não precisaria matar ninguém. Eu era uma cozinheira.

Claro que em algum momento eu poderia ter que lidar com algum tipo de dilema para poder me defender em alguma situação grave. Embora Giono tenha falado sobre os protocolos, nesse caso eu teria mesmo que seguir minha intuição.

Aqueles dias de treinamento foram bem tranquilos e interessantes. Aprendi muita coisa sobre segurança. Digamos que era um conhecimento indispensável onde estávamos.

Eu aprendi os melhores lugares e maneiras de me esconder. Manila já tinha aprendido tudo aquilo há cinco anos, mas achou bom lembrar, já que tinha esquecido boa parte.

A Ordem da Discórdia

Aquele clima era realmente maluco. Primeiro estava tão frio que fomos para a batalha com um monte de casacos. E no dia seguinte fez um calorão dos infernos! No terceiro dia choveu. Era irritante. Será que os magos estavam esculhambando o nosso clima com suas magias?

Popo e Giono resolveram nos dar também umas lições básicas sobre batalha. Popo me deu um revólver, mas eu não queria nem mesmo segurar aquilo. Senti muito medo.

– Ele não vai te morder – garantiu Popo, achando graça.

– Não quero – falei.

Eu não sabia que me sentiria daquele jeito. Quando tentei segurar o revólver, eu me senti terrivelmente mal ao tocar aquele metal frio. E eu fiquei realmente aterrorizada ao lembrar que aquele troço podia matar uma pessoa apenas ao apertar um botão. Era totalmente apavorante.

Eu mesma já tinha levado um tiro, mas atirar em alguém seria mil vezes pior. Eu não teria coragem.

Surpreendentemente, Popo não zombou da minha reação. Ele ficou um pouco surpreso, mas respeitou.

– Não se preocupe – disse Popo – você não é a única a agir assim. Já vi outros casos do tipo, por parte de pessoas que respeito. Não é frescura.

Segurar uma faca foi mais fácil, pois eu estava acostumada a manipular facões na cozinha. Mesmo assim, só aceitei guardar comigo uma faca pequena. Eu também não gostava muito de saber que a faca era tão afiada, o que não era o caso das facas de cozinha, que tinham pouco fio.

Os dois demonstraram para nós como se manipulava diferentes tipos de armas. É claro que não precisávamos realizar aquele treino no próprio local de batalha, mas estávamos na “zona segura” mais afastada e Popo achava importante que nos acostumássemos com o ambiente.

Eu e Giono ensaiamos uma luta de facas “de mentira”, já que as facas que usamos não tinham fio e ele não estava me atacando de verdade. Apenas demonstrando.

Enquanto isso, Popo estava mostrando o uso do revólver para Manila. Ele estava ensinando como sacar o revólver com rapidez e mirar, numa situação em que teríamos pouquíssimo tempo.

Wanju Duli

Nós devíamos saber as duas técnicas: as lentas e as rápidas, pois haveria tanto situações em que teríamos um milésimo de segundo para tomar decisões como aquelas em que teríamos longos minutos ou até horas para pensar numa estratégia, quando o inimigo estivesse afastado.

Eu insistia para eles que eu era uma cozinheira e não iria lutar, mas eles insistiam para mim que “era bom” eu saber de tudo aquilo, pois certamente chegaria o momento em que tal conhecimento não seria somente útil, mas poderia salvar a minha vida e a vida de outra pessoa.

No dia quente fizemos muitas simulações de batalhas e exercícios corporais, por isso ficamos morrendo de calor. Eu e Manila tiramos os casacos dos uniformes e nos abanamos.

Popo também sentou para descansar no fim dos exercícios. Ele tirou o casaco. Estava usando apenas uma regata branca por baixo. Bebeu quase uma garrafa inteira d'água e estava suando muito. Havia enormes manchas de suor na blusa.

Quando Manila o viu assim tapou a boca com a mão e deu uma exclamação audível. Os braços dele eram realmente fortes e musculosos. Era indiscutível: Popo ficava muito sexy de regata. Eu já havia notado que ele era um pouco charmoso, mas vê-lo assim não deixava a menor dúvida.

Manila estava maluca ao meu lado. Ela agarrou o meu braço e apertou.

– Ele NÃO tem setenta anos! – ela me deu um sussurro gritado – ele tem no máximo sessenta. Esse cara é um mentiroso de uma figa! O cabelo dele nem está tão branco assim. Veja por baixo: ainda tem várias partes pretas, não é? E na barba também. Ele só está um pouquinho calvo na frente, mas isso não significa que...

– Manila, calma – eu disse, rindo – toma uma água, porque senão você vai ter um treco. Quer que eu peça emprestado para Popo a garrafa dele?

– Não se atreva!! – disse Manila, um pouco mais alto do que pretendia.

Popo olhou na nossa direção com curiosidade.

– O que está acontecendo aí? – ele perguntou, com toda a ingenuidade.

A Ordem da Discórdia

Logo ele que era tão sarcástico, nem se deu conta do motivo dos nossos chilikues. Ele não fazia a menor ideia! Ele não era bontinho? A inocência dele naquele momento só tornou a situação mais divertida.

– Tá quente, né? – comentou Manila, se abanando e rindo.

– Isso não é desculpa para parar com o treinamento agora – disse Popo, sorrindo, interpretando errado o comentário – nós vamos voltar a treinar em dez minutos.

– Claro – disse Manila.

Tivemos que nos afastar um pouco de lá para poder rir e fofocar mais livremente.

– Minha Deusa Éris, o que foi isso? – perguntou Manila.

– Que exagero de reação, Mani! – exclamei – você não podia ser um pouco mais discreta? Quase furei o meu braço com suas unhas. Nunca viu um cara de regata antes?

– Já tirei a regata de vários – brincou ela – não é que eu esteja tão impressionada assim. Já vi caras na academia com corpos muito mais bonitos e definidos. Mas é que foi completamente inesperado! Eu só o tinha visto de casaco até agora. Não imaginava que ele tinha músculos. Fiquei em estado de choque, só isso. Não estou a fim dele nem nada assim. Ele é um chato.

– E o que tem a ver ser chato com ter desejo sexual? – perguntei.

– Não estou com “desejo sexual”! – dessa vez ela ficou braba – eu fiquei surpresa, só isso. Porque ele disse que tinha setenta anos! Entendeu? Eu só achei engraçado...

Fiquei surpresa que ela tivesse ficado de repente irritada, ofendida e desse um monte de desculpas.

Até fiquei um pouco chateada. Era para ser um momento divertido. Mas pelo jeito ela também tinha seu orgulho. Não queria admitir que tinha gostado dos braços dele, mas apenas “ficado surpresa”. Achei bobagem. Até eu que era casada não via problema em confessar que aquele momento rendeu uma bela vista. Eu só deixaria claro logo a seguir que gostava muito mais dos braços do meu marido, simplesmente porque eram do homem que eu amava.

Mas o senso de humor de Manila tinha acabado e ela desafiou Popo para uma luta de facas. Mesmo sendo facas sem fio, ela fez questão de

Wanju Duli

tentar atingi-lo de verdade, embora não tivesse conseguido. Ela queria descarregar a sua fúria.

Notei que ela até se esforçou em vários momentos para desviar os olhos do corpo de Popo. Não queria que ele notasse que ela tinha olhado. E também fiquei surpresa ao notar que o próprio Popo não olhou para mim ou para Manila em nenhum momento, embora também estivéssemos ambas com camisas curtas e um pouco de decote ao tirar o casaco.

“Então Popo é um cara desse tipo” pensei, sem saber se eu estava desapontada ou o admirava. Ele falava de mulheres e fazia muitas piadas, mas na hora em que via um pouco de carne ele era discreto e respeitava.

Ou eu podia estar apenas imaginando coisas. Afinal, Giono também não estava olhando para a gente. Será que eu me achava demais? É claro que os caras não iam olhar pra mim só porque eu era mulher e estava com um pouco de decote. De repente Giono nem reparou.

Para ser sincera, eu não entendia direito como os homens pensavam. Eu casei com meu primeiro namorado e a maior parte dos meus amigos próximos eram do sexo feminino.

Depois do dia da chuva, o tempo finalmente se abrandou. Não senti frio nem calor naquele dia e fiquei muito feliz.

No entanto, não foi um dia tranquilo. Giono veio nos avisar que nem a zona segura estava segura naquela ocasião e que talvez fosse melhor voltarmos.

– Mas... eu quero lutar! – disse Manila, cheia de coragem.

– Você quer ir lá para frente? – perguntou Popo – se quiser, fique perto de mim. Sempre. Ouviu bem?

– Ouvi – disse Manila.

Eu não teria coragem de ir com eles. Comuniquei-os minha decisão.

– Está certo – disse Giono – eu te levo até a zona de encontro.

A zona de encontro era a entrada. Eu sabia ir sozinha e já tinha feito isso muitas vezes. Se Giono fazia questão de me acompanhar era porque aquele dia era mais perigoso do que todos os anteriores.

Ele me deixou lá e aguardou que eu fosse embora. No entanto, eu não me movi.

– Já vou – eu falei.

A Ordem da Discórdia

Eu estava tão nervosa que minhas pernas tremiam e eu não conseguia me mover. Giono também parecia meio alterado. Estava com um pouco de pressa. Parecia em dúvida se me aguardava ou não. Por fim, deu umas voltas por lá. Eu quase o perdi de vista no meio de um monte de gente, mas depois reparei que ele entrou rapidamente numa barraca, como se não quisesse ser visto.

E agora? Eu ia embora? Com quem eu devia falar mesmo para ir embora? Esqueci de perguntar para Giono.

Por isso, resolvi ir até a barraca e aguardar do lado de fora que ele saísse. Em geral, o pessoal fazia coisas diversas dentro da barraca: tomar um banho de gato, ir ao banheiro, trocar de roupa ou até descansar um pouco. Eu torcia para que ele não demorasse, porque eu estava ficando cada vez mais nervosa.

Quando vi a barraca se abrindo eu já ia falar com ele quando alguma coisa me fez recuar com medo. Eu levei um susto maior que qualquer outro.

Quem saiu da barraca foi um cara de manto dourado com máscara branca. Aqueles lendários que eu só via de longe. Até mesmo o cara que me salvou naquele dia e Menifa eu não tinha visto tão de perto assim.

Por isso eu recuei. É claro que eu não me atreveria a encostar nele. E o cara parecia com pressa. Foi diretamente para a frente de batalha.

Eu não era a única surpresa. O pessoal abria caminho para que ele passasse. Alguns soltavam exclamações, como se ele fosse uma ambulância que estivesse prestes a salvar uma vida e todos os carros tivessem que abrir caminho do jeito que pudessem. E no fundo era mesmo. Se a situação atual exigia que um mago entrasse em cena, era porque o negócio era grave.

Eu sabia que usar a roupa fazia parte da estratégia de batalha. Era algo que podia induzir o inimigo a recuar. Por isso, a escolha dele de perder alguns minutos para se trocar não foi nem um pouco trivial.

Eu estava tão assustada e fascinada com aquilo tudo que, após me recuperar, tentei segui-lo. Eu quase o perdi de vista outra vez. Meu coração estava saltando no peito. Eu ia correr risco de morrer só para espiar de perto o cara de manto dourado!

Wanju Duli

Não era necessário eu fazer algo assim, porque agora eu conhecia a identidade dele. Giono Soluxei era um dos nossos magos! Por que ele não nos contou? Já fazia algumas semanas que ele estava nos treinando.

De repente me dei conta do motivo: a identidade dos magos era secreta. Eles nunca mostravam o rosto, em nenhuma circunstância. Era uma espécie de lei ou regra deles por motivos que eu não entendia totalmente. Não sei se tinha mais a ver com a nossa segurança ou com a dele.

Eu o segui mais ou menos de longe, porque não queria que Giono soubesse que eu o havia seguido. Não sei se ele notou que eu o vi quando ele saiu da barraca.

Giono foi até um local extremamente perigoso em que estaria totalmente visível para os cinzentos. Ele estava destruindo todas as mais importantes medidas de segurança que havia nos ensinado!

Imaginei que as regras para os magos fossem diferentes. A função dele naquele momento era correr perigo: mostrar-se abertamente para os concordianos, como se declarasse: “Tem um Mago Discordiano aqui. Ousem me atacar e morram!”

E teve um maluco de cinza que ousou fazer isso. Ele não tinha roupa de mago, mas pelo tom do cinza que usava parecia ser bem alto na hierarquia. Ele se sentia confiante o suficiente para lutar.

O cara de cinza o atacou com uma espada. Ele parecia ser muito bom com aquela espada e a movimentava como se fosse vento. Para a minha surpresa, Giono se defendeu com as mãos nuas. Ele fez alguns movimentos inacreditáveis.

Aquilo era magia, com certeza. Ninguém poderia se mover daquela forma, por mais que treinasse. Será que ele estava fazendo alguma coisa com o tempo, tornando-o mais rápido ou mais lento? Eu não saberia dizer. Só sei que em pouco tempo ele quebrou a espada do desgraçado em dois.

No segundo seguinte, o cara cinza tirou uma arma e deu muitos tiros em Giono.

Eu juro que não entendi o que ele fez a seguir. Giono fez um movimento maluco no ar, como se criasse fogo através dele. Uma enorme labareda cruzou o ar, parecendo vir de sua manga. E logo o infeliz estava pegando fogo.

A Ordem da Discórdia

Talvez por piedade e para abreviar seu sofrimento, o mago dourado cortou-lhe a cabeça. Foi um movimento extremamente preciso. O corpo e a cabeça caíram no chão.

Ninguém mais tentou lutar contra o mago. Todos os caras de cinza correram. Pelo jeito não havia nenhum mago concordiano presente naquele momento para ajudá-los.

E agora, o que Giono ia fazer?

Ele apenas deu meia volta e retornou para o local em que estávamos antes. Pelo visto, não tinha sofrido nenhum ferimento.

Só que depois, infelizmente, eu não soube para onde ele foi.

Eu fiquei muito perturbada depois disso.

O dia seguinte de treino já foi bem mais calmo. Popo e Giono nos encontraram e prosseguiram as coisas como de costume. Como se nada tivesse acontecido no dia anterior.

– Como foi ontem? – perguntei para Manila.

– Não aconteceu nada – disse Manila – ficamos seguros. O inimigo recuou.

– Entendi – falei.

Por que ninguém comentava nada sobre a aparição do mago? Será que era tabu? Será que até Manila sabia que Giono era um mago e não comentava por causa de alguma regra?

Eu não havia recebido o treino oficial deles, que todos que se alistavam faziam. Podia ser que nessa época eles aprendessem que, sempre que descobrissem a identidade de um mago por acaso, deviam manter sigilo a respeito e jamais comentar com ninguém. Ou qualquer coisa do tipo.

Se eu cometesse alguma falta grave de indiscrição, não era culpa minha. Ninguém me ensinou nada sobre isso. Mas será que no fundo eu já não conhecia essa regra, sem ninguém precisar me dizer?

Reparei que havia um leve ferimento na mão direita de Giono. Sem nenhuma dúvida, isso agora confirmava que ele era o cara por baixo do manto dourado. Eu tinha visto ele entrar e sair da barraca, mas sempre restava a dúvida se no fundo não havia duas pessoas lá dentro. Mas aquilo tirou todas as dúvidas que eu porventura tivesse.

Eu devia ser indiscreta e perguntar? Será que eu tinha coragem de colocá-lo nessa situação? Antes que eu pudesse me conter, eu disse:

Wanju Duli

– Você se machucou?

– Ah – disse Giono, olhando para a própria mão – não foi nada grave.

Ele foi bastante natural na resposta. Resolvi não insistir. Nem Popo e nem Manila pareciam ter notado algo estranho na minha pergunta.

Será que nenhum dos dois sabia que Giono era um mago dourado? Popo já tinha mencionado que conhecia Giono há muitos anos. Saber aquela informação poderia ser um choque para ele.

No final do treinamento, pedi para conversar com Popo em particular.

– O que aconteceu ontem? – perguntei.

– Eles trouxeram um exército enorme e armamento pesado – informou Popo – mas nenhum mago. Então bastou um de nossos magos para afugentá-los.

– Você conhece a identidade de nosso mago?

– Conheço.

Eu não esperava uma resposta assim tão direta.

– A identidade dele é secreta, certo? – perguntei.

– Você conhece as regras.

– Eu não quero quebrar nenhuma regra – defendi-me – mas é que ontem eu vi quem estava por baixo do manto... sem querer.

Popo suspirou fundo.

– Às vezes essas coisas acontecem.

– Eu fiz algo ruim? – perguntei.

– Se foi sem querer, não a culpo – disse Popo.

– Então Giono é... – falei, mas não consegui completar a frase.

– Sim – respondeu Popo – é um nome falso. O nome verdadeiro dele é Bohaus Huoho.

Eu gelei. Popo pensou que eu havia descoberto muito mais do que eu realmente sabia!

Ele viu minha expressão de espanto. Não precisei dizer nada.

– Merda – Popo riu – eu falei demais. Você só tinha reparado que ele era um mago dourado, certo? Não tinha notado que ele era o General Huoho.

– Ele é...?

A Ordem da Discórdia

– Não diga a ele que descobriu – alertou-me Popo – e não conte para ninguém, nem mesmo para Manila. Sob nenhuma circunstância.

– Por quê? – perguntei.

– Eu não considero nossas regras sagradas e nem nada assim – disse Popo – mas é perigoso. Quanto mais pessoas souberem, mais Bohaus corre risco de morrer. Ele anda livremente por aí com a identidade “Giono Soluxeí”. Se isso se espalhar, os concórdianos podem arrumar uma emboscada quando ele estiver despreparado, dormindo ou machucado. O que eles mais adorariam no mundo seria matar um dos nossos magos. E se for o general da divisão norte, vão pegar um peixe grande. A morte de apenas um mago pode ser o que define o rumo da guerra.

Eu sabia disso. Por esse motivo a morte de Koro Mere gerou tanto furor.

– Há outros magos dourados com identidades falsas por aí? – perguntei.

– Que eu saiba não – disse Popo – o caso de Bohaus é especial, porque as funções dele exigem que se mova livremente entre lugares diferentes. Menifa Sulian, por exemplo, a nossa líder, jamais aparece sem manto. É uma regra que ela adotou. Até onde sei, nem mesmo Bohaus ou outros magos já a viram sem o manto. Eu mesmo nunca vi. Eu estive preso por relativamente pouco tempo, então suponho que essas coisas ainda não mudaram.

Eu ainda estava muito impressionada com tudo aquilo. Popo reparou e sorriu.

– Você é nova aqui, então vá com calma – disse Popo – você ainda vai ver coisas piores do que essa.

– Pina me disse que foi o General Huoho que me salvou naquele dia. Então foi ele que explodiu aquele cara de uma forma horrível.

– Todos nós explodimos caras de formas horríveis, Lana – disse Popo – ou os esburacamos, ou os queimamos vivos. Há várias formas. É disso que a guerra se trata.

– Então o que eu estou fazendo aqui, cozinhando para vocês? – perguntei, com amargura – cozinhando para assassinos.

Wanju Duli

– Um médico deve salvar todos, bons e maus – ele disse – você acha que uma cozinheira também deve alimentar todos ou fazer diferença entre as pessoas?

– Mas essa guerra é fazer diferença! – exclamei – pois somos os “bons” lutando contra os “maus”.

– Um dia eu vou te contar porque estamos lutando – disse Popo – ou você mesma vai eventualmente descobrir. Mas eu não te prometo que esse motivo vai esclarecer as coisas. Pode obscurecê-las ainda mais.

Capítulo 4: O Prisioneiro

Naqueles dias encontrei alguém que não esperava encontrar:

– Pensei que você estava morto! – exclamei.

– E eu pensei que VOCÊ estava!

Era o cara de amarelo claro que levou um tiro comigo quando estávamos na trincheira. Descobri que o nome dele era Ausamo Trena. Ele tinha 35 anos.

– Quem foi que te salvou? – perguntei.

– O General Huoho – ele falou, todo orgulhoso.

Será que ele sabia que o general e Giono eram a mesma pessoa? Resolvi fazer um teste. Pedi autorização para que ele treinasse um dia conosco, junto com Giono, Manila e Popo. E Popo simplesmente deu de ombros, como se dissesse: “Não sei quem é esse cara e porque você o convidou, mas, foda-se, traga-o se quer mesmo”.

Ele não conhecia nem Popo e nem Giono, mas como eles tinham uma patente mais alta que a dele, Ausamo apresentou-se para eles com bastante respeito.

Enquanto isso, Giono agia como se o visse pela primeira vez. Ele era um excelente ator. Já devia ter feito aquele tipo de coisa incontáveis vezes.

– Façam uma luta de facas – incentivei – quero assistir.

Ausamo estava meio sem jeito de fazer aquilo com um cara de hierarquia superior a dele. Pelo visto, ele realmente se importava com essas coisas.

Antes eu pensava que ele fosse apenas um cara rude. Ele não me tratou exatamente bem quando eu estava tentando entregar minha carta. É claro: eu era só uma mensageira, uma pessoa que era tão baixa na hierarquia que na prática sequer estava nela. Mas ele também tinha salvado minha vida.

A luta dos dois foi legal. Eu e Manila ficamos torcendo. Giono o venceu sem a menor dificuldade, mas sem subestimá-lo. Proporcionou

Wanju Duli

uma boa luta. No final, eles apertaram as mãos. Ausamo parecia ter se divertido.

– Parem com as facas e lancem magias – incentivou Popo – e nos proporcionem um verdadeiro espetáculo.

– Olha quem fala – disse Manila – você só fica aí sentado.

– Não gosto muito dessas lutas falsas porque não dá pra brigar pra valer – disse Popo.

– Que tal você e Giono batalharem? – desafiei, com os olhos apertados de satisfação – vocês dois são fortes e podem pegar um pouco mais pesado um com o outro.

Pensei que Popo ia colocar o rabo entre as pernas e recusar a proposta. Afinal, é claro que Popo não se atreveria a desafiar um general. Mas Popo, com seu jeito descontraído, pareceu considerar o desafio.

– Se ele quiser, eu não sou contra – disse Popo.

Giono lançou a Popo um olhar desconfiado, como se pensasse: “Tem certeza de que isso é uma boa ideia? Você sabe o que está fazendo?”

Mas Popo levantou-se e todos nós vibramos.

“Acabe com ele, general” pensei, maldosamente. “E tire esse sorriso confiante do rosto de Popo”, já que ele sempre agia como se fosse o maioral. Afinal, se ele tinha mesmo uns sessenta ou setenta anos, devia estar há mais tempo por lá do que a maioria.

Mas, para a nossa decepção, eles começaram a lutar “de mentira”. Nós vaiamos.

– Quero ver alguns braços e pernas decepados! – reclamou Manila.

– Só se for os seus – disse Popo.

– Que tal um de vocês lançar magia de fogo e o outro de gelo? – perguntei.

– De onde você tirou isso? – perguntou Popo.

– Da minha cabeça que emana criatividade – respondi.

– Escolha um dos dois, Giono, e divirta nossa plateia – disse Popo.

– Posso ser gelo – disse Giono.

Popo produziu uma espada de fogo e Manila deu um assobio. Giono o imitou e fez uma espada de gelo. E foi com elas que os dois lutaram.

Dessa vez foi muito divertido. Os dois eram extremamente habilidosos. Aos poucos, o pessoal que estava perto foi se reunindo para assistir.

A Ordem da Discórdia

– Vocês estão na frente de batalha! – exclamou Popo, enquanto lutava – não é hora de ficar nos assistindo. O inimigo pode atacar a qualquer momento.

– Então não é hora de vocês nos darem esse show! – gritou alguém que via – é difícil não assistir.

Popo conseguiu derreter a espada de Giono. No segundo seguinte, Giono fez um enorme martelo de gelo e atacou Popo. Giono errou e o martelo se quebrou no chão em mil pedaços. Houve muitas palmas.

– Você está lutando a sério – disse Popo – você quase me acertou de verdade. Não quero mais brincar.

– Não era essa a proposta? – perguntou Giono.

– Era? – perguntou Popo, indiferente.

E simplesmente declarou que a luta estava terminada. Ninguém gostou disso.

Na minha interpretação, Popo percebeu que ia perder e se acovardou. Eu notei que a expressão de Giono estava muito séria. Ele parecia estar totalmente concentrado, enquanto Popo não parecia tão interessado na luta. Ele apenas sentou-se outra vez e começou a mexer num celular, como se nada tivesse acontecido.

Resolvi conversar com Giono reservadamente mais tarde. Pedi para que ele me ensinasse magia.

– Por quê?

– Fiquei impressionada com sua luta hoje – resolvi dizer.

– Mas não se impressionou com Popo também?

– Sim, mas...

“Mas eu prefiro que você me treine, e não ele, porque você é o General Huoho!” pensei, emocionada. Mas é claro que eu não poderia dizer isso a ele.

– Você sabe ensinar de forma mais simples e objetiva que Popo – falei.

Popo também era um bom professor e tinha paciência, mas imaginei que Giono teria melhor didática, seria mais gentil e não encheria a aula de piadinhas.

– Não temos muito tempo hoje, mas posso te mostrar um pouco sobre o básico – decidiu Giono – siga-me.

Wanju Duli

Nós fomos até um local mais afastado. No meio do monte de areia e pedras, havia um pequeno canteiro com grama e até uma flor. Ele me convidou a sentar ali perto junto com ele.

– Quando os Deuses criaram esse mundo, jogaram magia por toda a parte – explicou Giono – tudo emana magia. Ela está em todos os lugares: na areia, na madeira, no metal, no ar. Você pode tirá-la de qualquer fonte, até do tecido da roupa ou de um celular. Você me entende?

– Um pouco – respondi, incerta.

– Os Deuses criaram tudo que existe, incluindo os humanos. Os humanos podem criar outras coisas, mas a criação humana ainda carrega a magia primordial divina. Por isso um celular também tem energia mágica, embora a energia de um mineral da natureza tenha a forma de energia mais bruta. Ela está simplesmente menos trabalhada e permite mais possibilidades.

– Então magia é a energia de tudo que existe?

– Existe um termo mais preciso que energia, que eu gostaria de usar – disse Giono – ele se chama “mônada”. Tudo que existe é formado por pequenas almas complexas que carregam em si o universo inteiro, como um microcosmo. É por isso que é possível conhecer o futuro: porque cada pequeno pedacinho de coisa carrega tudo o que foi, é e será.

– Isso é complicado.

– Não se preocupe com essa parte. O básico é entender que os Deuses colocaram energia, ou mônadas, em tudo. Eles são a primeira fonte, ou fonte de primeiro grau, que possuem o poder máximo. Os humanos, animais, vegetais, minerais e elementos da natureza são energias de segundo grau, pois foram criados pelos deuses. E o que os humanos criam possui energia de terceiro grau. Mas não pense que energia de terceiro grau é fraca. Embora a energia de segundo grau seja, por definição, mais forte que a de terceiro, há certa vantagem na fonte do que é criado pelos humanos. Nós temos um maior controle.

– Mas essa ânsia por controle não é magia concordiana?

– De fato existe essa diferença entre os dois tipos de magia – falou Giono – a nossa Deusa Éris tinha uma abordagem própria para interpretar o mundo. Para ela, a entropia de um sistema é a chave para interpretá-lo.

A Ordem da Discórdia

Nesse ponto ele começou a dar exemplos de termodinâmica e estatística que eu não entendi nada. Eu só fiz que sim com a cabeça. Preferi não fazer perguntas para a explicação não se tornar ainda mais longa.

– Você tem razão quando diz que os discordianos não buscam o controle, ou ao menos não tão diretamente como os concordianos – falou Giono – nós aceitamos que a realidade é mais caótica do que podemos imaginar. Nós jamais podemos mergulhar no caos completamente ou ficaríamos loucos. A mente humana não entende esse conceito de forma racional, mas pode sentir.

– Os concordianos querem colocar o mundo numa caixinha e classificar tudo que existe em diagramas, não é? – perguntei.

– É assim que eles fazem ciência e possuem a ilusão de controlar a natureza – disse Giono – mas os Deuses são forças realmente selvagens e não podem ser domados. Devemos respeitar a natureza e nos maravilharmos diante de seu mistério. Podemos pegar emprestado o que vem dela e agradecer, mas nunca tomar a força e declarar que somos os senhores absolutos do universo.

– Então qual é a diferença na forma de fazer magia entre discordianos e concordianos? – perguntei.

– Nós aceitamos o caos. É do caos que tiramos nossa força. Aceitamos que a natureza opera através de processos desconhecidos por nós e que o bater das asas de uma borboleta aqui pode gerar um furacão do outro lado do mundo. Não clamamos entender porque isso acontece. Da nossa perspectiva, isso é caos. O aparelho humano que temos para ver o mundo jamais poderá ir além de si mesmo. Qualquer lei que elaborarmos sempre terá a limitação do fator humano. Isso significa que jamais podemos desvendar de forma definitiva o que há por trás dos fenômenos. Então nós trabalhamos com sombras e não com a coisa em si. Trabalhamos com o mundo fenomênico e não com o mundo numênico. Nós usamos paradigmas, ou seja, interpretações, e não leis que clamam ter a verdade.

– Podemos dizer que em Concórdia eles trabalham com conceitos exatamente contrários a esses?

– Eles entendem as implicações dessas questões que acabei de colocar, mas simplesmente as ignoram. Eles apenas fingem que existem

causa e efeito e que podem encontrar teorias quase definitivas. Nós, discordianos, somos pragmáticos. Admitimos que o máximo que podemos conseguir são efeitos práticos. Não tentamos elaborar uma teoria magnífica que explique porque as coisas funcionam da forma que funcionam. Tratamos a nossa ciência como mera especulação, como filosofia e como arte. Os concordianos elevam sua ciência a um status quase divino de verdade. Na prática, tratam a ciência como se ela fosse a verdade, embora clamem o contrário. E o mesmo ocorre com a magia.

– A fonte da magia são os Deuses, certo? – perguntei.

– A fonte primordial sim – disse Giono – jamais devemos esquecer de nossas origens. Nesse sentido, os dois povos são coerentes. Nós louvamos a Deusa Éris, a Deusa da Discórdia. E eles louvam a Deusa Anéris, a Deusa da Concórdia e Harmonia. Porém, para eles Anéris é absoluta e tem a verdade. Eles clamam que Anéris é a Senhora Suprema do panteão. De nossa parte, louvamos Éris, mas entendemos que ela não é a única Deusa. Respeitamos os demais Deuses, mas colocamos Éris em primeiro lugar para nós, simplesmente porque ela é um símbolo da nossa forma de ver a magia, que não é a única possível.

– Um Deus é apenas um símbolo?

– Não exatamente. Um Deus pode ser interpretado de várias maneiras, através de diversos paradigmas. A magia também. Mas a magia favorita dos discordianos é aquela que trabalha com paradigmas e magia criativa. Podemos pegar emprestado a magia de qualquer parte: da fonte de grau um, dois ou três, de outras culturas. Podemos até usar magia concordiana. Os concordianos odeiam quando fazemos isso. Achem que estamos zombando deles, mas eu vejo isso mais como uma homenagem. Estamos reconhecendo que a magia deles funciona, mas que é apenas mais um dos paradigmas possíveis.

– Mas na visão deles, a magia concordiana é a melhor de todas e as outras são apenas farsas.

– É mais ou menos isso. É claro que os concordianos não colocariam as coisas nesses termos, pois para eles a magia de Concórdia é harmônica, respeitosa, bela e boa. Acho que todos pensam isso de seus próprios sistemas e visões de mundo.

– Se somos tão respeitosos e tolerantes, por que estamos em guerra contra eles? – perguntei.

A Ordem da Discórdia

– É uma boa pergunta – disse Giono – existe certa polêmica sobre “quem começou” a guerra. Os concordianos dizem que foram os discordianos e vice-versa. Mas eu diria que foi mútuo. Já havia desentendimento velado entre os dois povos há muito tempo. Quando a coisa passou dos limites, não houve outro jeito.

– Sempre há outro jeito. Podemos conversar.

– Sim, podemos conversar, mas às vezes só conversa não resolve. Já tentamos provar teoricamente um para o outro que nossa visão de mundo é mais razoável. Essa explicação que te dei é apenas uma teoria superficial de porque a magia discordiana é muito vantajosa, efetiva, respeitosa com outros sistemas de magia e visões de mundo, e por aí vai. Só que os concordianos têm outra teoria. Eles acham que existe uma verdade e que ela pode ser descoberta, principalmente com a ajuda dos Deuses. Nós, discordianos, não afirmamos que não existe uma verdade. Nós apenas questionamos nossa capacidade de chegar a ela. Afinal, mesmo os Deuses não sabem de tudo.

– Os concordianos clamam que Anéris é onisciente?

– Algo assim. Dizem que às vezes ela esconde deles a verdade, por “razões misteriosas”, mas na prática o fato de ela esconder, independente do motivo, ou de ela ter a verdade ou não, deixa os humanos sem saber sobre essa suposta verdade última. Sendo assim, não importa se Anéris é onisciente, onipotente e onibenevolente. Mesmo que fosse, se ela não quer compartilhar esses atributos com a humanidade, na prática não temos acesso à verdade. Só podemos ter um acesso parcial a isso pela crença.

– É uma questão de fé – falei.

– Exato – disse Giono – os concordianos acreditam que vivemos em um universo harmonioso, regido por leis determinadas e onde tudo se encaixa, simplesmente por fé. Não há nenhuma prova disso. Aí que está a nossa diferença: os discordianos não clamam que nós necessariamente vivemos num universo em que as coisas não se encaixam. Senão também seria uma questão de fé. Eles simplesmente encaram tanto a forma de ver as coisas dos concordianos como dos discordianos como um paradigma. Podemos adotar paradigmas diferentes conforme busquemos efeitos práticos específicos.

Wanju Duli

– Entendi. E qual é o efeito prático específico que buscamos com a magia?

– Qualquer coisa. No nosso caso agora é vencer a guerra. O pessoal de Concórdia conhece nossa teoria da magia. Eles simplesmente a rejeitam. Alegam que o país deles é muito melhor e mais organizado, exatamente porque seguem a ordem, a bondade e a verdade. Essa é uma questão controversa, pois nós discordianos preferimos nosso jeito de fazer as coisas. As pessoas têm opiniões e estilos diferentes. Sobre que país é melhor, considero essa questão extremamente subjetiva. A quantidade de concordianos que gostariam de morar em Discórdia e vice-versa sempre foi mais ou menos a mesma. Tem gente que gosta mais de uma cultura ou de outra por inúmeras razões. E isso nem sempre tem a ver com nossa forma de fazer magia. Nós recebemos inúmeras influências e eles também. E influenciamos um ao outro.

– Mas agora uma cultura se considera inimiga da outra – falei.

– Muitos discordianos não gostam dos concordianos porque eles clamam ter “a verdade” e acham que só eles entendem sobre bem, bondade e beleza. Os discordianos veem a si mesmos como mais respeitosos, criativos e livres, por aceitarem diferentes culturas e jeitos de fazer as coisas. Só que não é assim que os concordianos nos veem. Eles acham que nós relativizamos demais as coisas, pois para eles existe o bem e o mal, o certo e o errado. Eles acham que nossa abordagem de Caos pode nos levar a considerar coisas como assassinatos, roubo e mentira como “bons”.

– Eles não podem alegar que acham assassinato sempre errado se estão matando numa guerra! – exclamei.

– Para eles essa é uma exceção, porque eles estão lutando para manter seus ideais – disse Giono – concordo que isso não faz sentido. É uma contradição. O argumento que eles usam é que respeitam os direitos humanos e tratam bem seus prisioneiros.

– Eles realmente nos trataram bem – falei.

– Não é como se nós tratássemos mal os nossos prisioneiros – disse Giono – eles só possuem algumas leis mais rígidas para praticamente tudo, em nome de manter a ordem. Em nome da “bondade” eles perdem um pouco a liberdade. É o contrato social. Todas essas questões são discutíveis, mas no final ninguém conseguiu provar para o outro que

A Ordem da Discórdia

era um país melhor. Então foi decidido que a força mágica seria um bom critério para determinar qual abordagem é mais poderosa.

– Ou seja, para saber se Éris ou Anéris possuem maior poder bastaria ver qual lado da guerra ganhou – comentei – o vencedor teria “a verdade”.

– É uma concepção muito romântica e idealizada – disse Giono – é claro que uma guerra pode ser ganha por inúmeros fatores além do nosso controle. A sorte também possui seu papel. Independente de Discórdia ou Concórdia ganhar a guerra, na minha concepção isso não prova que a Deusa desse país é mais forte ou está certa. Pode sugerir que o amor ou a fé por essa Deusa é mais forte, por exemplo. Ou várias outras coisas. Também pode significar que você tinha mais países ricos te apoiando e enviando dinheiro.

– Ou seja, essa vitória não vai significar nada – falei.

– Essa guerra está sendo feita porque os dois lados são orgulhosos. Agora que começamos a briga, nenhum lado vai ceder até vencer. É claro que nenhum país é completamente maluco ou obstinado. Se por acaso um dos lados conseguir atravessar a fronteira, tomar o outro país completamente e fizer um assassinato em massa, o país atingido vai ter que se render se não quiser ver todos os seus cidadãos mortos. Acho que isso é mais importante que qualquer orgulho.

– Mas então por que você está participando da guerra se não concorda com ela? – perguntei.

– Tem uma guerra estourando no meu país e não posso simplesmente ignorar – alegou Giono – conhecemos o ser humano e sabemos bem que nem tudo pode ser resolvido com diplomacia. Às vezes as pessoas não querem conversar, até porque raciocínio lógico é apenas uma forma de interpretação da realidade e possui suas limitações. Se conversa não adiantou, buscamos outras formas de comunicação.

– Então a guerra é uma “comunicação”? – perguntei, franzindo a testa – me parece mais com matar quem não concorda comigo.

– Todo país precisa de forças armadas para proteção, ou poderíamos ser exterminados a qualquer momento – disse Giono – precisamos saber nos defender. Eu nasci aqui e sempre morei aqui. Não me considero um nacionalista ferrenho, mas não tenho vontade de sair do país e morar em outro lugar. Não condeno quem faz isso. Eu tive o azar de não viver

Wanju Duli

numa época pacífica. E como me alistei no exército, é claro que tenho que lutar. E como tenho o poder para ajudar meu país, por que não vou usá-lo?

– Você não acredita em total pacifismo? – perguntei.

– Seria o ideal, mas não sei se a humanidade já está preparada para algo tão elevado. Para isso deve haver muita confiança e todos os países desconfiam uns dos outros. Não podemos ser ingênuos. Se todos os países do mundo largarem as armas e apenas um não largar, acabou. Esse país dominará todos os outros e, se quiser, exterminará os demais.

– E onde a magia entra nisso tudo?

– As guerras nem sempre foram dominadas por conhecimento científico e tecnológico – explicou Giono – nós tendemos a esquecer nossas origens. Conhecimento bélico é o terceiro grau de magia. Nós o usamos também, mas através de conhecimento ancestral aprendemos a recorrer aos graus mais poderosos. Magia da natureza é o segundo grau e magia divina é o primeiro.

– Como numa hierarquia – eu disse.

– Os discordianos não gostam muito de hierarquias, por isso costumamos salientar que o domínio de todos os graus deve ser buscado, pois um grau sempre vai ter vantagens e desvantagens que outros não têm. É a combinação de todos eles que torna um mago forte. Até os concordianos entendem isso.

– Se os dois lados exploram os três tipos de magia, qual é a diferença entre eles?

– Os discordianos pensam que só estão interpretando papéis numa peça de teatro quando fazem magia, vestindo diferentes disfarces – explicou Giono – já os concordianos não veem a magia como um jogo, mas como a coisa real.

– E qual é o efeito prático disso? – perguntei – considerar a magia mais a sério não é uma vantagem? Essa crença não a torna mais poderosa?

– Como em tudo, há vantagens e desvantagens – disse Giono – sei que essa constatação parece meio superficial, mas é bom tê-la em mente. Os concordianos acham que possuem uma missão divina, que são os escolhidos e que irão salvar o mundo do caos. O “caos” por acaso somos nós. Os discordianos os veem como “fanáticos”. Embora os

A Ordem da Discórdia

concordianos sejam contra torturar os outros, eles estão dispostos a matar a si mesmos em nome do que acreditam. Por isso, nessa guerra vários soldados bons deles já morreram, incluindo magos, com ataques suicidas. Eles mataram muitos dos nossos através deles, mas sacrificar um mago é uma decisão pesada. Eles consideram a vida do mago como sacrifício à Deusa Anéris. Nós não pensamos assim. Preservamos os nossos magos, tomamos cuidado. Eles podem ser a chave para a vitória. É esse descuido deles, esse teor sagrado de sua abordagem, que é ao mesmo tempo a fraqueza e a força de Concórdia.

“Você não foi muito cuidadoso quando foi até a zona mais perigosa da guerra e lutou contra aquele cara” pensei. Mas é claro que não expressei meu pensamento em voz alta.

Eu suspirei. Pensei que tínhamos ido lá para ele me ensinar magia, mas o assunto acabou se desviando. Se bem que foi interessante também.

Resolvi retomar nosso tema central:

– Acho que já entendi a base teórica da nossa magia – falei – devo ver os diferentes sistemas possíveis apenas como paradigmas e não como a verdade. Mas como começo a fazer magia?

– Em primeiro lugar você deve estabelecer um relacionamento de devoção com a Deusa Éris.

– Essa não é uma abordagem meio concordiana? – perguntei.

– Sim, mas nós pegamos emprestado deles porque funciona muito bem – disse Giono – constatamos que ter uma devoção à nossa Deusa possui efeitos práticos sensacionais. A Deusa realmente cede poder.

– Não parece algo meio interesseiro? Vocês só puxam o saco da Deusa para receber benefícios.

– Se fosse uma devoção falsa, seria realmente interesseira – concordou Giono – descobrimos também que ter um amor genuíno à Deusa, independente de recebermos algo em troca ou não, o amor somente por amor, funciona melhor. E porque funciona mais adequadamente, decidimos que devemos amar genuinamente Éris.

– Isso é muito complicado – falei – afinal, a Deusa cede poder de fato ou é porque acreditamos que ela cede que recebemos poder? Um tipo de autossugestão?

Wanju Duli

– Como o poder chega a nós é irrelevante – disse Giono – esse é o aspecto teórico. Você pode adotar qualquer paradigma para explicar isso: o paradigma de que a Deusa cede poder e ele vem totalmente de fora de você, ou que a Deusa canaliza um poder que já existe em você, ou que a Deusa é um mero intermediário e praticamente tudo ou tudo vem de você. Que diferença faz? O nosso objetivo é obter o efeito prático de ter poder.

– Já o objetivo dos concordianos não é o poder, mas simplesmente o amor à Deusa, certo? O poder que recebem é apenas um presente adicional.

– Exato – disse Giono – e eles se consideram mais bondosos, nobres e elevados que nós por verem as coisas dessa forma. Eles dizem que o objetivo de suas vidas é amar a Deusa, apenas isso. Eles só usam poder e nos combatem para honrar a Deusa deles e não porque possuem amor ao poder ou orgulho. Eles apenas buscam a verdade. É o que dizem.

– Se eles pensam realmente assim, jamais vão se render – falei – eles estão dispostos a sacrificar todos os cidadãos se for possível, para honrar a Deusa deles.

– Nós concordamos que esse é um aspecto perigoso da filosofia deles – disse Giono – ou poderia dizer, da religião deles. Perigoso tanto para eles quanto para nós, pois eles estão prontos a matar a si mesmos para vencer e a matar todos os seus cidadãos para não desonrar a Deusa Anéris com um vergonhoso pedido de rendição.

– Isso significa que somente os discordianos podem parar essa guerra e impedir que mais vidas sejam perdidas. Como nós vemos tudo como paradigmas mesmo, qual é o problema em dizer que eles estão certos? Basta dizermos: “tudo bem, reconhecemos que Anéris é a verdade” e pronto. Nós não consideramos que a nossa Deusa Éris seja melhor que outra, então qual é o problema? Não é um paradigma efetivo em que os dois lados saem ganhando?

– Sim, esse é um paradigma efetivo – concordou Giono – mas não é o melhor paradigma possível. Esse é apenas um paradigma menos ruim que a derrota. Mas a nossa vitória seria melhor do que fazermos isso. E é claro que preferimos ganhar.

– Mesmo se o custo disso seja tirar muitas vidas?

Giono suspirou. Olhou para mim e disse:

A Ordem da Discórdia

– Lana, eu admiro que você tenha preocupações humanitárias tão fortes. Mas admitir que eles estão certos significa nos rendermos. E se render significa que vamos ter que assinar um monte de acordos com eles. Iremos nos subordinar economicamente e culturalmente a Concórdia. Pode ser até que eles estabeleçam uma devoção oficial e obrigatória à Deusa Anéris em nosso país. Isso é demais. Não queremos perder nossa liberdade e nossa cultura. Se esse for o preço, estamos dispostos a morrer.

– Mas vocês não vão impor a nossa cultura sobre Concórdia se ganharem, não é? – perguntei.

– É claro que não. Mas nós vamos fazê-los assinar acordos financeiros. Nós estamos perdendo muito dinheiro com essa guerra e é claro que iremos exigir que eles compensem isso se ganharmos. Não somos assim tão bonzinhos. Nós nos preocupamos com o bem dos nossos cidadãos e muitos deles agora estão sem lar e comida por causa das bombas que eles lançaram. Eles vão ter que pagar por isso. E muito caro.

A situação realmente havia chegado num ponto em que não havia o que fazer além de prosseguir aquela guerra estúpida.

Antes eu achava que as coisas eram mais simples. Por que não dialogar? Por que não resolver nossas diferenças? Mas na prática isso jamais aconteceria. Se uma pessoa jogasse uma bomba na minha casa, destruísse tudo e matasse minha família, eu entraria na justiça para que essa pessoa, além de ser presa, ressarcisse minhas perdas financeiramente.

Então não era justo eu defender uma decisão política que eu não aplicaria em escala doméstica, na minha família. Eu não iria apenas perdoar quem jogou a bomba e deixar por isso mesmo, indo morar na rua.

– Tem uma coisa que eu não entendo – falei – por que os magos matam com tanta crueldade? Eu já vi isso duas vezes. O mago dourado despedaçou um cara para me salvar. Sei que ele teve que pensar rápido para me ajudar, mas ele precisava mesmo tê-lo matado dessa forma estúpida? E o mago dourado de uns dias atrás queimou vivo um cara e o decapitou. Por que não matá-los de forma rápida? Essa é uma estratégia de guerra dos magos para amedrontar os concordianos?

Wanju Duli

Giono não respondeu imediatamente. Ele apenas me lançou um olhar.

Eu era atrevida. Eu estava falando dele. Eu tinha acabado de dizer que eu não o vira matar apenas no dia em que fui presa, mas também que eu o havia seguido da última vez.

Mas eu sustentei o olhar dele. Minha pergunta era legítima e eu desejava muito escutar uma boa resposta. Não podia ser apenas palavras bonitas, mas uma resposta satisfatória que eu pudesse aceitar.

– Você sabe o que é terrorismo? – ele perguntou.

– É claro que sei.

– Então aí está sua resposta.

Eu fiquei confusa. Então eu tinha razão? Eles matavam de forma violenta e dramática para incutir terror nos concordianos.

– Então o terrorismo é uma estratégia de guerra dos magos dourados?

– Sim – respondeu Giono – nós usamos muito mais essa estratégia do que os concordianos, já que eles possuem regras mais rígidas sobre modos permitidos de matar, por causa do seu sistema ético. Mas é claro que nem todos os concordianos seguem essas regras. Eles já nos mataram de muitas formas horríveis. Principalmente quando precisam pensar rápido. É claro que quando eles correm risco de morrer possuem permissão de nos matar da forma que conseguem, para proteger a própria vida. Ao elaborar estratégias de longo prazo eles são menos violentos.

– E as bombas nas nossas cidades não foi uma forma de terrorismo? – perguntei.

– Na prática foi, mas a intenção principal deles com as bombas não foi terrorismo – explicou Giono – foi começar a matar nossa população para que possamos pensar em nos rendermos. Então é diferente. Quando um mago dourado mata um concordiano ele faz isso de forma violenta para gerar terror nos outros. Por isso, basta matar um que os outros fogem. Eles já sabem o que vai acontecer. Eles conhecem nossas maneiras de matar. É por isso que todos correm: eles preferem morrer de formas menos horríveis.

– Se aquele cara sabia que ia ter uma morte horrível, por que desafiou o mago dourado? É porque ele sentia confiança que venceria?

A Ordem da Discórdia

– Também, mas a função principal disso é checar se a pessoa por baixo do manto dourado é realmente um mago – explicou Giono – qualquer um poderia usar roupa de mago e assustar todo mundo. Mas como nosso número de magos é limitado, não podemos ter sempre um deles disponível. Por isso também é importante aprendermos a lutar sem eles.

– Normalmente eles só enfrentam um mago dourado quando há um mago prateado presente? – perguntei.

– Sim. Nós também não enfrentamos diretamente os magos prateados quando não temos um mago dourado conosco. É uma lei não oficial que os dois lados seguem na prática. Essa regra surgiu fruto de muitas experiências de massacre que o mago causou quando não havia outro mago para desafιά-lo.

– Então coloquem todos os magos num ringue para definir essa guerra, se no fundo a disputa ocorre apenas entre os magos! – exclamei.

– Eu tenho uma ideia melhor – sugeriu Giono – coloque Éris e Anéris num ringue para vermos qual é a melhor e deixem a humanidade fora disso!

– Perfeito! – exclamei, animada – e então? Por que não colocam em prática sua sugestão ou a minha?

– O “diálogo” que as Deusas usam para conversar entre si é a humanidade – explicou Giono – então nós falamos por elas e lutamos por elas. De modo análogo, o “diálogo” entre os magos dourados e prateados são os dois exércitos. Faz sentido?

– Bem pouco – confessei.

– A guerra é um teatro – disse Giono – todos desejam ter um papel e participar do espetáculo. Não importa que alguns papeis sejam menores que outros. Todos são importantes. Ou ao menos é o que as pessoas querem acreditar.

– E no que você acredita?

– Eu considero uma visão pessimista e simplista afirmar que a guerra ocorre apenas entre os magos. Já houve um caso em que um mago foi morto porque foi emboscado por centenas de soldados. Foi uma estratégia covarde, mas aconteceu.

– Koro Mere foi morto por Zavia Grena, certo? – perguntei – como aconteceu?

Wanju Duli

É claro que ele devia saber. Afinal, ele era Bohaus Huoho.

– Não sei – ele respondeu.

– É claro que você sabe! – insisti.

– Por que está tão certa disso?

– Porque você é...

Eu calei a boca antes de dar com a língua nos dentes. Giono me lançou um olhar estranho.

– Eu sou o quê? – ele perguntou.

O tom com que ele me perguntou isso me deu um frio na espinha. Eu fiquei nervosa.

De repente, eu entrei em pânico. Por um momento de loucura, achei que ele poderia me matar ali mesmo se soubesse que eu conhecia sua identidade.

Ele não era um terrorista e assassino frio? Eu gaguejei.

– Você é bem alto na hierarquia – resolvi dizer – esse tipo de informação deve chegar a você.

Giono deu um riso estranho. Eu tive medo. Ele parecia outra pessoa!

– Eu vi você naquele dia – falou Giono – você me viu sair da barraca. E depois me seguiu. Acha que sou bobo? Acha que não sou treinado para perceber quando tem alguém me seguindo? Se eu não conseguisse notar algo tão simples, já estaria morto há muito tempo. Principalmente no seu caso, que não tem nenhuma habilidade de se esconder ou de disfarçar para onde está olhando.

Eu queria enfiar minha cabeça num buraco. Ele sabia o tempo todo que eu sabia! E só estava fingindo! Que miserável! Ou será que a miserável era eu? Afinal, eu estava escondendo também. Mas eu não sabia esconder informações tão bem quanto ele.

Eu não conseguia dizer nada. Estava tremendo. Eu olhava para minhas próprias mãos e pés. Não conseguia encará-lo.

Putá que pariu! Pensei até que eu fosse passar mal, pois eu estava sentindo minhas mãos geladas e ao mesmo tempo um calorão.

– Desculpe.

Foi tudo o que consegui dizer. Mas não olhei para ele quando disse aquilo.

Ele não respondeu. Senti que eu devia dizer mais alguma coisa. Mas eu conseguiria?

A Ordem da Discórdia

– Foi um acidente – falei – eu não sabia de nada. Eu ia embora, mas me esqueci com quem eu devia falar para sair. Então eu ia te perguntar...

– Tudo bem – falou Giono, por fim – mas você contou essa informação para alguém?

– Não, é claro que não! – exclamei – ou melhor, eu só falei com Popo sobre isso. Mas porque ele já conhecia sua identidade. Eu não sabia que ele sabia, mas inferi que ele soubesse com outra conversa que tivemos.

Eu estava me atropelando nas palavras. Será que ele tinha entendido o que eu queria dizer?

– Não precisa ficar tão nervosa – falou Giono – eu já disse que está tudo bem. Olhe pra mim.

Eu o olhei. Mas aquilo foi difícil. Meu coração batia forte.

– Você realmente sabe quem sou? – ele perguntou, para confirmar – diga meu nome.

– General Bohaus Huoho – falei.

– Então até isso você sabe. Foi Popo quem contou, certo?

– Também foi um acidente – eu disse – ele não ia me contar, mas ele achou que eu soubesse quando contei sobre você ser um mago dourado. Então deixou escapar seu nome sem querer.

– É sempre assim – disse Giono – quando há um acidente, outros se seguem como um dominó. É por isso que guardamos segredo. Agora você compreende a importância disso?

– Totalmente – falei – juro que jamais direi uma palavra para ninguém.

– Você não precisa jurar. Acredito em sua palavra.

– Obrigada.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Foi um dos silêncios mais constrangedores pelos quais já passei. Era desconfortável ao extremo. Eu queria pensar em algo para dizer, mas não conseguia.

É claro que eu queria fazer um monte de perguntas para ele, mas não julguei que era um momento apropriado. Ele ainda devia estar ao menos ligeiramente chateado ou aborrecido com toda aquela situação.

– Agradeço por você me salvar naquele dia – lembrei de dizer – quando levei o tiro no ombro e fui capturada. Se não fosse por você, eu provavelmente teria levado muito mais tiros e estaria morta.

Wanju Duli

– Eu queria poder ter feito mais – falou Giono – mas Lafar Tanac chegou bem na hora. Ela me distraiu.

– Ela é uma maga forte? – perguntei.

– Todos os magos prateados são fortes – disse Giono – claro que uns mais que outros, mas todos são problemáticos e geram danos.

– Popo disse que eles não são tão fortes assim.

Giono riu.

– Popo é um idiota – disse Giono – não ligue para o que ele diz.

– Ele nunca deve ter lutado com um mago prateado para saber – falei – mas e então? Sobre minha pergunta anterior, você sabe como Koro Mere morreu?

– Ah, eu sei – disse Giono – mas não tenho autorização pra te contar. Quem sabe um dia.

– Você já viu o rosto dos outros magos?

– As suas perguntas não estão indo longe demais? – Giono sorriu.

– Desculpe – falei – mas é incrível estar conversando com um mago dourado! Me sinto honrada.

Eu tinha vontade de fazer muitas perguntas, mas cadê a coragem?

– Como você se sente quando mata pessoas... daquele jeito? – perguntei.

– Antes eu sentia alguma coisa – disse Giono – hoje não sinto mais nada. Prefiro pensar que estou apenas cumprindo meu dever.

Aquela resposta não me deixou muito feliz.

O dia seguinte de batalha seria bastante agitado. Na verdade, seria chocante e terrível.

A princípio, pensei que seria um dia qualquer. No começo estava tudo tranquilo.

– Quer treinar com a gente de novo? – perguntei para Ausamo Trena.

– Eu posso? – perguntou Ausamo.

– Sei lá – falei – acho que pode.

– Aqueles dois caras são muito fortes – disse Ausamo – fiquei surpreso.

– É incomum ter gente por aí tão boa em magia? – perguntei.

– Nem tanto. Eu sou bom em magia. Não que eu queira me gabar. Mas aquilo parecia outro nível.

– Faz alguma coisa aí – pedi.

A Ordem da Discórdia

– Como o quê?

– Uma bola de fogo – falei.

Para a minha surpresa, ele agitou a mão no ar e uma pequena bolinha de fogo surgiu na sua mão.

– Incrível!! – falei.

– Você se impressiona com pouco – ele sorriu.

Mas gostou do meu elogio.

– Como é a sua devoção à Deusa? – perguntei.

– Pois é. Preciso me fortalecer nisso. É assim que aumentamos nosso poder. Essa é a base, claro. Tem outros caminhos que dá para percorrer.

De repente, ouvimos muitos gritos. Dezenas de soldados de cor mostarda corriam em disparado. Estavam desesperados.

– Mago prateado!! – berravam alguns.

Eu senti um aperto. Nunca tinha visto um mago prateado na minha vida. Mas se já era arriscado espiar um mago dourado, tentar ver um mago prateado era uma empreitada suicida.

Ausamo pegou meu braço e começou a me puxar.

– Que foi? – perguntei.

– Corre!! – exclamou Ausamo, apavorado.

– Espera – falei – preciso achar a Manila.

Antes que Ausamo me detesse, eu me soltei dele e corri. Sei que eu não deveria procurar ninguém naquelas circunstâncias. Eu conhecia as medidas de segurança: devia apenas correr. Era cada um por si.

Felizmente, não demorei para encontrá-la.

– Não quer tentar ver o mago? – perguntei a ela.

– Lana, isso é sério – disse Manila, com voz trêmula – a gente tem que fugir agora. Não tem nenhum mago dourado aqui hoje.

Eu não podia acreditar naquilo. Onde estava Giono numa hora dessas?

A seguir, houve outro grito:

– É Yoyo!!

Agora sim, houve pânico geral. Até os caras amarelo claro estavam correndo e derrubando todos pelo caminho.

Mas que merda de exército desorganizado! Todo mundo se atropelando! Parecia até dia de liquidação.

– Quem é Yoyo? – perguntei.

Wanju Duli

– Um berserker prateado – disse Manila, em tom apavorado.

Ao ouvir isso não pensei duas vezes: corri com ela.

Os magos dourados costumavam matar apenas um soldado cinza de forma horrível e permitiam que o restante fugisse. Já a atitude dos magos prateados variava: havia aqueles que só surgiam em campo de batalha para assustar, mas não matavam ninguém. Outros matavam uns dois ou três de forma limpa e depois se mandavam.

Mas havia uma categoria especial e rara de magos prateados: os berserkir eram guerreiros sagrados muito religiosos, que recebiam uma bênção especial da Deusa Anéris. Eles consumiam algum tipo de substância alucinógena e ficavam furiosos. E eles faziam o voto de só retornar após matar um número determinado de discordianos para oferecer à Deusa Anéris.

Naquele dia eu aprendi que Yoyo Sutileje era um guerreiro lendário de Concórdia. Ele tinha sido promovido recentemente a mago prateado e era o terror das batalhas. Bris Kalafa era famoso por esmagar seus adversários com a mão, mas Yoyo era célebre por sua agilidade. Mal dava para vê-lo, tamanha sua velocidade. Ele matava muita gente em pouquíssimos segundos, com as mais diversas armas: faca, espada, lança, revólver, metralhadora.

Naquele dia recebemos a “excelente” notícia de que Yoyo resolveu brincar com um lança-chamas.

Eu fiquei apavorada, pois não paravam de carregar macas com feridos e cadáveres. Eu e Manila resolvemos ficar para ajudar a pelo menos carregar os feridos que chegavam na zona segura, onde estávamos.

Para variar, em tempos como aquele a zona segura não era nem um pouco segura. Por isso, a orientação era que todo mundo batesse em retirada.

Havia pessoas sem pernas, sem rosto, sem cabeça. Muita gente queimada, berrando.

Eu queria sair de lá. Mas eu sabia que eu podia fazer alguma coisa para ajudar se eu ficasse. E não havia tantos riscos assim de sermos atingidas onde estávamos. Yoyo devia estar bem longe, visando os caras de alta hierarquia.

– Aquele filho da puta...!

A Ordem da Discórdia

- Já matou mais de cem hoje.
- Eu ouvi que foram duzentos.
- Prateado miserável!

O pessoal estava muito puto. E apavorados.

Naquele instante, três magos de manto dourado chegaram. Eu nunca tinha visto dois deles juntos e ali estavam três!

Eles foram saudados com alegria. O pessoal comemorava em antecipação. É claro que apenas um mago prateado não conseguiria ganhar de três dos nossos. Principalmente no caso de Yoyo que era um novato, embora fosse um novato muito forte, atrevido e louco.

A espera foi longa. Eu queria ter podido assistir àquela batalha.

Para meu completo choque, e para o choque de todos os presentes, os três magos dourados retornaram segurando o mago prateado, que estava com os braços imobilizados.

O manto dos magos prateados era muito parecido com o manto dos magos dourados. Diziam que os discordianos que tinham copiado os concordianos, já que eles não se importavam em se apropriar das boas ideias dos outros e não exigiam exclusividade.

Na verdade, achei a roupa dos prateados bem mais assustadora. Era um tom prateado bem escuro e a máscara que cobria completamente o rosto era negra e macabra. O cara parecia um monstro.

A ideia das roupas douradas era ser uma paródia espalhafatosa das vestes dos concordianos. Quase como se quisessem zombar da seriedade deles. Os concordianos eram sérios em tudo: na devoção fanática à Deusa Anéris, na forma com que morriam e matavam pela Deusa e pelo país, no cuidado extremo com que escolhiam os nomes e os símbolos, no culto à beleza e à verdade.

Os discordianos não ligavam muito para nomes ou símbolos. Às vezes optavam pelo que era mais engraçado ou mais fácil e rápido. Gostavam de cores berrantes e só adoravam a Deusa Éris quando era conveniente. Eu entendia que na visão dos concordianos nós éramos superficiais e supérfluos, mas na nossa visão eles levavam a vida muito a sério.

Agora estava na hora de ver quão sérios eles eram. Aquele mago prateado estava ferrado. Disseram que todos os outros caras cinzas fugiram quando ele foi capturado. Ele estava agora completamente

Wanju Duli

sozinho no meio de centenas de soldados amarelos, e era severamente vigiado pelos três magos dourados que o seguravam.

Para completar, por lá também havia muitos dos cadáveres das pessoas que ele matou, além de dezenas de feridos graves. O cara foi vaiado e xingado em altos brados.

– Torturem esse desgraçado! – gritou alguém.

– Queimem vivo!

– Esfolem! Esquartejem!

Eu nem queria ver o que fariam com ele. Eu não conhecia as nossas regras de como tratar prisioneiros de guerra. Mas pela fúria e indignação de todos ao redor, imaginei que eles não se preocupariam com regra nenhuma.

Eles queriam fazer justiça com as próprias mãos.

Popo chegou pouco depois disso. Inferi que Giono não estava com ele porque era um dos sujeitos de manto dourado.

– Você está atrasado! – exclamei para Popo.

– Como eu ia saber? – defendeu-se Popo – Yoyo sempre chega de surpresa e vai embora de surpresa depois de deixar um rastro de destruição.

– Por que não o mataram? – perguntei, nervosa – por que o trouxeram como prisioneiro?

– Porque esse grande imbecil já causou danos o bastante – disse Popo, dando uma tragada no cigarro – e querem que ele sirva de exemplo.

– “De exemplo”? – perguntei.

– Não é assim que fazemos as coisas – explicou Popo – existe um acordo entre os magos dos dois lados para que não matem além do necessário. O poder de destruição de um mago é muito forte. E esse cara já passou dos limites há muito tempo.

– Qual é o limite? – perguntei.

– Nós respeitamos a tradição dos berserkir – disse Popo – mas a promessa de mortos para a Deusa Anéris raramente passa de dez no mesmo dia. Esse verme mata às centenas. Ele não está mais fazendo oferendas à Deusa. Só está maluco. Gostou de matar. Um elemento como esse é perigoso em qualquer lado. Ele já esqueceu porque está lutando. Deve ser eliminado.

A Ordem da Discórdia

Então ele seria morto na frente de todos nós. Eu não sabia se queria assistir.

– Ajoelhe-se! – trovejou uma voz por baixo de um dos mantos dourados.

Reconheci a voz de Menifa Sulian. A própria líder teve que se envolver nessa questão.

O mago prateado não obedeceu. Por isso, os outros dois magos dourados o fizeram se ajoelhar à força.

– Tirem a máscara dele – mandou Menifa.

Todo mundo em volta deu um grito de comemoração. Será que iam humilhar o sujeito antes de matá-lo?

A máscara negra foi arrancada e caiu pesadamente no chão. Também baixaram seu capuz.

O rosto dele não era bem o que eu esperava, se é que eu esperava alguma coisa. Acho que eu imaginava um cara da minha idade, com cicatrizes de batalha e expressão monstruosa. Mas não era nada disso.

Ele era muito jovem. Devia ter seus vinte e poucos anos. Pensando bem, aquilo era esperado: ele tinha sido promovido à mago prateado há relativamente pouco tempo. Pouco mais de um ano, pelo que ouvi falar. E já tinha aparecido umas dez vezes em batalha para causar o caos. Ficou famoso pelo número impressionante de pessoas que matava a cada vez que aparecia. Sempre usando uma arma diferente, então ninguém nunca sabia como se proteger. Ele sempre combinava magia com alguma arma comum.

É óbvio que aquilo não ia durar muito. Ele era jovem, então devia ser orgulhoso e atrevido, maravilhado com sua própria lenda viva. Ele não era cauteloso como os mais velhos e não tinha medo de morrer. Ele provavelmente nem tentou fugir quando os três magos dourados chegaram. Será que quis enfrentá-los e tinha esperança de ganhar? Por alguma razão, eu conseguia imaginá-lo fazendo algo tão idiota.

Yoyo tinha olhos puxados. Não havia muita gente assim em Discórdia, mas eu sabia que havia um bom número de pessoas com essa característica no norte de Concórdia. A propósito, no norte de Concórdia eles falavam outro idioma. Eu me perguntei se aquele cara sabia falar nossa língua. A prisão em que ficamos era no sul e lá eles

Wanju Duli

falavam a mesma língua que nós, embora com um sotaque extremamente carregado.

Ele tinha cabelos longos e negros, além de traços faciais delicados. Na verdade, ele se parecia tanto com uma garota que eu me perguntei se ele de fato não seria uma.

O pessoal ao redor o vaiava e o insultava horripelantemente. Eu queria tapar os ouvidos para não precisar ouvir.

– Só podia ser um concordiano nortista! – exclamou alguém – eles são selvagens como animais.

Ninguém sabia se ele era realmente nortista ou não. Estavam todos supondo só por causa dos olhos dele. Queriam qualquer motivo para insultá-lo, não importava o que fosse.

Por um momento desejei que ele não entendesse nosso idioma, pois assim seria poupado de ouvir todos aqueles xingamentos. Independente do quão desgraçado o cara fosse, acho que ninguém queria escutar aquelas merdas na hora da morte.

Menifa fez uma série de perguntas a ele, mas o cara ficou em completo silêncio. Não respondeu nada.

Para se certificar, Menifa usou o idioma do norte de Concórdia e perguntou as mesmas coisas. Ainda assim, não obteve resposta. Eu não sabia aquele idioma, mas pelo meu pouco contato com ele suspeitei que Menifa o pronunciava bem.

Ela já estava perdendo a paciência.

– Batam nele – ordenou Menifa.

Quando ela disse isso, todos deram gritos de aprovação. No entanto, somente os dois caras de manto dourado teriam permissão para fazer isso. Cada um deles pegou um pedaço de pau e o golpeou nas costas.

O sujeito fez o mínimo de barulho possível. Era impressionante.

Naquele momento, desviei os olhos de Yoyo e avistei Pina. Fui até lá na mesma hora.

– Não sabia que estava aqui! – disse a ela.

– Eles vão matá-lo? – Pina perguntou para mim, meio assustada.

– Não sei.

Quando foi atingido no rosto, Yoyo deu um grito audível. Parecia uma voz feminina. Seu rosto sangrou visivelmente.

– É uma mulher! – exclamou alguém.

A Ordem da Discórdia

Menifa não parecia muito interessada em saber se Yoyo era um homem ou uma mulher. Pegou uma espada e preparou-se para decapitá-la.

Colocou-a em posição e fez um movimento ligeiro e preciso. Quando a cabeça de Yoyo caiu, houve muitas palmas e vivas.

– Queimem o corpo – ordenou Menifa – não queremos que a despedacem e guardem os pedaços por aí, como troféus. Ela vai ser reduzida a pó.

Foi acendida uma grande fogueira. E Yoyo queimou.

Eu não compartilhava da alegria de todos ao redor. Não via que bem faria matar uma jovem de vinte e poucos anos que sofreu uma maldita lavagem cerebral com as crenças insanas de seu país.

Na verdade eu não sabia se havia cura para aquele mal. Era uma situação difícil.

– Isso foi desagradável – comentou Popo, esmagando com o pé a bituca do cigarro – mas Menifa Sulian foi profissional. Soube lidar bem com a situação. Não fez nada desnecessário.

– Desnecessário como torturas? – perguntou Manila.

– A criatividade humana é capaz de atingir limites extremamente macabros – disse Popo – e na guerra aflora tudo que há de pior nas pessoas.

De qualquer forma, era uma pequena vitória para nós. Havia um número limitado de magos em cada lado e agora havia um a menos para eles.

É verdade que Yoyo era novata, então não seria uma perda irreparável para os concordianos. Matar um mago veterano que seria um grande prêmio.

Conseguí conversar reservadamente com Giono mais tarde, quando ele não estava mais com as vestes douradas.

– Você não sentiu nada dessa vez também? – perguntei.

– Não – disse Giono – ainda bem, porque não queria sentir.

– O que pensava sobre Yoyo?

– Imaginei que fosse um jovem inexperiente, pela forma que agia – disse Giono – no caso, era uma jovem inexperiente, mas o resultado foi o mesmo: cometeu um erro e pagou por isso.

– Você sentia raiva dela, como todos os outros?

Wanju Duli

– Não. Magos que agem assim não duram muito. Ela se arriscava demais. Teve muita sorte de manter a brincadeira por um ano. No fundo, eu sempre soube que esse seria seu fim, se ela não mudasse de atitude. Mas eu também sabia que ela não ia mudar, porque estava muito impressionada consigo mesma e isso a tornou cega. Ela teve a curta fama que queria e era possível que ela mesma não tivesse planos de viver muito.

– Por que acha que ela não queria viver? – perguntei.

– Porque queria ter uma morte gloriosa na guerra – respondeu Giono.

– Não acho que a situação seja assim tão simples – falei – eu já cometi esse erro de simplificar os sentimentos da minha filha, só por ela ser jovem. Talvez não seja só isso.

– Não importa mais. Ela está morta. Deixe as especulações para a internet.

Da perspectiva dos discordianos, os motivos dela eram fama e poder. Mas não era assim que os concordianos pensavam. Eu ainda imaginava que ela fosse uma fanática religiosa e pensasse sinceramente estar fazendo todos aqueles absurdos para honrar a Deusa Anéris.

Se fosse assim, será que eu a respeitava mais? Ou menos? Eu não saberia dizer. Às vezes todos esses motivos religiosos misteriosos pareciam grandiosos, mas talvez não fossem tanto assim.

Eu mesma precisava adquirir o hábito de rezar e fazer oferendas diariamente para a Deusa Éris se tinha esperança de conseguir desenvolver o mínimo de poder mágico algum dia.

Mais tarde fui conversar com Manila.

– Que droga – eu disse – será que não era melhor ter ficado na prisão?

– Você tem pensamentos estranhos – disse Manila – eu vou para onde tem comida boa.

– Então você não devia estar no exército.

– Eu sempre fico perto da cozinheira, então estou em vantagem – ela sorriu – onde está Giono?

– Por aí – respondi – falei com ele mais cedo. Ele não parece muito feliz.

A Ordem da Discórdia

– Vocês dois agora estão cheios de segredos e conversas longas. De que tanto falam?

– Ele ia me ensinar magia, mas por enquanto só está na teoria – contei.

– Sorte dele que não estava presente na execução de hoje.

– É, que sorte... – comentei, com amargura.

Manila deu um sorrisinho.

– Eu escutei a conversa de vocês, sabia? – disse Manila – sei de tudo.

Eu fiquei chocada.

– Você ouviu...? – perguntei.

– Tudinho! – ela disse, com satisfação.

Eu suspirei fundo.

– Bom, pelo menos não podem colocar a culpa em mim – falei – você descobriu sozinha.

– Tem razão – disse Manila – fui eu que descobri.

– E não está surpresa? – perguntei, admirada.

– Um pouco.

– Eu fiquei apavorada quando descobri a identidade de Giono.

– De que forma? – perguntou Manila.

– Eu o vi saindo da barraca uma vez com o manto dourado – eu disse – e depois Popo deixou escapar que ele era o General Huoho. Ouço falar sobre o general do norte há mais de dez anos. Ele é uma lenda viva, então é claro que quase cáí para trás quando soube.

– Giono é o General Huoho?! – exclamou Manila, espantada.

– Merda! – exclamei – você não tinha dito que ouviu nossa conversa? Qual foi a conversa que você ouviu, afinal?

– Nenhuma! – disse Manila – eu só estava brincando, porque achei que você estava escondendo algo. Mas pensei que era bobagem. Nossa!

– Eles vão me matar! – exclamei, desesperada – se souberem que te contei...! Popo e Giono me alertaram mil vezes sobre isso e eu simplesmente...

– Não se preocupe – disse Manila – sei guardar segredo.

É claro que ela não sabia. No dia seguinte, ela agiu de forma extremamente idiota na frente de Giono. Ele não desconfiou, mas eu a achei muito indiscreta com sua atitude desnecessariamente respeitosa. Suas perguntas também não foram muito boas.

Wanju Duli

Eu me senti tão culpada que depois contei em segredo para Popo o que tinha acontecido.

– Você não pode me culpar, pois você fez a mesma coisa comigo! – exclamei – me contou sem querer!

Eu só contei para Popo para sentir menos peso na consciência, mas ele acabou relevando tudo para Giono. Eles eram um bando de fofoqueiros!!

O resultado foi que Giono anunciou de repente que não poderia mais nos treinar. Ele deu uma desculpa.

– Estou com muitos afazeres.

E sumiu. Era verdade que ele devia ter mesmo muito que fazer, já que era general. Não o vimos mais por muito tempo. Suspeitei que ele só iria reaparecer nas linhas de frente por baixo de mantos dourados.

– Não se preocupem que vou arranjar outro desocupado como eu para me ajudar a treiná-las – disse Popo.

– Não preciso mais de treinamento – falou Manila – mas Lana precisa. Ela não sabe nem magia básica.

– Pois bem – disse Popo – então eu e meu convidado vamos te ensinar. Está preparada?

– Mais ou menos – respondi.

Ele me apresentou para um cara aleatório com roupa amarelo-clara. Não sei de onde Popo tirava aqueles sujeitos.

Esse tinha cara de ser inexperiente. Era mais jovem que eu e parecia estar de saco cheio. Não estava com nenhuma vontade de me ensinar.

– Vamos lá, ensine a moça – insistiu Popo.

– Por que quer me obrigar? – perguntou o carinha, ofendido – você é chato.

Ele era a terceira pessoa que eu via chamar Popo de chato, incluindo Manila e Giono.

O nome do rapaz era Sidanto Vero. Ofereci a ele uma comida que eu havia preparado e ele pareceu mais animado. Foi menos antipático comigo, só por causa da comida. De certa forma, eu era uma maga e tinha meus truques.

– Sabe rezar para a Deusa? – perguntou Sidanto.

– Rezei algumas vezes na infância, mas não lembro mais – confessei.

Ele balançou a cabeça em desaprovação.

A Ordem da Discórdia

– Vejo que teremos um longo caminho a percorrer – disse Sidanto.

Capítulo 5: O Colar de Harmonia

– Eu não aguento mais! Eu não quero você me treinando! Some daqui!

– Acha que estou aqui porque quero?

– E Popo está te obrigando a ficar, por acaso?

– Por acaso ele está.

– E só porque ele está acima de você na hierarquia tem que obedecer tudo que ele diz?

– Está evidente que uma pessoa como você não entende o significado de hierarquia.

Popo simplesmente desapareceu naquela semana e me deixou sozinha com Sidanto. Acho que nem ele e nem Giono tinham tempo para perder treinando novatas. Havia muitas outras funções mais importantes com uma guerra acontecendo.

Manila não estava mais treinando conosco, mas às vezes ela ia nos espiar somente para rir com nossas discussões.

– Vocês dois parecem crianças – ela comentava.

Sidanto havia me ensinado como estabelecer uma relação com a Deusa. Ele me deu uma mini estátua da Deusa Éris que ele mesmo entalhou e eu sempre a guardava comigo no bolso. Uma vez ao dia eu a tirava de lá e rezava.

– Você deve ofertar maçãs para a Deusa – ensinou Sidanto.

– Estamos no meio da guerra! – exclamei – a comida está sendo racionada. Tudo é feito à base de milho e trigo. Onde você quer que eu arranje uma maçã? Quando temos frutas para as refeições é quase um milagre e você quer que eu jogue uma suculenta maçã fora?

– Você realmente é incapaz de entender o paradigma da magia divina, não é? – Sidanto revirou os olhos – não se dá restos de comida para a Deusa. Desde os tempos antigos, só se oferta aos Deuses o melhor boi do rebanho e a melhor porção da colheita. É um gesto de respeito e reverência para demonstrar que você coloca seu Deus em primeiro lugar.

A Ordem da Discórdia

– Mas eu não coloco – falei – jogar fora uma maçã novinha é um desperdício.

– Ofertar alimentos para a Deusa não é “jogar comida fora!” – exclamou Sidanto, escandalizado – ela é nossa Suprema Deusa Éris e merece tudo do bom e do melhor.

– Você parece um concordiano falando.

– Se você quer usar com sucesso o paradigma deles precisa entender como eles pensam! Não finja que está ofertando uma maçã. Selecione a melhor maçã que conseguir e a ofereça em sacrifício. Se você não sacrifica algo de fato pela Deusa, isso é esmola. Dar seus restos de comida para a Deusa é um insulto!

– Tá bom, tá bom, já entendi – eu disse, irritada – vou procurar a melhor maçã redonda e amarela que eu encontrar e sacrificar minha vontade de comê-la. E depois, o que acontece?

– A Deusa pode dar uma indicação de que aceitou a oferenda – explicou Sidanto – outras vezes ela pode dar uma indicação de que não aceitou. E ainda há as ocasiões em que ela não faz nada.

– Que coisa mais vaga. Que tipo de indicação ela pode dar?

– Pode ser qualquer coisa: um sopro do vento, um som, um odor, algum acontecimento inusitado ou uma simples folha seca que se aproxima.

– Se uma dessas coisas acontecer, significa que ela aceitou minha oferenda ou não? – perguntei.

– Para entender o que a Deusa diz você deverá usar a sua intuição.

– Não gostei – eu disse – essa Deusa existe mesmo?

– Você está em dúvida porque o seu relacionamento com a Deusa ainda é fraco.

– Mas que conversa fiada! – exclamei.

Eu não precisava ficar ali ouvindo isso.

Pelas semanas seguintes, fiz várias rezas e oferendas para a Deusa e juro que me esforcei. Só que não aconteceu nada. Sidanto dizia que eu devia ter paciência e eu retrucava que se do nada eu fosse capaz de fazer magia, eu jamais saberia se aquilo teve alguma relação com minhas rezas e oferendas.

– É claro que tem relação – ele disse.

– Por quê?

Wanju Duli

– Porque é assim que o paradigma funciona e você deve confiar nele. Muita gente já o usou antes exatamente dessa forma, com sucesso!

– Pode ser que todos tenham se enganado e a causa de a magia de todos funcionar seja outra – sugeri.

– Quando você chuta uma bola e ela vai para longe, pode ser que a causa principal de ela ter ido longe não tenha sido seu chute – disse Sidanto – não tem como provar isso. Pode ter sido uma coincidência. Pode ser que cada vez que você balança o pé os gnomos da terra empurrem a bola. Isso não importa, pois cada vez que você chuta a bola vai longe. Os detalhes do motivo não interessam.

– Mas que diabos!! – exclamei – mas como você viaja, cara! Puta que o pariu! Você acredita nos gnomos da terra também?

– Esse foi só um exemplo.

– Que grande bosta de exemplo! Não me ajudou em nada. Eu acho que a causa de sua rudeza e estupidez são os gnomos da terra e você deveria matá-los e oferecer em sacrifício para a Deusa agora mesmo.

– Você não está levando isso a sério, Lana Enin!

– Agora que você reparou? – zombei.

– Seja apenas uma fanática cega pela Deusa, como os concordianos! Ou finja que é, não importa. Contanto que finja tão bem que engane a si mesma.

– Ser discordiano é dureza – comentei – precisamos saltar de um paradigma para outro o tempo todo. Isso cansa. É de enlouquecer.

– Valerá a pena. A Deusa te recompensará com algum dom. As magias que cada um recebem são diferentes, conforme suas aptidões inatas e a generosidade da Deusa. Tente conversar com ela.

– Eu nem acredito na Deusa Éris! Para mim ela é apenas um símbolo do Caos. Como faço para conversar com um símbolo?

– Não importa se a Deusa existe de fato ou se é um símbolo ou egrégora que se fortaleceu depois de ter tantos adoradores. Apenas se una aos demais em nosso templo e tente copiar o que eles fazem.

Havia um pequeno templo da Deusa Éris até na frente de batalha, embora localizado na zona segura, perto da entrada. Muita gente rezava lá e era difícil diferenciar crentes verdadeiros de gente que só estava fingindo, para obter poder. Mas conhecendo bem os discordianos, a maioria devia estar apenas fingindo mesmo.

A Ordem da Discórdia

– Quem chega a obter um poder enorme realmente acredita na Deusa? – perguntei.

– Depende – disse Sidanto – varia muito. Conheço soldados fracos que creem na Deusa desde a infância e pessoas fortes que usam a crença como ferramenta. Mas nós sempre sugerimos aos iniciantes que o mais fácil é realmente acreditar que ela existe. Quando você já é um praticante avançado, pode fazer o que quiser: seguir as regras, quebrar as regras, dá pra ficar à vontade. Num nível assim, as regras básicas de magia já não se aplicam.

– Às vezes a Deusa pode dar grandes bênçãos a gente que não se esforça?

– A Deusa faz o que quer.

Então era melhor eu contar com a sorte. Se bem que até ali eu não havia tido muita.

Naquelas semanas tivemos alguns contratemplos. Eu soube que apareceu um mago prateado rapidamente, que ninguém soube quem era, e foi embora com a mesma velocidade com que surgiu. Fora isso, tudo transcorreu como de costume: algumas bombas e tiros básicos. Uns mortos aqui e ali.

Pina sofreu um ferimento bem feio no braço. Teve que retornar ao acampamento por causa disso. Felizmente, embora a aparência do ferimento fosse horrível, não era tão grave. Ela teve sorte. Evidentemente, ela corria mais riscos que eu, que só ficava cozinhando e rezando na entrada e na zona segura.

O sinal nas linhas de frente era terrível. Não dava para usar a internet ou o celular direito. O mais engraçado era que o lugar em que o sinal pegava melhor era dentro do templo. Por isso, frequentemente o templo de Éris ficava lotado não pelas razões que se imaginaria a princípio.

Naquele dia o sinal estava razoavelmente bom. Então eu liguei para o meu amorzinho.

– Oi, Dado!

– Lana!

Eu não conseguia parar de sorrir enquanto falava com ele.

Avisei sobre o ferimento de Pina, mas deixei claro que ele não devia se preocupar.

Wanju Duli

– Depois dessa, espero que ela considere voltar para casa – falei – sinceramente, se ela me dissesse hoje que queria voltar, eu acho que eu retornaria com ela.

– Por que quer esperar por ela? – perguntou Dado.

– Não sei bem. Não tem nada me prendendo aqui, mas estou passando por um treinamento interessante no momento. Por isso, não vejo nada de mais em ficar mais um tempinho.

– Olha, Lana, se você adiar demais a sua volta, eu vou ter que começar a considerar a possibilidade de eu mesmo me alistar – disse Dado – você sabe que somos casados e não é muito legal esse tempo enorme de separação. Já passaram quase seis meses. Quanto tempo ainda pretende ficar? Um ano? Dois?

– Claro que não! – exclamei.

– Você sempre fala em ficar só mais algumas semanas, ou mais um mês. Mas eu não acredito mais que você pretenda voltar em breve. Talvez nem você tenha se dado conta disso, mas você sempre está adiando sua decisão para mais tarde.

– É porque ainda não sei o que eu quero fazer – confessei – eu fico dividida entre o medo e a emoção de estar aqui. Quando tenho medo, o meu consolo é saber que posso voltar para casa a qualquer momento. E quando me divirto, fico feliz de estar aqui. Se eu de repente decidir ficar definitivamente, posso me sentir esmagada sob o peso dessa responsabilidade. Mas e se eu voltar agora e ficar recordando com saudades meus tempos aqui?

– Eu vou deixar a situação clara – falou Dado – eu estou feliz no meu emprego aqui e não quero me alistar. Não tenho a menor vontade de fazer uma viagem longa e perigosa. Sem contar que vou ter que largar o meu emprego por uma aventura. Eu não gosto dessas coisas. Eu só faria isso se você tivesse certeza que quer ficar aí até o fim da guerra, que não sabemos quando vai ser. E se você fizesse questão que eu fosse, claro.

– Você não precisa vir se não quer – falei – por que não deixamos a situação como está por enquanto?

– Por que eu estou com saudades – falou Dado.

– Eu também! – exclamei.

– Então volte! É tão simples!

A Ordem da Discórdia

– Você não está disposto a vir para cá, então por que eu tenho que voltar imediatamente? Tudo o que peço é que espere mais um pouco. Eu vou pensar sobre isso e tomar uma decisão, tudo bem?

Dado ficou em silêncio por alguns segundos.

– Alô?

– Assim que deixou Pina aí e viu que ela estava em segurança, você devia ter voltado.

– Eu sei – falei – mas agora consegui um bom emprego e estou tendo experiências que com certeza vou guardar comigo para o resto da vida.

– Se você voltar viva. Talvez você não pense muito nisso, mas tem ideia de como me preocupo com vocês duas? Para você e para Pina pode ser um jogo, mas eu acho que isso já foi longe demais.

– Eu também vou ter que largar um emprego estável para ter que ir aí!

– Eu diria que você está mais empolgada com a aventura do que com seu emprego.

– São vários fatores – expliquei.

– Eu conversei com Chahia e Tebur recentemente. Sabia que eles estão morando na minha cidade agora?

– Por que não me contou antes?

– Eles se mudaram faz pouco tempo. Eu esqueci de dizer. A capital está um caos. Mas eles só ficarão por pouco tempo aqui. Em breve eles vão se mudar definitivamente para Oásis.

– Para aquele fim de mundo? – perguntei, surpresa – então deu tudo certo com Gafen? Ele gostou de estudar em Oásis?

– Ele adorou – disse Dado – e para aquele garoto gostar de alguma coisa significa que é bom mesmo. Ele terminou o colégio e conseguiu uma vaga numa faculdade de lá. Está no primeiro mês de aula. Como ele está com um visto especial agora, para ficar mais tempo, ele pode chamar os pais.

– Que maravilha!

– Por que não fala com Pina? – propôs Dado – conte a ela sobre a empolgação de Gafen. Pode ser que ela tenha vontade de ir para Oásis e voltar a estudar. Não seria ótimo?

– Na verdade seria.

Wanju Duli

Pensando bem, era a ocasião perfeita. Pina estava ferida no acampamento e ainda teria que permanecer lá até se recuperar completamente. Era o momento ideal para contar-lhe essa novidade.

Antes ela tinha curiosidade para participar da guerra. E ela viveu muita coisa: recebeu o treinamento, lutou nas linhas de frente, viu nossos magos dourados e até assistiu à execução de uma maga prateada. O que mais ela queria? Se ela fosse estudar em Oásis teria muitas histórias emocionantes para contar aos colegas.

Para completar, se ela conseguisse um bom visto em Oásis, eu e Dado poderíamos ir para lá mais tarde. Seria um alívio poder sair do país, pois ninguém sabia quando a guerra terminaria. Eu tinha saudades da paz.

Eu não poderia retornar ao acampamento imediatamente, pois era uma viagem longa que eu não tinha autorização de fazer o tempo todo. Por isso, fiquei cozinhando nas linhas de frente mais algum tempo.

Eu gostava muito de servir os soldados. A maioria era muito gentil e me agradecia pela comida com um sorriso. Afinal, era uma grande regalia para eles ter comida quente, e ainda por cima uma tão boa quanto a minha.

É claro que eu não fazia aquilo sozinha, pois era muita gente para servir. Nas últimas semanas, até mesmo Riela me ajudou.

– Tem muitos soldados gatos aqui, não acha? – ela comentou.

Ela era uma garota muito prestativa. Além de dar comida para os caras, ainda os levava para a cama. Ou, no caso, para a barraca, para a moita...

– Não estou fazendo um “favor” para eles – Riela deixava claro – antes eu pensaria o contrário, porque eles são muito quentes.

A quantidade de mulheres no exército ultimamente era bem grande também, por isso geralmente não faltavam casais felizes na linha de frente. Só que Riela era realmente atraente e fazia diferença. Principalmente porque ela não tinha parceiro fixo.

Eu até tinha ouvido falar que Pina tinha arranjado um “amigo”, mas eu esperava que isso não fosse verdade. Se fosse, ela não ia querer ir para Oásis de jeito nenhum. Ela ia querer fazer de sua vida um romance trágico como num filme de guerra e explodir junto com o donzelo.

A Ordem da Discórdia

Meu treinamento de magia finalmente começava a mostrar os seus primeiros frutos. Literalmente. Eu havia feito algumas oferendas de maçã para a Deusa Éris e eu sentia que ela me respondia. E que ela gostava.

Eu estava tendo uns sonhos malucos nos últimos tempos. Num deles até sonhei que Éris me levava para o alto de uma montanha.

– O que você vê? – ela me perguntava.

A Deusa era uma mulher belíssima. Não parecia nem muito jovem e nem muito velha. Tinha uma beleza madura e parecia muito sábia. Usava um belo vestido branco com detalhes em ouro.

A paisagem lá embaixo era uma floresta verde sem fim que eu não via há muito tempo. Tanto no acampamento como na frente de batalha, que eram os únicos locais para os quais eu ia, havia apenas areia e barro. Por isso, aquela paisagem era um precioso presente.

– Eu vejo um mundo bonito – falei – um mundo que perdi um dia. Mas você é muito mais bela, minha Deusa.

– O que você deseja, Lana Enin?

Era uma voz melodiosa.

– Eu desejo ser feliz e livre – respondi.

Não sei porque falei isso. Talvez porque era o que todos desejavam.

– Você não é feliz e livre? – Éris me perguntou.

– Eu sou – respondi – mas minha vida está um caos ultimamente.

– O caos te incomoda?

– Ele é um pouco assustador – falei – mas eu gosto de desafios. Só que também é doloroso. Minha filha está machucada. Meu marido está longe. Estou longe da minha cidade e dos meus amigos. É verdade que também fiz novos amigos. É loucura dizer que estou sinceramente feliz? Apesar de sentir esse aperto no peito.

Quando eu tinha 25 anos e a guerra ainda não tinha estourado, eu pensava que viveria apenas uma vida normal com meu marido e com minha filha que estava para chegar. E de certa forma eu vivi. Mas agora as coisas eram diferentes. Ou será que já era diferente desde que a guerra começou, com todas aquelas notícias insanas no noticiário todos os dias?

“Koro Mere estraçalha três magos prateados”

Lembro que quando essa notícia dramática chegou à mídia, todos foram à loucura.

“Quem é Koro Mere?” todos queriam saber.

Wanju Duli

Era nosso herói. Precisávamos de um herói, pois estávamos todos com medo.

Esperança. Nós nos agarrávamos a ela desesperadamente. Porque não tínhamos mais nada.

– Não é loucura ser feliz mesmo em meio à dor – disse Éris – porque não há vida sem dor e sem morte. O Caos é a vida e a morte. É a alegria e o sofrimento. Mas também não é nenhuma dessas coisas. O Caos é uma besta selvagem e livre que não pode ser domada. Ele não é o equilíbrio e a harmonia, mas o que quebra a suposta segurança da existência. Quando você não tem mais no que se apoiar, você cai ou você voa. Ou você dança com o Caos ou para de jogar.

Será que eu queria ficar presa no interior de um único jogo? Ou jogar todos os jogos possíveis ao mesmo tempo, pulando de um para outro, sendo levada pelo tornado?

– Deusa – eu disse, cheia de emoção – aqueles que morrem vão para seu mundo?

– Eu transito entre todos os mundos.

– Você viu Koro Mere? – perguntei.

– Sim, eu o vi.

Meu coração bateu forte.

– Ele está bem?

Éris tocou no meu rosto com ternura. Quando ela fez isso caiu uma lágrima que rolou pela minha bochecha. Não sei porquê.

– Você se preocupa com ele de verdade, não é? – percebeu Éris.

– É estranho – falei – nunca o conheci, mas é como se o conhecesse. Agora mesmo, estou vivendo com as mesmas pessoas com as quais ele viveu. Estou lutando no mesmo lugar que ele lutava. Isso é especial. Talvez seja por isso que eu ainda esteja aqui. Porque eu queria sentir o que ele sentia... acho que Pina pensa da mesma forma.

– Eu vou te dar um presente – Éris sorriu – estava procurando a pessoa certa e parece que essa pessoa é você.

– Por que eu sou a pessoa certa?

– Porque você nunca se arruma, minha filha! – disse Éris – mesmo no meio da guerra, todas as garotas e rapazes fazem o mínimo esforço para parecer apresentáveis. Mas você está sempre com as roupas cobertas de terra e nem usa um creme nesse seu cabelo.

A Ordem da Discórdia

– Só tem terra naquele lugar! – exclamei, ofendida – não é culpa minha.

– Você devia usar ao menos um brinco, um colar ou um batonzinho para fingir que se esforça – disse Éris – até alguns rapazes estão depilando as pernas hoje em dia. Aqui, pegue meu presente.

Ela colocou um colar na minha mão. Era um colar dourado com duas serpentes. Na boca das serpentes havia pedras brilhantes.

– Isso é joia mesmo ou bijuteria? – perguntei.

– Eu vou fingir que não escutei essa pergunta – disse Éris.

– É bonito mesmo – eu disse – valeu, tia!

Depois disso, eu acordei. Acho que a própria Éris interrompeu o sonho. Será que ela ficou muito zangada por ter sido chamada de tia?

Contei meu sonho bizarro para meu professor de magia, Sidanto.

– Parabéns pela sua primeira comunicação com a Deusa! – ele felicitou-me, com alegria – é bastante comum ter sonhos com a Deusa Éris. É sinal de que você está ficando mais forte.

– Se estou mais forte, por que não consigo fazer nenhuma magia ainda? – perguntei, chateada.

– Calma. Os dons que a Deusa dá a cada um são diferentes. Quando ela perguntou o que você desejava, o que respondeu?

– Dei uma resposta meio vaga.

– Isso não é bom – falou Sidanto – se você quer poder mágico, devia ter pedido a ela. É esse um dos meios de conseguirmos algumas habilidades.

Eu era mesmo uma anta. Eu ia tentar me lembrar de pedir algo parecido em meu próximo encontro com a Deusa. Se é que haveria um próximo encontro. Depois de tê-la deixado braba, acho que ela não ia querer ver minha cara por um tempo.

– O que você pediu para a Deusa? – perguntei.

Sidanto pareceu um pouco incomodado com a pergunta.

– Isso é pessoal. Desculpe – ele acrescentou.

– Não, eu que peço desculpas – falei – foi uma pergunta indiscreta. Quantos anos você tem mesmo?

– Não que essa pergunta de agora seja muito discreta – disse Sidanto – tenho trinta e dois. Por quê?

Wanju Duli

– Então quando você nasceu eu tinha oito anos – comentei, com alegria.

– Grande coisa! – exclamou Sidanto – isso te faz melhor que eu?

– Por que você é tão defensivo? – perguntei – você sempre acha que eu estou tentando te ofender!

– É o que as pessoas sempre fazem – disse Sidanto.

– É óbvio que elas fazem, porque você é muito rude – falei – por que não tenta ser agradável?

– Mas eu tento! Não estou te treinando?

– Depois de reclamar muito – falei.

Sidanto tinha uma barba rala. Eu diria que ele parecia mais jovem que a idade, mas eu desconfiava que ele tentava parecer mais velho. Talvez para ser respeitado.

Na verdade ele era respeitado, mas talvez não tanto quanto queria. Quem ele achava que era? O rei? Eu sabia que no exército estava cheio de egos enormes e ele era um deles.

Ao conhecê-lo cheguei à conclusão que as pessoas realmente não se dividiam em chatas e boazinhas. Afinal, Sidanto era insuportável num primeiro encontro. Ele era um daqueles caras orgulhosos e rudes de alta hierarquia dos quais eu queria ficar bem longe.

Mas conforme você o conhecia melhor, notava que ele não era apenas aquilo. Ele sabia ser um pouquinho legal quando queria. Às vezes eu sentia simpatia por ele. Na maior parte do tempo a gente brigava por bobagem. Mas eu achava que ainda havia esperança para essa improvável amizade, ou ao menos era isso o que Manila dizia. Riela também já tinha me dito para eu “pegar mais leve com o pobre coitado”. Como se a culpa das discussões fosse minha!

Naquele momento, ouvi um barulhão. É claro que sempre havia barulhões na linha de frente. Mas de tanto ouvir sons de bombas e tiros a gente tinha aprendido a diferenciar quando o barulho estava estranho demais e excessivo.

– Você ouviu isso? – perguntei para Sidanto.

– É claro, não sou surdo – disse Sidanto, com seu jeito ríspido de sempre – deve ser só um bando de idiotas se matando. Deixe eles.

– Que raios? – falei – vá lá ajudar! Você é forte, não é?

– Sou, mas não suicida. E se tiver um mago lá?

A Ordem da Discórdia

Foi então que os gritos começaram.

– Mago prateado!!

– Merda – falei – você e sua boca. E agora? Onde estão os nossos magos?

Era sempre assim: os nossos magos só estavam presentes quando não precisávamos deles. Então eles se cansavam de ficar lá e iam embora. E quando aparecia um mago prateado não havia nenhum dourado nas linhas de frente!

Aquela brincadeira um dia ia nos custar caro. Se aparecesse outro berserker prateado, podíamos morrer todos. Até quem estava na porra da zona segura.

– É Bris!! – berrou alguém – Bris Kalafa está aqui!

Mesmo que os magos prateados cobrissem o rosto, os discordianos frequentemente conseguiam identificar quem era quem, fruto de muita experiência de batalha. Yoyo, por exemplo, era identificada por sua agilidade e por exterminar todos que via pelo caminho.

Bris Kalafa era o sujeito enorme de dois metros que esmagava soldados com as mãos. No caso dele, acho que até eu o identificaria, pois nenhum outro teria a sua silhueta. Ele também era identificado pelos urros.

Sidanto desatou a correr assim que escutou o nome de Bris. Ele era um cara precavido, mas porra! Ele usava uniforme amarelo-claro! Não dava para ele ser um pouquinho mais confiante?

– Ei, Ausamo! – berrei, quando o encontrei correndo por lá – não tem nenhum mago dourado mesmo por aqui?

– E eu sei lá! – berrou ele em resposta, sem parar de correr – eu não vou ficar para descobrir!

– Será que ele está matando muita gente? – perguntei para Manila.

– Quer ir lá conferir? – zombou Manila.

É claro que eu não queria.

– Onde está Giono numa hora dessas? – reclamei – ele sempre some!

– Eu tenho o número de celular dele – me contou Manila – você quer?

– Como consegui... não importa. Me dá!

E eu liguei.

– Bris Kalafa está aqui! – eu gritei – cadê você?

Wanju Duli

– Eu não estou escutando! – disse Giono, em resposta – quem é?
– Que porra importa quem é! – berrei – aqui é a Deusa Éris! Vem já pra cá, caralho! É Bris! BRIS! Mago prateado! Precisamos de reforços! Câmbio! Merda!

Eu desliguei.

– Que porcaria, Lana! – riu Manila – nem sei como estou conseguindo rir nessa situação. Você acha que vai convencê-lo a vir assim?

– Essa bosta de sinal dessa zona segura do cacete! Daqui a pouco vou até o lado dos concordianos pra ver se lá o sinal pega melhor!

Para nossa surpresa, chegou um mago dourado naquele momento. Todos o saudaram com gritos e abriram caminho.

– Até que o Giono é bem ligeirinho, né? – zombou Manila.

– Não era ele – comentei – eu sei que você estava brincando, mas realmente não era ele. Parece uma mulher. Será que é Menifa Sulian? Espero que seja.

Bris não era qualquer mago prateado. Precisávamos de alguém forte para combatê-lo.

O tempo de espera, como sempre, foi insuportável. Chegaram umas três macas com feridos graves, mas pelo jeito Bris não havia feito uma chacina como Yoyo. Devia estar focado apenas em sua luta contra nossa maga dourada.

Para nosso assombro, a próxima maca chegou carregando nossa maga. Os dois caras que carregavam contaram tudo.

– Tanto Bris quanto Jala ficaram muito feridos – disse o sujeito – mas Bris escapou primeiro.

Então aquela na maca era Jala Monda! Era uma das nossas magas douradas mais poderosas. E não era só isso: ela era general do sul.

E lá estava Giono. Ele chegou um pouco depois disso.

– Eu a acompanho – disse Giono.

– E quem é você? – perguntou um dos caras de amarelo que carregava a maca, certamente preocupado – não podemos deixá-la com qualquer um. As regras são claras: mesmo feridos, não se pode tirar a máscara de um dourado.

Giono tirou do bolso alguma identificação e mostrou para o cara da maca.

A Ordem da Discórdia

Ele olhou para Giono como se visse um fantasma.

– Perdão, senhor – ele fez uma reverência exagerada, gaguejando – eu não sabia... pode levá-la.

O que será que Giono tinha mostrado? Seria um documento que o identificava direta ou indiretamente como General Huoho, ou como mago dourado? Eu não sabia, mas eu e Manila trocamos olhares divertidos ao ver a surpresa do cara.

Provavelmente Giono achava mais importante proteger a identidade de Jala Monda do que a própria. Era um gesto nobre.

Finalmente podíamos respirar. Giono levou Jala para ser tratada num local afastado.

Só meia hora depois Popo deu as caras.

– Onde você se meteu? – perguntei – você sempre chega atrasado.

– Você só ligou para Giono e não me avisou, então como eu ia saber? – brincou Popo.

– Até parece que você não tem seus próprios meios de ficar sabendo dessas coisas – disse Manila.

– Você me deixou longas semanas treinando sozinha com aquele filho da puta do Sidanto! – lembrei de reclamar.

– Ele é mesmo um filho da puta, não é mesmo? – brincou Popo – querem um cigarro?

– Não! – exclamei – não viu o que acabou de acontecer? Uma batalha de magos!

– E daí? – perguntou Popo – eu devia ter tirado uma foto ou pedido autógrafa?

– Não está preocupado que Jala esteja ferida? – perguntei.

– Eles se ferem o tempo todo – disse Popo – é para isso que magos servem.

Eu nunca tinha visto uma batalha entre um mago dourado e um mago prateado. Pelo jeito nunca veria.

– Veja só – comentou Popo, despreocupadamente – aí está seu professor.

Agora que as coisas estavam seguras, Sidanto tinha retornado.

– A curiosidade matou o gato – falou Sidanto – vocês podiam ter morrido, sabiam?

– Cala a boca – falou Manila.

Wanju Duli

Manila me via tratar Sidanto mal tantas vezes que de vez em quando entrava na brincadeira.

– Por que vocês não param de me desrespeitar? – perguntou Sidanto, aborrecido – isso é desacato à autoridade!

– Porque você é mais novo que a gente – disse Manila – eu tinha onze anos quando você nasceu, então fica quieto!

– Essa história outra vez? – perguntou Sidanto, com uma careta – como é que você permite que elas me tratem assim, Popo?

– Você não é mais uma criança para precisar ser defendido o tempo todo – argumentou Popo – cigarro?

– Eu não fumo e você sabe disso! – gritou Sidanto – eu não quero morrer de câncer!

– Eu quero morrer de amores por você, meu querido – zombou Popo, dando uma tragada.

Eu e Manila seguramos o riso.

Não fiquei muito surpresa quando logo cedo no dia seguinte começaram os gritos:

– Mago prateado!!

– Essa porra vai ser todo dia agora? – reclamei, enquanto mastigava – ainda tô tomando meu café da manhã, ô, boceta!

– Esses soldados são muito escandalosos – comentou Riela, que também estava comendo comigo.

Naquele dia estávamos tranquilos porque sabíamos que Menifa Sulian estava presente. Não sabíamos bem aonde, mas com certeza ela estava lá. O tal mago prateado devia ser muito idiota para mostrar as caras com ela presente.

Popo também estava lá e ficou animado com a notícia da chegada do mago prateado.

– Qual deles será? – perguntou Popo – acho que vou dar uma olhada. Alguém quer ir comigo? Sidanto?

– Se Menifa está mesmo por aí, talvez eu vá... – comentou Sidanto, incerto.

Eu fiquei em dúvida se devia ir.

– Vamos lá! – exclamou Manila.

– E se for Zavia Grena? – perguntei.

– Então você vai ter a honra de ser morta por ela – disse Manila.

A Ordem da Discórdia

– Essa guerra é pior do que um rodeio ou uma luta de gladiadores – reclamou Ausamo – os soldados só estão aqui para assistir aos magos. Ficam só comendo e jogando cartas na zona segura na maior parte do tempo.

Eu, Manila e Sidanto resolvemos seguir Popo. Embora Giono não estivesse presente naquele dia, eu achava que Popo era forte o bastante para nos proteger se o pior acontecesse.

Nós tivemos que caminhar bastante até chegar no local. Até que avistamos um mago prateado flutuando no ar.

– Ele voa! – exclamei, ingenuamente.

Manila colocou a mão na minha boca para eu me calar. Confesso que senti um frio na espinha.

Era uma adrenalina dos infernos estar naquele lugar, presenciando tudo de perto. Talvez eu não me importasse tanto em morrer se o preço fosse assistir àquela batalha.

Na verdade foi um pouco difícil de ver no começo, porque Menifa e o outro cara levantaram muita poeira.

– É Lofar Tanac – Popo sussurrou para nós.

Pensei em perguntar: “Como você sabe?”, mas me lembrei que às vezes até novatos conseguiam identificar alguns magos prateados famosos, por inúmeras razões.

– É a maga que mata com a boceta? – perguntei.

– Quê? – riu Manila.

– Calem a boca – disse Sidanto – ela vai ouvir vocês.

Aquela Lofar Tanac era completamente insana. Ela dava gargalhadas estridentes enquanto lutava com Menifa. Parecia estar se divertindo horrores.

Eu sentia um arrepio cada vez que escutava uma das gargalhadas agudas. E apesar de saber que Menifa era forte, eu temia por ela. O próprio Bohaus havia lutado contra Lofar antes e não conseguiu derrotá-la.

– Puta, puta, puta!! – berrava Lofar, loucamente – sua vaca!!

Aqueles gritos eram macabros. Lofar parecia estar possuída. Aos poucos eu me arrependia por ter ido assistir. Além de estar me dando uma sensação horrível, eu tinha muito medo que Lofar nos visse e nos

Wanju Duli

matasse na mesma hora. Eu já estava duvidando da habilidade de Popo de nos proteger.

Lofar carregava uma longa lança. Numa das pontas havia um machado afiado. Aquele machado parecia ser pesado, pois ele afundava profundamente no chão. Menifa usava duas facas e se virava muito bem com elas.

– Menifinha, eu te quero! – gritou Lofar, com uma voz rasgada – está fugindo de mim? Está com medo?

Lofar tocou a mão no chão e houve um pequeno terremoto. Meu coração estava estourando no peito. Eu definitivamente não podia ficar tão perto! E se elas explodissem alguma coisa?

– Popo... – pronunciei, com medo.

– Está tudo sob controle – Popo nos garantiu.

Eu e Manila trocamos um olhar ao mesmo tempo nervoso e aliviado. Por algum motivo, acreditamos nele. Afinal, aquele não era momento de brincar. Nem mesmo Popo faria algo assim. Ele sabia ser sério quando devia.

Subitamente, Lofar jogou-se por cima de Menifa e derrubou-a no chão. Eu agarrei o braço de Popo com força. Nem percebi o que estava fazendo. Acho que foi instintivo, pois eu sabia que se o pior acontecesse, entre nós quatro ele seria o único capaz de nos dar uma proteção mínima para garantir que fugíssemos.

– Sua Deusa é fraca! – berrou Lofar – em nome da Sagrada Anéris, morra, herege!

O que aconteceu a seguir foi muito rápido. Lofar arrancou as duas facas das mãos de Menifa com a ponta da lança. E direcionou o machado para o pescoço dela.

Antes que o machado a atingisse, Menifa Sulian enfiou as duas mãos no peito de Lofar. As mãos atravessaram o peito dela e o sangue pingou em grande quantidade.

Lofar tombou pesadamente no chão. Menifa levantou-se, largando pedaços de coração, pulmão e costelas. Suas duas mãos estavam completamente vermelhas, assim como as mangas.

Eu me assustei quando escutei Popo batendo palmas ao meu lado.

A Ordem da Discórdia

– O que vocês dois estão fazendo aqui, idiotas? – perguntou Menifa se aproximando e ignorando a mim e a Manila completamente – ou lutam ou se mandam.

– Você foi fantástica – disse Popo – meus cumprimentos.

– Vá se ferrar, babaca – disse Menifa – inútil miserável.

E ela saiu de lá.

– Encantadora como sempre – comentou Popo, satisfeito.

– Não sei porque ela está zangada depois de uma vitória magnífica como essa – comentou Sidanto.

– Eu acho que ela está braba porque a gente só assistiu e não ajudou em nada – comentei.

– Até parece – disse Manila – esses magos têm o ego lá em cima e gostam de lutar sozinhos.

Nós seguimos Menifa de volta à zona central onde o pessoal se encontrava. Ela foi saudada com grandes ovações. Ainda estava coberta com muito sangue. Muita gente que assistiu à batalha de longe descreveu tudo em detalhes. No nosso caso, assistimos de camarote.

– Ela atravessou as mãos no peito de Lofar Tanac! – comentou alguém, com entusiasmo – ela quebrou até as costelas dela!

– Não que seja muito difícil quebrar costelas. Dá para quebrar até numa massagem cardíaca.

– Mas não é qualquer um que arranca pedaços de costelas com as mãos e tira fora do corpo!

– De fato, isso já parece mais complexo.

– Esses trouxas só falam merda – Manila comentou comigo.

– Deixa eles – falei – estão feliz.

Era realmente um dia de celebração. Lofar Tanac era uma das lendárias da Ordem da Concórdia. Sua morte era um precioso troféu.

A fama de Menifa Sulian estava de vento em popa. Ela já havia matado duas magas prateadas em pouquíssimo tempo. Embora ela, Giono e um terceiro mago dourado tivessem aprisionado Yoyo, foi ela que deu o golpe final. No caso de aprisionamento, normalmente quem desferia o último golpe era quem teve maior participação na derrota do mago.

Wanju Duli

Menifa pediu uma bacia d'água para lavar as mãos. No mesmo instante surgiram pelo menos umas cinco bacias. Menifa era realmente tratada como Deusa.

– Gostaria de uma refeição, Marechal Sulian? – ofereceu Riela, empolgada – posso preparar qualquer coisa agora mesmo.

– Agradeço a gentileza, mas não é necessário – disse Menifa – tenho trabalho a fazer agora.

Alguns minutos depois, ela entrou numa das barracas. Ela fez isso de modo extremamente discreto, mas eu vi. Fui até lá e montei guarda até que ela saísse.

No entanto, três horas se passaram e ainda assim ela não saía. Menifa era muito cuidadosa! Será que ela percebeu que alguém estava lá fora?

– O que está fazendo aí? – Manila me perguntou.

Sussurrei para Manila o que havia acontecido e ela arregalou os olhos.

– Avise Riela que eu não vou poder ajudar no jantar nessa noite – falei – vou ficar aqui montando guarda até... você sabe o quê.

– Se precisar de ajuda, se ficar com sono ou qualquer coisa, me chame – disse Manila – me ligue imediatamente se ela...

– Pode deixar – confirmei.

Muitas horas se passaram. Dez da noite. Meia-noite. Duas da manhã. Eu estava bocejando. Não ia aguentar mais.

E foi quando eu estava pensando em desistir que Menifa saiu da barraca. Era uma mulher. Só podia ser ela.

Estava muito escuro, mas eu consegui enxergar. Eu já sabia que ela era alta, mas ela tinha um porte ainda mais respeitável e majestoso do que imaginei a princípio.

Ela devia ser poucos anos mais velha do que eu. Ela vestia naquele momento um uniforme mostarda de soldado comum, certamente para não chamar a atenção.

No entanto, aquele uniforme feminino que ela conseguiu devia ser de um número menor que o dela. Menifa, além de ser alta, tinha muitas curvas. Ela não era exatamente gorda, mas tinha quadris muito largos. E (com todo o respeito, já que ela era a marechal) ela tinha bundona e peitão. Nada disso podia ser percebido quando ela usava aquele manto dourado tão largo.

A Ordem da Discórdia

O uniforme mostarda aderido ao corpo ressaltava suas curvas com beleza. Menifa tinha a pele negra bem escura. Os cabelos negros muito crespos e volumosos, caíndo-lhe pelos ombros com estilo. Os lábios grossos, o nariz largo, os olhos redondos e muito escuros. Parecia que até as rugas de seu rosto lhe caíam bem. Tudo caía bem nela.

Eu achava que estava tão impressionada com sua beleza porque ela era a marechal, mas logo me dei conta que eu teria me impressionado com ela de qualquer forma.

No meu caso, eu era gordinha e até meio baixinha. Podia até ser que ela pesasse mais que eu, até porque ela era mais alta, mas sua gordura moldava seu corpo tão perfeitamente que absolutamente nada lá parecia fora do lugar.

Pensando bem, eu devia ter suspeitado que ela era negra pelo tom de sua voz. Ela tinha uma voz poderosa e sensual.

Fiquei em transe por alguns segundos com o que vi, mas logo me recuperei e mandei uma mensagem de celular para Manila. Mandei que ela viesse imediatamente.

Como ela não me respondeu, eu liguei para ela. E ela me atendeu com voz de sono.

– Acorda e vem aqui – sussurrei – Menifa saiu da barraca.

– Tira foto! – ela respondeu.

– Eu vou tirar, mas vem aqui!

Fiz como ela sugeriu e tirei algumas fotos. Ficaram péssimas, porque estava escuro, mas já dava para ver muita coisa.

Eu não sabia para onde Menifa estava indo, mas eu a segui discretamente. Giono dizia que eu não tinha habilidade para seguir pessoas. Lembrando disso, fiz questão de manter uma enorme distância para não ser notada. Eu também cuidei para não fazer o mínimo barulho.

Para minha surpresa, Menifa foi até a cozinha para comer alguma coisa. O nosso barzinho improvisado ainda estava funcionando àquela hora da noite, com o resto dos bêbados que ainda não tinham dormido em cima da mesa. Foi uma ocasião especial de celebração, por causa da morte de Lofar Tanac.

Wanju Duli

Menifa simplesmente foi falar com Riela, que ainda estava servindo algumas bebidas. E fez o pedido de um prato. Notei que Menifa disfarçou a voz e falou o mínimo possível. Apenas apontou o que queria.

Riela não notou nada. Se bem que ela era bastante distraída. Ela apenas atendeu-a com muita gentileza, como fazia com todos os nossos clientes. Enquanto aguardava seu prato, Menifa sentou-se sozinha numa mesa e checkou o celular.

– Oi Riela – fui até o balcão cumprimentá-la.

– O que aconteceu que você não pôde nos ajudar para o jantar? – perguntou Riela – ficamos cheios de tarefas! Você faz diferença, sabia? Ainda mais hoje que todo mundo se reuniu para beber. Estou tão cansada! Não aguento mais ficar em pé.

– Quer que eu assuma a partir daqui? – perguntei.

– Nem tem muito mais o que fazer – ela disse – apenas o prato daquela moça.

– Pode deixar que eu faço – prontifiquei-me.

Riela agradeceu e foi dormir.

Acho que aquele foi o prato que mais caprichei na minha vida. Afinal, eu estava cozinhando para a marechal! Tudo tinha que sair perfeito. Usei até mesmo alguns ingredientes mais caros e temperos, que eu só guardava para ocasiões especiais.

Quando ficou pronto, levei o prato até a mesa.

– Bom apetite! – eu disse a ela, com um sorriso enorme.

– Obrigada – ela disse, sem olhar para mim.

Será que ela reparou que eu era uma das que tinha espiado a batalha? Eu não tinha certeza, já que ela tratou a mim e a Manila como se fôssemos invisíveis.

Pouco depois, Manila chegou e foi falar comigo.

– Você disse pra eu te procurar na barraca! – ela exclamou – fiquei dando voltas e...

– Shhh! – eu fiz.

E apontei para a mesa. Manila ficou muito emocionada.

– Minha Deusa, como ela é linda! – Manila sussurrou para mim – Popo vai cair para trás quando vê-la!

– Popo disse que nunca a viu sem manto – falei, com entusiasmo – vá lá chamá-lo imediatamente e o traga para cá. Sabe onde ele está?

A Ordem da Discórdia

- Não sei.
- Toma conta das coisas aqui que eu vou procurar – falei.
E iniciei minha busca. Mas estava muito escuro! Resolvi ligar para ele.
- Te acordei?
- Não, eu nunca durmo – respondeu Popo, com voz rouca.
- Foi mal – falei.
- Na verdade eu estava usando o laptop, mas acho que dei um cochilo. Aconteceu alguma coisa?
- Sim, aconteceu. Venha até o barzinho. É urgente.
- Presumo que não irá me contar o motivo.
- Não. Dessa vez sou eu que vou fazer mistério, para variar. Sempre são vocês que sabem de tudo. Mas dessa vez eu sei algo que vocês não sabem.
- É melhor valer a pena.
- Pode apostar.
Em pouco tempo, Popo chegou. E trouxe também Sidanto.
- Eu só convidei você e não ele – reclamei.
- Ele quis vir junto – explicou Popo – ele me ama.
- Para com isso – disse Sidanto – se você fizer bullying comigo outra vez eu vou embora.
Popo riu.
- Eu tinha dezenove anos quando ele nasceu – comentou Popo.
- Eu sei que você tinha! – exclamou Sidanto, irritado – parem com essa coisa ridícula. Quem é criança aqui são vocês.
- Ou será que eu tinha trinta e nove? – acrescentou Popo, pensando melhor.
- Que idade você tem, afinal? – perguntou Sidanto.
- Fiquem quietos – falei – a missão de vocês dois é sentar na mesa daquela moça ali e conversar com ela.
Eu e Manila sorrimos enquanto observamos as expressões perplexas dos dois.
- Conversar o quê? – perguntou Popo, desconfiado.
- Qualquer coisa – falei – a missão é fazê-la falar. Vocês vão entender em breve.
Ainda não tinha caído a ficha. Mas Popo gostava de jogos e obedeceu.

Wanju Duli

Popo e Sidanto se aproximaram da mesa de Menifa. Eu e Manila fomos espiar de perto. É claro que não iríamos perder o espetáculo.

– Com licença – disse Popo, como um cavalheiro – será que podemos nos sentar aqui?

Assim que Menifa os viu, fez uma cara de extremo mau humor. Acho que ela imaginou que os dois tinham descoberto sua identidade. Ela nem tentou disfarçar a voz.

– Mais da metade das mesas estão vazias e vocês querem se sentar logo na minha? – perguntou Menifa.

A expressão de surpresa dos dois não tinha preço. Popo abriu a boca ligeiramente. Porém, logo a seguir ele me lançou um olhar bastante frio.

Putá merda. Será que eu tinha ido longe demais na brincadeira? Eu sabia que Popo levava um pouco a sério essa história de preservar a identidade dos magos dourados. Mas pensei que ele ia ficar feliz por poder ver Menifa ao vivo.

Ele era mais certinho do que eu imaginava. Devia ter ficado um pouco irritado comigo, pois o olhar dele era como se me dissesse: “Depois nós vamos ter uma conversa em particular”.

Mas como ele não queria ser rude com Menifa, disfarçou:

– Prometo que será uma conversa rápida. Não vou incomodá-la.

Sendo assim, Menifa deu-lhes a permissão e eles se sentaram.

Será que Popo estava nervoso por eu tê-lo colocado naquela situação? Afinal, ele estava falando diretamente com a marechal. Acho que até uma pessoa como Popo podia ter seus momentos de ansiedade e insegurança.

– Nós estamos em público – avisou Menifa – cuidado com a língua.

– Nosso “público” são um ou dois bêbados semiacordados – comentou Popo – então não se preocupe. Não foi por isso que veio a essa hora? Porque não teria ninguém para vê-la.

Menifa ignorou-o. Apenas comia e bebia sem preocupação, como se não tivesse ninguém na sua frente.

O prato que ela pediu era bem grande. Ela realmente comia bastante, ou devia estar com fome, depois de tudo. Afinal, ela tinha passado por uma batalha estressante de vida ou morte e depois tinha ficado longas horas trancada na barraca. Talvez dormindo.

Eu desconfiava que Popo estava com muita vontade de fazer diversos comentários, seja sobre a comida da marechal ou sua aparência. Mas é

A Ordem da Discórdia

claro que ele não teria coragem. Ele podia até fazer brincadeiras quando ela estava com o manto, mas não faria isso agora.

Eu e Manila nos divertíamos com o desconforto de Popo. E não poderíamos dizer que Sidanto estava à vontade tampouco.

– Digam logo o que querem e saiam daqui – disse Menifa, curta e grossa.

Eu era realmente uma grande fã dela. Somente ela conseguia tratar Popo daquele jeito, sendo que não se tratava de nenhuma brincadeira.

– Ele está olhando para os peitos dela – Manila sussurrou para mim.

– Você acha? – sussurrei de volta.

– Até eu que sou mulher olharia! – Manila me disse, com voz mais alta do que pretendia – é mesmo um peitão!

Menifa lançou um olhar na nossa direção. Acho que ela não tinha ouvido o que tínhamos dito, mas ela notou que estávamos cochichando. Por isso, assim que ela olhou nós abafamos o riso e fingimos que estávamos limpando o balcão.

Menifa nos ignorou completamente e voltou a comer. Ela não tinha tempo a perder com duas idiotas.

– Peça desculpas pela rudeza – disse Popo – devo ir embora agora. Vamos, Sidanto.

Os dois já iam se levantando quando ela disse:

– Agora que já estão aí, peguem uma bebida e vamos conversar.

Isso foi inesperado. Fui até a mesa anotar os pedidos.

– Duas cervejas – disse Popo, sem nem permitir que Sidanto escolhesse o que queria.

– Três – corrigiu Menifa.

– Pode deixar – falei.

Aquilo tudo teria um rumo muito mais interessante do que imaginávamos. Entreguei as cervejas com bastante rapidez. Eu e Manila continuamos a observar com curiosidade.

– Agora que Lofar Tanac está morta, precisamos pensar em qual será nosso próximo movimento – disse Menifa, enquanto bebia sua cerveja.

Então era disso que ela queria falar. Assuntos de guerra. E eu pensando que ela iria xingá-los. Que sem graça! Manila também fez uma expressão desapontada.

– Tem algo em mente? – perguntou Popo.

Wanju Duli

– Sim, eu tinha – disse Menifa – eu estava com o controle da situação, até Hia Mere assumir a liderança e estragar tudo.

– Vamos falar disso em outro lugar – disse Popo.

– Não – insistiu Menifa – falaremos disso aqui. Foram vocês que vieram, então agora vão escutar.

Popo suspirou.

– Fique à vontade, marechal, e fale tudo o que está em seu coração – zombou Popo.

– Não ouse usar esse tom comigo – disse Menifa – você sabe bem que Hia Mere não presta para nada. Nem para lutar, nem para planejar, nem para porra nenhuma. Colocá-lo na liderança foi um erro. O pior que já fizemos.

– Eu não vou escutar isso calado – falou Sidanto – a liderança de Hia Mere trouxe diversas melhoras em relação à liderança anterior.

Popo riu com gosto.

– Posso saber por que está rindo? – perguntou Sidanto, aborrecido.

– Por nada – disse Popo – continue. Estava interessante.

Eu lembrava que Popo já havia mencionado que não concordava com a liderança de Koro Mere. Ele havia dito isso para mim e para Manila quando estávamos na prisão e os dois bateram boca por esse motivo.

– Você estava na prisão quando Hia Mere estava liderando, então não sabe de nada – insistiu Sidanto.

– Ainda bem que eu estava na prisão – disse Popo – tive uma época muito feliz lá. Folga dos filhos, da esposa, dos colegas de trabalho... um verdadeiro sonho. Infelizmente, essa época acabou.

– Como se você tivesse esposa – zombou Sidanto – nos seus sonhos!

– Você devia ter protegido a vida da princesa – disse Menifa – e você falhou.

– Quem? – perguntou Sidanto – eu?

Menifa fitou Sidanto como se ele fosse um pedaço de bosta.

– Ninguém te daria nenhuma tarefa importante, Sidanto – zombou Menifa – sua posição na hierarquia está tão baixa nesse instante que ninguém mais menciona o seu nome.

A Ordem da Discórdia

– De que princesa você está falando? – perguntou Popo – a nossa rainha teve muitos filhotes e as princesas de Discórdia têm a habilidade de desaparecer sem serem notadas.

– Eu vou enlouquecer com essa conversa – disse Menifa, tomando sua cerveja toda de um gole só – quero outra!!

– É pra já, marechal!! – exclamei em resposta – opa.

Ela não deu a mínima para o que eu disse. Ela já devia saber que eu sabia. Ela me tratava como se eu fosse um verme. Estranhamente, eu não me incomodava com isso. Eu até me sentia honrada por ter algum papel no teatro daquela noite.

E eu trouxe outra caneca de cerveja, que Menifa começou a tomar imediatamente.

– Fodam-se as princesas! – exclamou Menifa – e foda-se o filho da puta do Hia Mere!!

Ela gargalhou ao dizer isso. Popo gargalhou junto. Só Sidanto que não gostou.

– O que foi?! – Menifa desafiou-o – você é o advogado de Hia Mere, por acaso? O cocheiro? O dentista? O amante?

– Marechal, você é muito ruim para mim – comentou Sidanto, timidamente.

– Oh, coitadinho! – berrou Menifa – pobre desgraçado, inútil e escroto! Vá se afogar na poça d’água. Você e Hia Mere! Um é pior que o outro! Mas o pior de todos é Koro Mere! Esse sim era um cretino!

– Tem razão – concordou Popo – que se foda o Koro Mere! Vamos brindar a isso?

Popo e Menifa brindaram, enquanto Sidanto observava perplexo, sem saber o que fazer.

Eu e Manila pegamos o bonde andando, mas Manila não ia permitir que falassem mal de Koro Mere. Por isso foi até a mesa defendê-lo.

– Por favor, respeitem a memória de Koro Mere – pediu Manila, educadamente – é vergonhoso ver membros da Saordier de tão alta hierarquia falando coisas assim do nosso herói de guerra.

Menifa achou tanta graça no comentário que cuspiu a cerveja fora (na cara de Sidanto) e voltou a gargalhar. Popo acompanhou-a nas risadas.

Wanju Duli

– Podem até falar mal de Hia Mere, já que ele nem foi um líder tão bom e todos o chamam de covarde, mas respeitem Koro Mere – insistiu Manila.

As risadas só aumentavam. Menifa já estava dando socos na mesa.

– Agora chega – disse Sidanto, bebendo a cerveja de um gole também – essa foi a gota d’água. Eu já estou farto da brincadeira de vocês. Manila Win é o seu nome, certo?

– Sim, ué – disse Manila – nós já conversamos mil vezes. Você treina minha amiga Lana, embora seja um treino péssimo.

– Pois bem – disse Sidanto – eu sou Hia Mere.

Menifa e Popo aplaudiram essa declaração.

– E eu sou a princesa de Discórdia! – zombou Manila – eu acho que você já bebeu demais, Sidanto.

– Eu falo sério! – insistiu Sidanto – eu sou o putto do Hia Mere!!

Popo estava chorando de rir. As lágrimas de Menifa já estavam caindo há muito tempo.

– Mas que diabos, caralho, boceta? – perguntou Manila – que putinho! Isso é verdade?

– É verdade, porra! – berrou Sidanto – caralho.

Manila sentou-se à mesa imediatamente depois disso.

– Cerveja!! – gritou Manila.

– Saindo uma geladinha! – gritei de volta.

E trouxe para ela, junto com mais duas que Menifa e Popo pediram, em meio aos risos.

Aos poucos o pessoal foi se acalmando. Menifa e Popo finalmente conseguiram parar de rir.

– Nossa, que maravilha – disse Menifa – fazia muito tempo que eu não ria assim.

– Eu também – disse Popo – apesar de eu viver rodeado de idiotas.

– Estou tão feliz e bêbada agora, que eu seria capaz de levar vocês dois para a cama. Os dois juntos – acrescentou Menifa, para deixar claro.

– Você é sublime, Marechal Menifa Sulian – disse Popo – porque eu realmente não sei que cara devo fazer agora. Você acaba de deixar o grande Popo Lopoza, veterano de guerra, encabulado.

A Ordem da Discórdia

– Enfie esse nome no rabo! – disse Menifa, bebendo a quinta ou sexta caneca.

– Eu posso enfiar no seu, se você permitir – disse Popo – mas prometo que farei isso com muito respeito à sua autoridade, marechal.

Menifa deu uma risada gritada e lançou sua caneca de vidro no chão, espatifando-a.

– Você venceu, seu cachorrão! – berrou Menifa – mas hoje estou com diarreia, então você só vai enfiar na frente, ouviu?

– Como desejar, minha dama – disse Popo.

– Para seu azar, ainda não estou tão bêbada, mas admiro a sua coragem – ela levantou-se – se alguém mencionar algo sobre essa noite amanhã, eu passo a faca no pescoço. Uma boa noite para os senhores.

E ela simplesmente foi embora, com aquele bundão rebolando. Minha Deusa! Até bêbada aquela mulher tinha estilo.

O bebê Sidanto ainda estava “de mal” com todo mundo, mas Popo foi completamente enfeitado. Ele continuou a fitar Menifa até perdê-la de vista.

Popo estava com uma expressão de bobo alegre. É claro que Menifa o tinha deixado maluco.

– Preciso beber mais, urgente – disse Popo.

– Estamos fechando por hoje – informou Manila, de imediato. Sendo que ela nem trabalhava lá.

– Não faça isso comigo, Mani – disse Popo, com uma voz triste – vem aqui para eu te dar um beijo.

– Eca! – exclamou Manila – não quero. Você está vendo escrito na minha cara: “segunda opção”?

– Não – disse Popo – mas estou vendo na sua bunda.

– OK, já chega – disse Manila, levantando-se – vocês dois, caiam fora imediatamente!

Ela segurou os dois pela gola da camisa.

– O que foi que eu fiz? – queixou-se Sidanto.

– Vocês estão oficialmente expulsos do bar por desrespeitarem a memória de Hia Mere e Koro Mere. Então se mandem!

– Mas eu sou Hia Mere! – tentou Sidanto – você desrespeitou minha memória também. E eu estou vivo! NINGUÉM ME LEVA A SÉRIO! Eu sou uma gostosa!

Wanju Duli

E Manila chutou-os de lá. Ficamos só nós duas.

– Você devia se sentir orgulhosa, Mani – eu disse a ela – por Popo ainda ter tido interesse em olhar para a sua bunda mesmo depois de ter visto a da Menifa.

– Tem razão – disse Manila – essa foi a coisa mais sensata que foi dita nessa noite.

– Não que dizer a coisa mais sensata da noite seja tarefa difícil – acrescentei.

– Vamos dormir?

– Puta ressaca amanhã.

– Merda.

Capítulo 6: A Maçã de Ouro

– Não há nenhuma Deusa exceto a Deusa e Ela é Sua Deusa!

Eu estava no Templo Erisiano para pegar melhor o sinal da internet no meu celular e precisava ouvir aquele monte de abobrinha.

Acabei aprendendo muitas coisas contra minha vontade no sermão daquele dia, como o fato de termos os números 5 e 23 como sagrados. A Lei dos Cinco nos ensinava que tudo acontecia em cinco, ou em divisores ou múltiplos de cinco. E o enigma do 23 era uma consequência necessária dessa lei porque $2+3=5$.

– Que monte de porcaria – sussurrei para Manila – podiam ter escolhido qualquer outro número.

– Escolheram cinco porque temos cinco dedos na mão – disse Manila, também mexendo no celular – da mesma forma que adotamos o sistema decimal porque os dedos de nossas duas mãos formam o número dez. É arbitrário.

– Então qual é o sentido de termos números sagrados idiotas se somos discordianos? – perguntei.

– Você vai estragar a piada com essa sua pergunta – disse Manila – é só para tirar com a cara dos concordianos e seus números sagrados. Eles fazem muitos cálculos complexos até descobrir que um número se encaixa no outro, porque um é a raiz de não sei o que, e aparece não sei quantas vezes em tal linha dos livros sagrados deles.

– É uma boa piada, mas qual é o sentido de colocar essa piada no nosso sistema de magia? – perguntei.

– Porque ter números sagrados fortalece o paradigma – disse Manila – ter símbolos, números, imagens, não importa quais sejam, cria todo um teatro simbólico em torno da Deusa Éris, fortalecendo nosso imaginário, que se conecta com nosso inconsciente, que faz a magia funcionar, etc.

– Uau – falei – esse povo viaja, hein? E qual é a da maçã?

– É o símbolo da Esnobada Original – explicou Manila – Zeus não convidou Éris para um casamento, ela ficou braba, criou uma maçã de

Wanju Duli

ouro puro, escreveu na maçã “Para a Mais Bela”, rolou a maçã no dia do banquete e saiu para comer cachorro-quente.

– Ah, é por isso que todo mundo se reúne aqui para comer cachorros-quentes às sextas-feiras! – descobri – sempre me perguntei porque eu precisava preparar tantos cachorros-quentes nesse dia.

– Os concordianos não comem carne na sexta, então fizeram isso para zoar eles.

– EU TENHO A CRENÇA INABALÁVEL DE QUE É UM ERRO TER CRENÇAS INABALÁVEIS!!! – berrou o sacerdote loucão lá de cima do púlpito, que usava um manto multicor.

– E eu achando que era eu que estava bêbada... – comentou Manila – a ressaca pegou forte hoje. E pra você?

– Não cheguei a beber muito – eu disse – só estou com uma leve dor de cabeça.

– O sentido da vida é CINCO TONELADAS DE LINHO!! – gritou o sacerdote.

– Vamos sair daqui, senão minha cabeça vai doer mais – eu disse para Manila.

E saímos do templo, junto com muitos outros que se retiravam com as mãos nos ouvidos. Em nome da nossa sanidade, valia a pena aguentar algum tempo sem internet.

Quando eu e Manila avistamos Giono por lá, corremos para falar com ele.

– Onde você estava que perdeu o espetáculo de ontem? – perguntei.

– Eu soube sobre a morte de Lofar Tanac – respondeu Giono – Menifa foi sensacional, como sempre.

– Eu não estava falando sobre esse espetáculo – corriji – e sim sobre Popo, Sidanto e Menifa se embebedando juntos nessa madrugada no barzinho e falando merda. Na verdade eu gravei tudo, se quiser ouvir.

Emprestei meu celular para ele. Pensei que ele ia recusar polidamente, mas ele falou:

– Vou ouvir agora mesmo. Eu te devolvo daqui a pouco.

– Nada disso! – falei – você vai escutar aqui na nossa frente. Quero ver suas reações.

– Posso escutar também? – perguntou uma moça que estava com ele, que devia ter seus trinta e poucos anos.

A Ordem da Discórdia

– À vontade – dei de ombros.

Caso me expulsassem do exército porque eu estava compartilhando informações proibidas, eu diria: “Que bom, agora não tenho mais nenhum dilema. Vou voltar para casa e ir morar com meu marido. Boa sorte em arranjar uma cozinheira melhor que eu”.

Foi engraçado ver as caras de Giono e da moça. Ela ria abertamente, mas Giono variava as expressões: franzia a testa, apertava os lábios, fazia caretas, balançava a cabeça e às vezes dava uns sorrisos de canto. Mas ele também riu algumas vezes.

– Essa foi a melhor coisa que ouvi esse ano – comentou a moça, satisfeita.

– Foi péssimo – disse Giono, em desaprovação – é melhor você apagar esse áudio, porque se isso vazar...

– Eu sei, eu sei – falei.

Mas eu seria cuidadosa.

Notei que aquela moça segurava no braço de Giono e tomava outras liberdades. Resolvi perguntar:

– É sua namorada?

– Minha esposa – sorriu Giono – somos casados há dois anos.

– Qual é o seu nome? – perguntei.

– Hã... – disse Giono.

Ao que parecia, ele tinha esquecido o nome dela. Foi uma situação embaraçosa.

– Eu sempre uso nomes diferentes – explicou a moça – acho que não faz mal contar a elas meu nome real, né? Elas já viram você e Menifa. Eu sou Jala Monda.

Dessa vez foram eles dois que riram da minha reação e da de Manila. Nós abrimos a boca em espanto e depois rimos com eles.

– Não sabia que vocês dois eram casados! – exclamou Manila – que lindo! Vocês têm filhos?

– Não, mas estamos pensando em ter... depois da guerra – disse Giono.

Contei para os dois as bobagens que o sacerdote do Templo Erisiano estava dizendo naquela manhã.

– Todo mundo sabe que os números 5 e 23 são completamente arbitrários – repeti o que Manila havia dito, toda orgulhosa.

Wanju Duli

– Como você pode ter certeza disso? – desafiou-me Giono – assim como os concordianos acreditam na ordem, será que sua certeza de que os números 5 e 23 não têm significado nenhum não reflete simplesmente sua crença na desordem? Então em que vocês dois são diferentes?

Eu caí na armadilha como um patinho.

– Tem razão! – exclamei, chocada – é como disse o sacerdote: essa é uma crença inabalável minha, de que não existem crenças inabaláveis! Tenho a certeza de que nenhum número tem um significado maior, oculto e sagrado, mas... de repente eles têm?

Eu estava com um nó no cérebro.

– Mas não pode ser! – prossegui – porque...

Mas eu não soube explicar porque eu tinha essa certeza de que o universo não tinha leis absolutas e operava num completo caos. Aquilo também era uma crença!

– Como posso sair dessa armadilha? – perguntei a Giono.

– Não dá – foi a resposta dele – estamos presos nela. Isso se chama existência humana. Nós precisamos de sistemas de crença e paradigmas para viver. Não é possível viver fora de paradigmas.

– Mas essa também não é apenas uma crença sua? – perguntei, sentindo que minha sacada era genial – de repente é possível viver fora de paradigmas sim!

– Como um Deus ou Iluminado? – perguntou Giono – alguns dizem que os Deuses ainda operam em paradigmas. Outros clamam que certos Deuses podem sair do sistema paradigmático, caso se tornem outra coisa. Mas na prática, em nossa vida comum, usamos paradigmas o tempo todo. Se não é impossível fugir disso, diria que é muito difícil. É preciso ser prático, Lana.

– Mas acreditar que precisamos ser práticos também é somente uma crença! – retruquei – de repente nós não... ah, deixa pra lá.

Cansei daquela discussão. Era como andar em círculos. Giono riu de mim.

– Não se preocupe – consolou-me Giono – isso não é fácil. Por isso é bom manter a cabeça sempre aberta. É ilusão achar que conseguimos aprisionar a realidade num sistema fechado.

– Mas isso também é uma crença – falei – arrrggh!!!

A Ordem da Discórdia

– Você está me deixando louca, Lana – falou Manila – será que é por isso que os discordianos são tão malucos? Será que é mais útil ser certinho ou maluco para viver?

– Depende do paradigma que você escolhe adotar – disse Jala – eu adoro um pouquinho de loucura. Dá um tempero especial na vida. No fundo, acho que escolhemos as coisas não porque elas são lógicas, mas porque achamos legais. É algo sentimental escolher o que fazer e no que acreditar.

Eu estava procurando Sidanta para que ele me ajudasse no meu treinamento de magia daquele dia, mas eu não conseguia encontrá-lo. Por isso, Jala se ofereceu para me ajudar.

– Você já fez meditação? – ela perguntou.

– Já tentei, mas achei muito chato – respondi – acho que gosto de coisas com mais movimento e mais visual. Mais diretamente conectado com esse mundo aqui.

– Então você vai gostar de cartas – disse Jala.

E tirou um baralho do bolso, todo colorido.

– O que são? – perguntei, curiosa.

– É um instrumento divinatório de Discórdia – explicou Jala – podemos ver o futuro nisso, ou pelo menos obter mensagens interessantes.

Lembrei que Giono já tinha me contado algo a respeito. Tinha a ver com mônadas. No paradigma em que havia mônadas em tudo e cada pequena porção de um universo era um microcosmo completo dele, o futuro poderia ser desvendado: bastava recordar uma informação que já estava disponível.

– Tem alguma pergunta?

– Quero saber o que devo fazer a seguir – falei – na minha vida em geral.

Eu pensava particularmente no meu dilema entre ir morar com Dado ou continuar a trabalhar no exército por mais tempo. Mas eu também queria saber que próximo passo eu poderia dar para obter algum poder mágico.

A pergunta ficou meio no ar e indefinida. Acho que por isso eu recebi uma resposta da mesma forma, que foi bem ampla.

Wanju Duli

A carta que saiu para mim era um círculo metade branco e metade preto. Numa metade havia um pentágono e na outra uma maçã.

– É o símbolo do Sagrado Cao – explicou Jala – que contém em si tanto o Princípio Anerístico quanto o Princípio Erístico.

– Seria um universo que contém tanto ordem quanto desordem, certo? – perguntei.

– Essa é apenas uma interpretação – falou Jala – pode ser que o universo contenha só ordem, só desordem ou não contenha absolutamente nada. Pode ser que o símbolo contenha tudo e não contenha nada. Ou talvez o símbolo não tenha sentido nenhum.

Que símbolo mais inútil! Ao tentar explicar tudo, não explicava nada. Ou será que até isso também era uma interpretação minha, com suas limitações?

– É o símbolo que representa as limitações dos sistemas paradigmáticos? – tentei outra vez.

– Ou quem sabe é o símbolo que represente a plena realização desses sistemas – disse Jala – em última análise, é um grande mistério.

– Assim como minha pergunta, que pelo jeito não tem resposta – falei, com ironia – esse símbolo mostra o número 5 e uma maçã. O que pode representar?

– Você quer saber o que deve fazer a seguir – disse Jala – sua pergunta já está partindo do Princípio Anerístico de que existe um sentido no que você deve fazer. Você busca uma resposta e um movimento que tragam sentido ao seu mundo, estou certa?

– Por aí – falei, um pouco impressionada com a criatividade da resposta.

– Isso é representado pelo pentágono e o número 5, que buscam a ordem – disse Jala – por outro lado, há a maçã, te lembrando que não existe apenas uma decisão possível e certa. Eu vejo como sinônimo de liberdade. Mas não se trata de uma liberdade qualquer. Há muitas possibilidades, mas sua decisão deve ser responsável. Você pode escolher trabalhar no Princípio Erístico dos paradigmas, mas não pode esquecer que cada teoria só funciona bem dentro do sistema específico no qual foi criada. Então pode ser bom haver algum Princípio Anerístico operando conjuntamente, te mostrando a direção.

A Ordem da Discórdia

– Por alguma razão estranha, entendi o que você disse – falei, surpresa – a carta me dá a liberdade de tomar a decisão que eu quiser a partir daqui, mas ela me lembra que serei responsável por ela.

Ou seja: se eu decidisse retornar para morar com Dado, não poderia culpá-lo por sentir saudades do exército, já que a decisão foi minha. E se eu decidisse ficar e meu relacionamento com Dado fosse prejudicado por causa disso, eu também não poderia culpá-lo por não correr atrás de mim e ir para onde eu estava, sendo que eu não havia feito o mesmo.

Sobre meu próximo passo na magia, senti que a carta dizia que eu devia confiar na Deusa Éris. Ao mesmo tempo, eu não precisava desrespeitar Anéris, até porque os discordianos pegavam vários elementos de magia emprestado dos concordianos. Aquela crença concordiana na ordem, na beleza, na verdade e tudo mais, tinha sua utilidade.

Sobre qual das duas crenças era verdadeira, se cada uma tinha um pouco de verdade, ou se ambas eram nada mais que interpretação, nada disso importava. Afinal, “havia verdade mesmo nas coisas falsas”, embora isso parecesse não fazer sentido. Era uma quebra da dicotomia “verdade” e “falsidade”. Além de usar minha lógica para entender todas aquelas questões, eu devia sentir. E eu também devia me acostumar com o fato de que eu jamais saberia de tudo. Eu podia respeitar o mistério e me divertir com ele.

Depois Jala me ensinou um ritual de evocação da Deusa Éris. Eu poderia usar maçãs douradas, pentágonos, cachorro-quente, uma vaca...

– Uma vaca? – perguntei.

– É bem livre – disse Jala – siga sua intuição. Pode ser algo bem espalhafatoso e feliz. Faça esse ritual quando sentir que é a hora. Não há momento certo. Ou se há, não sabemos. Ou pode ser que cada momento seja certo e errado.

– Tá bom, tá bom, já entendi – eu a interrompi.

Às vezes dava uma agonia escutar as explicações dos magos discordianos por muito tempo. Elas torciam o cérebro.

Resolvi não perguntar se a Deusa apareceria “de verdade” porque eu não queria escutar outro discurso filosófico sobre o que era verdade, mundo material, interpretações, paradigmas, modelos, etc.

Wanju Duli

Quando Jala saiu para almoçar, fui procurar meu professor. Eu ligava para o celular dele e nada. Até que ele atendeu.

– Já vou, já vou! – disse Sidanto.

E desligou.

Eu acidentalmente o vi sair de uma das barracas ali por perto. Ele ainda estava vestindo a camisa. Pensei que ele estava dormindo, mas logo vi sair Ausamo atrás dele. Ele estava só de calça e sem camisa.

– Hã... desculpe interromper – falei.

– Eu que peço desculpas por não ter te treinado essa manhã – disse Ausamo – eu estava com muito sono depois de ir dormir tão tarde ontem. E aquela bebedeira...

“Já entendi qual foi o efeito da bebedeira” pensei.

Sidanto estava todo atrapalhado, então eu facilitei a vida dele informando-o de que eu já havia sido treinada naquela manhã pela esposa do Giono e que ele podia ir almoçar tranquilamente. Sidanto agradeceu e saiu, mas eu não permiti que Ausamo fosse embora.

– Você fica! – eu exclamei – eu preciso de esclarecimentos!

– Sobre o quê? – perguntou Ausamo, visivelmente ofendido – eu sou gay, tenho muito orgulho disso, durmo com quem quiser, você não tem que se meter e...

– Cala a boca! – exclamei – não é isso que quero saber. Eu quero que você me confesse agora sobre a identidade secreta de Sidanto Vero!

Ausamo arregalou os olhos.

– A “identidade secreta”? – perguntou Ausamo, confuso – que eu saiba ele só joga pra um dos times. Para o mesmo que o meu.

– Mas você é mesmo lento pra entender, hein! Escuta isso aqui.

Antes que eu pudesse me conter, fiz Ausamo escutar o áudio do meu celular com a discussão de ontem.

– Sidanto é Hia Mere!!! – exclamou Ausamo, chocado – eu acabei de dormir com o filho do famoso Koro Mere!!

– Que maravilha, não é? – zombei – já que vocês parecem ser tão próximos, eu queria sua opinião. Você acha que é verdade mesmo ou ele só estava bêbado?

– Como vou saber? – perguntou Ausamo – estou tão surpreso quanto você. Acha que Sidanto é uma lagosta?

A Ordem da Discórdia

– Se ele é ou não uma lagosta, esse paradigma faz menos diferença para mim – falei – o que eu quero saber é se ele é mesmo Hia Mere. Eu acho que não, mas como Hia Mere foi sempre descrito como um inábil e covarde, encaixa bem. Tem alguma chance de ele ser, não acha?

– Por que você não simplesmente pergunta a ele? – perguntou Ausamo, aborrecido.

– Boa ideia – falei – coloque sua camisa e vamos lá.

Nós encontramos Sidanto almoçando e nos sentamos na mesa com ele. Fui direto ao assunto.

– Eu e seu companheiro estamos curiosos para saber se você é mesmo Hia Mere ou se estava apenas fazendo digressões ontem à noite – eu disse.

Sidanto não gostou da pergunta.

– Será que ninguém acredita em mim? – perguntou Sidanto – sim, eu sou Hia Mere. Mas, se vocês ainda não repararam, estamos em público. Então eu não posso sair gritando assim: “EU SOU HIA MERE!!!” para todo mundo ouvir, entende?

– Você acabou de gritar – falei.

– Eu sei, mas como ninguém liga para o que eu digo, não faz diferença. Mas se qualquer outra pessoa que não seja eu sair repetindo isso por aí, o boato pode se espalhar. Então fiquem quietos, por favor.

Ele continuou a comer.

Então era isso? Eu ainda não estava convencida.

– Você é um mago dourado? – perguntei.

– Por que não fala um pouco mais alto? – zombou Sidanto – sim, eu sou. Todo mundo diz que só ganhei o cargo por causa do meu pai e que sou fraco, mas não é bem assim. Eu sei lutar. Só não luto porque não quero. Eu não sou suicida como vocês. Eu auxilio na guerra de outras formas. Você cozinha, certo, Lana? Então não venha julgar minha forma de fazer as coisas.

– Eu não estou julgando! – exclamei – você sempre fica na defensiva.

– Adivinha por quê? – ele estava cada vez mais furioso – porque nunca param de me comparar com meu pai. Desde que nasci tem sido assim. Todos esperam demais de mim. Então mesmo que eu tenha um desempenho ótimo, se ele não é excelente já ficam dizendo que “não sou tão forte como meu pai, etc”. Se eu não fosse da família Mere, seria

Wanju Duli

admirado e respeitado por ser um mago dourado. Só porque sou, eu me tornei um lixo na visão deles. Porque sou inferior a ele e sempre esperam que “o discípulo supere o mestre”, mas se seu mestre tem quase a força de um Deus é meio complicado.

Senti que ele queria desabafar aquilo há muito tempo. Devia ser difícil guardar segredo da própria identidade por tanto tempo e ter que aguentar ouvir pessoas falando mal dele em todo canto, sem poder se defender.

– Então Menifa e Popo sabiam da sua identidade o tempo todo? – perguntei.

– Sim! – exclamou Sidanto, irritado – todos sempre souberam! Bohaus Huoho, Jala Monda... é claro que eles sabem quem sou. E ficam fazendo piadinhas em público, xingando Hia Mere, só porque sabem que eu não vou poder me defender em voz alta. Sinceramente, eu acho que essa piada já perdeu a graça há muito tempo, embora eles não pensem assim.

Subitamente eu entendi do que Menifa e Popo tanto riam na noite anterior. Eu não via a hora de escutar outra vez a minha gravação, pois agora que eu tinha entendido a piada eu certamente riria duas vezes mais ao reescutar.

Obviamente, Sidanto não podia saber que aquela gravação existia. Eu esperava que Ausamo não me delatasse.

Depois daquilo, fui contar para Manila o que havia descoberto. Naquele ponto, eu definitivamente já não ligava para segredos. Em breve eu viajaria para o acampamento para me reencontrar com Pina e contaria a ela sobre Gafen. Eu tinha grandes esperanças de que dessa vez ela aceitaria voltar comigo. Então o que eu fizesse naqueles próximos dias já não importava mais.

Claro que era um pensamento meio egoísta, já que, contanto que eu não me prejudicasse, eu estava pondo em risco os magos dourados. Mas eu também achava um exagero todo aquele segredo. Era improvável que eles fossem mais facilmente assassinados se a identidade deles fosse descoberta. Era mera especulação.

– Sidanto é Hia Mere – Manila repetiu, como se não acreditasse – parece piada.

A Ordem da Discórdia

– Acho que mesmo com todo mundo falando mal dele, no fundo nossas expectativas ainda eram altas demais – comentei.

Não avistei Menifa naquele dia. Imaginei que ela seria mais cuidadosa a partir de agora. Mas eu avistei Popo.

– Por que não nos contaram antes que Sidanto era Hia Mere? – perguntei.

– Para não estragar a piada – respondeu Popo, simplesmente.

– Na verdade foi agora que eu entendi a piada – falei – só estraguei a exclusividade da sua piada interna.

Eu sabia que eles não tinham contado porque não podiam contar. Ou não queriam. Ou uma combinação de todos esses fatores.

Enquanto eu conversava com Popo, começou a agitação e a correria. Pelo menos foi depois do almoço.

– Mago prateado!!

– É Kalafa!

Popo suspirou.

– É claro que os concordianos não iam deixar por isso mesmo a morte de Lofar Tanac – disse Popo – vieram se vingar. Bris Kalafa não é fraco. Jala Monda quase morreu da última vez. Isso vai ser perigoso.

Surgiram dois magos dourados que eu imediatamente identifiquei como Bohaus Huoho e Jala Monda. Eu estava ficando boa nisso. Ainda bem que eles estavam presentes naquele dia.

– Onde está Menifa? – perguntei.

– Ela foi embora mais cedo – disse Popo.

– Droga – falei – e Hia Mere?

– Ele não costuma lutar – disse Popo – o pior é que Jala ainda não está totalmente recuperada dos ferimentos. Pelo menos Bris também não deve estar.

Popo sugeriu que aguardássemos por enquanto. Aceitei a sugestão dele.

Não demorou muito para que Jala retornasse cheia de ferimentos numa maca. Já era a segunda vez que aquilo tinha acontecido.

– Ela é muito forte – comentou Sidanto, tremendo de medo – para voltar viva duas vezes de uma luta contra Bris Kalafa!

– Bohaus precisa de ajuda – comentou Popo – ele não vai aguentar sozinho uma luta contra Bris. Hia, vá lá.

Wanju Duli

– Eu não! – exclamou Sidanto.
– Você não vai lutar sozinho – disse Popo – Bohaus Huoho vai te auxiliar.

– Você vem comigo? – perguntou Sidanto.

– Eu vou – disse Popo – fico na retaguarda.

– Quero ir também! – disse Manila.

Ela sempre se sentia confiante quando Popo ia junto.

– Tem certeza? – perguntou Popo.

– Você ainda me deve uma por ter falado daquele jeito comigo ontem à noite – lembrou Manila – então você vai ter que me levar.

– Está bem – disse Popo – mas se algo acontecer, não me responsabilizo.

– Sei disso – falou Manila – fui eu que pedi. Vamos, Lana?

Eu fiquei em dúvida.

– Por que você não filma e depois me mostra? – perguntei, com um pouquinho de medo.

Afinal, eu já tinha ouvido muitas histórias terríveis sobre Bris. E já tinha visto Jala sair de uma luta com ele extremamente machucada duas vezes.

– Deixa disso, Lala – falou Manila, me puxando – não foi legal ver a morte de Lofar Tanac? Você não vai querer perder de assistir a morte de Bris Kalafa ao vivo, certo?

– Prefiro perder essa chance, diante da possibilidade de assistir nossa própria morte – argumentei.

Mas ela disse que eu estava de frescura e me levou junto.

Aguardamos Hia Mere trocar de roupa. Popo gritou por trás da barraca:

– É pra hoje?! A noiva ainda não está pronta? O noivo não vai esperar por muito tempo! Se você demorar mais, ele mesmo vai vir até aqui te matar.

Hia Mere saiu da barraca em seus trajes de mago dourado e com a máscara cobrindo o rosto, completamente puto da vida.

– Esse manto é muito pequeno e não estava entrando! – berrou Hia Mere – será que eu engordei?! Tomei muita cerveja ontem? O que vocês acham?

A Ordem da Discórdia

– Cala a boca e vai lá, Hia Mere – senti certa satisfação em dizer isso – depois eu tiro suas medidas e ajusto o manto pra você.

Realmente, o manto estava meio apertado. Também estava curto nas mangas e nas pernas. Devia fazer tanto tempo que ele não usava que nem notou que não servia mais. Mas não havia tempo de resolver aquilo agora.

O pessoal ao redor devia estar se perguntando quem era aquele mago dourado todo desengonçado e escandaloso, vestindo um manto menor que seu número, mas acho que alguns devem ter ouvido o “Hia Mere” que gritei nem um pouco discretamente.

E lá fomos nós. Meu coração pulsava e a adrenalina tomava meu corpo. Por que usar drogas se havia guerras? Dava um barato muito maior e o único efeito colateral era a morte. Pensando bem, era mesmo um pouco mais perigoso...

Quando chegamos, os dois já estavam bem feridos. Tanto Bohaus Huoho quanto Bris Kalafa estavam pingando sangue. Mas os dois se mantinham bravamente de pé.

Bris era um monstro assustador. Muito mais alto e mais forte que Bohaus. Popo tinha razão: Bohaus não ia aguentar.

Por um momento me perguntei porque Popo tinha trazido Hia Mere. Era óbvio que ele não teria a menor chance. Mas foi só quando eu o vi lutar que entendi.

A primeira magia de Hia Mere, com um golpe de vento que levantou areia para todo lado, foi tão forte que derrubou Bris no chão. Porém, Bris logo se levantou para contra-atacar com uma bola de ferro com espinhos.

Hia Mere era forte. Só faltava a ele autoconfiança. O pior era que, apesar da força e habilidade, talvez faltasse a ele experiência de luta. Por isso, sem Bohaus, Hia não teria a menor chance.

Com os dois lutando juntos, Bris começou a cometer alguns erros. Nós já estávamos bem otimistas com a vitória.

– Vamos ter matado três magos prateados em pouquíssimo tempo! – Manila já comemorava em antecipação.

Porém, no segundo seguinte em que Manila pronunciou essas palavras, algo terrível aconteceu.

Wanju Duli

Bris acertou sua bola de ferro nas duas pernas de Hia Mere, decepando-as.

Foi algo insuportável de ver. As pernas foram completamente esmagadas, parte do manto foi rasgado e via-se pedaços de carne, sangue e ossos. Hia Mere deu gritos tão horríveis que eu desejei tapar os ouvidos para sempre.

Bris ia desferir o golpe seguinte para matá-lo. Naquele momento, Bohaus Huoho arriscou a própria vida para salvar Hia Mere.

Bohaus jogou-se na frente de qualquer jeito. Por pouco não morreu. E decepou o braço direito de Bris com uma espada.

Dessa vez, Bris ficou enfurecido. Deu urros enormes e agarrou o corpo de Bohaus. Ele levantou-o com todas as forças, berrou em tom gutural e esmagou sua cabeça contra uma rocha.

Bohaus Huoho não se mexeu mais. Não havia a menor chance de ele ter escapado com vida.

Manila fez um som tão assustador ao meu lado, como se estivesse ela mesma morrendo ao ver aquilo, que eu também me senti num filme de horror. Eu queria acordar.

O que eu estava fazendo naquela guerra? Eu achava aquilo bonito? Divertido?

Quando os concordianos morriam, podia até ser algo glorioso. Mas quando os nossos magos morriam, eu sentia na pele o horror da guerra.

Por mais que Yoyo Sutileje e Lofar Tanac fossem assassinas, elas eram pessoas. Uma pessoa como Bohaus Huoho, que tinha uma vida. Sim, Bohaus foi um assassino. E, assim como elas, perdeu a vida de modo estúpido.

Bris escutou o som que Manila fez. Ele ignorou Hia Mere completamente e foi até lá.

– Que surpresa! – exclamou Bris Kalafa, com seu sotaque de Concórdia – nós finalmente nos reencontramos, princesa Nibaba Raolieri!

Ele estava se referindo a Manila!

– Koro Mere te salvou da morte naquele dia – prosseguiu Bris – e Zavia Grena teve piedade. Você devia apodrecer na nossa prisão, mas você fugiu.

Bris agarrou Manila com o braço e aprisionou-a.

A Ordem da Discórdia

– Me solta, seu filho da puta imundo! – berrou Manila.

– Você tem coragem – elogiou Bris – é diferente de Hia Mere, que passou a batalha toda fugindo de mim. E acabou sem as pernas. Eu adoraria te matar agora, princesa, mas nós preferimos te prender de novo. Ganharemos muito mais negociando sua vida depois de ganharmos a guerra do que te matando agora.

– Você não vai me prender, porra! – gritou Manila.

E houve uma explosão. Manila tinha jogado alguma coisa parecida com uma bomba no rosto de Bris e ele ficou cego de um olho.

– É assim que você me agradece pela gentileza, princesa de merda?! – gritou Bris.

O manto dele já estava muito rasgado. Parte de sua máscara também estava quebrada. Era possível ver uma porção do rosto dele, como o buraco nojento no lugar do olho.

– Solte-a, Bris – mandou Popo – Zavia Grena não vai gostar nada de saber que você matou a princesa.

– E quem é você? – perguntou Bris.

– Meu nome é Popo Lopoço.

Bris começou a rir e não parou mais.

– Que nomezinho mais desgraçado! – exclamou Bris – qual é a sua patente? Já nos encontramos antes?

– Já nos encontramos – disse Popo – sou um veterano de guerra.

– Se fosse mesmo tão bom, eu com certeza já teria ouvido falar de você – falou Bris, cuspiendo no chão – deve ser só mais um dos vermes amarelos que teve sorte.

– Eu tenho a bênção da Deusa Éris – disse Popo.

Mais risos. Bris se divertia.

– Estou gostando dessa conversa! – exclamou Bris – vamos parar de brigar e tomar chá. O que você acha?

– Acho ótimo – disse Popo.

– Qual é! – exclamou Manila – você vai ter que arranjar uma xícara do tamanho de um balde para esse cara!

– Eu não tomo chá de saquinho – informou Bris.

– Teria que ser um sacão! – acrescentou Manila.

– Você tem a sorte de estar diante da nossa melhor cozinheira – informou Popo – Lana, fale sobre nossos chás.

Wanju Duli

Bris Kalafa olhou para mim, com o único olho que lhe restava. Eu gelei.

O que raios Popo estava fazendo? Minha única escolha era confiar nele.

– Eu mesma colhi algumas ervas – informei – nós estamos num período difícil de racionamento, mas posso te oferecer pelo menos três chás diferentes.

– E o que tem para comer? Bolo?

– Tenho um bolo de carne que sobrou de ontem.

– E você ousa me oferecer carne numa sexta-feira?! – berrou Bris, irado – isso é uma ofensa à Deusa Anéris! Temo que você precise morrer agora, cozinheira.

– Você que vai morrer agora, concordiano de merda!!

Uma maga dourada surgiu do nada e decapitou Bris Kalafa. Primeiro a cabeça caiu no chão e depois o corpo tombou.

– Você demorou – disse Popo – eu quase não consegui segurar a barra.

– Sinto muito, Popo – disse Jala Monda – e obrigada.

Ela correu para onde estava o corpo de Bohaus Huoho. E chorou sobre ele.

Hia Mere estava sofrendo muito. Nós fomos até lá.

– Por que você me fez fazer isso...?

Hia estava chorando. Popo segurou na mão dele.

– Você foi muito corajoso, Hia – disse Popo – nunca mais ninguém vai zombar de você. Mas não foi por isso que te pedi para vir. Graças a você, Bris Kalafa está morto.

– Não! – exclamou Hia – eu não ligo para as minhas pernas. Estou chorando porque Bohaus morreu por minha causa. Para me salvar!

Não houve nenhuma comemoração naquele dia. Ninguém fez uma festa para celebrar a morte de Bris Kalafa. Houve um funeral para homenagear a bravura do General Bohaus Huoho.

Hia Mere estava sendo sincero: ele estava muito mais triste pela morte de Bohaus do que pelas próprias pernas. Quando vinha alguém parabenizá-lo por sua coragem e lamentar por suas pernas, às vezes ele até esquecia que estava sem elas, tamanha era sua dor.

– Será que eu cometi um erro? – Popo se perguntava.

A Ordem da Discórdia

– Você fez a coisa certa – eu disse a ele – Bohaus não teria vencido a luta sozinho.

Não era mais momento de especular. Sabíamos que havia a chance de Bohaus ter segurado a barra até que Jala retornasse. O ferimento dela daquele dia não havia sido grave. Popo havia sido informado disso e sua missão era simplesmente ganhar tempo.

Jamais saberíamos se o desfecho teria sido melhor ou pior se nossas escolhas tivessem sido diferentes. Tínhamos apenas que arcar com as consequências delas.

– Você é uma princesa? – perguntei para Manila.

Eu só não estava mais surpresa porque o choque dos acontecimentos daquele dia tinha apagado o impacto de qualquer outra revelação.

– Desculpe esconder – disse Manila – eu sou apenas mais uma das várias princesas de Discórdia, já que a minha mãe teve muitos filhos.

Pensando bem, eu tinha ouvido falar sobre o rapto de uma das princesas de Discórdia, muitos anos atrás. Mas com a falta de notícias, a mídia esqueceu o assunto.

Há muito tempo a casta religiosa nos dois países era muito mais respeitada do que a nobreza. Por isso, na prática nossos magos tinham mais importância até mesmo do que os reis e príncipes. O poder mágico era superior ao poder do sangue. Afinal, o sangue eram os poderes da terra e a magia mostrava a relação de cada um com a Deusa e com os poderes do céu.

– A sua vida não era boa? – perguntei – por que quis se alistar?

– Um pouco pela aventura, mas principalmente pela busca de respostas – respondeu Manila – acho que não foi para salvar o mundo e nem para servir o meu país. Eu me sentia desconectada de todos onde eu estava. Aqui eu me sinto viva. Mesmo quando corro risco de morrer.

No fundo, esse era um dos motivos porque eu continuava lá. Afinal, eu também tinha um lugar para onde voltar.

– Você encontrou suas respostas? – perguntei.

– Não sei ao certo – respondeu Manila.

– Depois do que vi hoje, eu me senti superficial por estar aqui – falei – não sinto que estou fazendo a coisa certa. As pessoas jamais deviam matar outras, nem para salvar a si mesmas ou àqueles que amam.

– Você acha?

Wanju Duli

– Eu acho – falei – se eu não gosto que me matem ou que matem quem eu amo, por que vou fazer a mesma coisa? Porque eles são “os inimigos”? Porque eles são violentos, fanáticos, ignorantes, por estarem errados? Porque se eu não matá-los eles vão me matar. E eles não nos veem da mesma forma?

– Os concordianos nos veem assim – concordou Manila.

– Então eu não quero fazer parte de um mundo assim – falei – vale mais a pena me retirar para um local afastado e viver uma vida simples com minha família.

– Essa sua vida simples só será protegida por aqueles que lutam – disse Manila.

– Os poderosos não ligam para os lugares mais afastados do mundo. Pode ser que eu ainda corra perigo ao morar numa cidade pequena do interior de Discórdia, mas e se eu me mudar para Oásis? Lá não tem nada para roubar, nada para ser protegido.

– Então você vai deixar tudo de bom que há no mundo por medo de perder? – perguntou Manila.

– Não vou abrir mão do amor – falei – eu amo meu marido e minha filha. Quero viver uma vida simples com eles. O resto é supérfluo.

– Essa guerra não é uma brincadeira – disse Manila – você só descobriu isso agora?

– Eu não aguento – falei – pensei que aguentava, mas é demais. Pode ser que eu seja fraca, mas foi insuportável. Eu não imaginava que me sentiria desse jeito. Antes as coisas faziam sentido, mas agora não. Será que no fundo nossa busca por sentido e por respostas não é muito concordiana? Ela exige a crença de que a realidade de fato tem um sentido oculto.

– Você está certa – disse Manila – nós temos que aprender a ficar em paz com a ausência de sentido da vida e da morte.

– Não sei se é bem isso – falei – isso também exige a crença de que as coisas não têm sentido. No fundo, não sabemos. Devemos estar em paz com isso: com a nossa incapacidade de saber das coisas que queremos saber.

– Nós pensamos que achar um sentido para as coisas nos trará felicidade – disse Manila.

A Ordem da Discórdia

– E só somos felizes quando as coisas parecem fazer sentido! – exclamei – quando não fazem, somos tristes. Em Discórdia, celebramos o caos. Nós lembramos que mesmo quando as coisas parecem não fazer sentido, não precisamos lamentar. Apenas respeitar o mistério caótico do mundo.

Popo se aproximou de nós naquele instante.

– Acho que devo desculpas a você, princesa Nibaba – disse Popo – incontáveis vezes faltei com o respeito sem saber que você era uma princesa.

– Essa é minha última preocupação nesse momento – disse Manila – estou triste como a morte.

– Conheço Bohaus há muitos anos – disse Popo – então multiplique por cem o que você está sentindo e saberá como estou.

Além disso, Popo devia estar se sentindo diretamente culpado tanto pela morte de Bohaus como pelas pernas de Hia Mere. Afinal, sua decisão influenciou os dois desfechos.

– A prisão me enfraqueceu – contou Popo – mas o acontecimento de hoje me despertou. Não vou mais ficar apenas na retaguarda. Eu vou lutar. Conforme o nosso número de magos diminui, mais devemos nos envolver nas batalhas nas linhas de frente.

– Eu não quero lutar, nem assistir, nem cozinhar e nem nada – informei – eu vou embora.

– Vai embora? – perguntou Popo, surpreso – por que, Lana? Não estamos mais juntos nessa? Eu, você e a princesa estamos juntos desde que saímos da prisão. Acho que formamos um bom time. Por que deixar isso para trás?

– Porque eu já tinha outras coisas antes de conhecê-los – falei – o que vi hoje tirou toda a vida de dentro de mim e me deixou como morta. Nada pode me dar vida de novo. Não tenho escolha. Devo partir.

– Por que o que eu sinto e o que você sente é diferente se vimos as mesmas coisas? – perguntou Popo.

– Você sabe, Popo – falei – a Deusa dá bênçãos e maldições diferentes para cada um. Não sei se o fato de eu me sentir assim é bom ou ruim. Só sei que não consigo me livrar desse sentimento. E acho que não quero. Sinto que finalmente acordei. Eu entendi como a guerra é

Wanju Duli

horrível. Quem morreu naquele lugar fui eu. Há apenas um cadáver parado onde estou.

– A Deusa Éris não me deu essa bênção de sentir as coisas dessa forma – falou Popo – ainda sou um monstro. E devo viver e morrer como um.

– Você não é um monstro – falei – não é seu destino permanecer aqui para sempre. Mesmo que já tenha matado muita gente, assim como Bohaus matou, você pode recomeçar. Você não queria ser biólogo? Estudar os insetos?

– Esse desejo é apenas uma sombra agora – disse Popo – eu me sinto responsável pelo que está acontecendo aqui e não posso simplesmente fugir agora.

– Não foi culpa sua – insisti – se você está se culpando por hoje...

– Uma vez eu te disse que quem está no exército e sente culpa o tempo todo não aguenta muito tempo – falou Popo – mas eu tampouco defendo que não se sinta culpa nenhuma. Senão você perde de vista o seu propósito, como Yoyo.

– Você não sabe se ela perdeu o propósito – falei – você não sabe nada sobre ela! Apenas a mataram!

– Não é por nossos pensamentos e objetivos que mostramos quem somos – disse Popo – é por nossas ações. O que ela fez não tem desculpa. Não estou dizendo que aquilo que fiz tem desculpa tampouco. A única desculpa dela para aquele resultado era ignorância ou loucura. Não aceito outra. Nossos magos dourados não saem exterminando um monte de soldados que sabemos que não terão a menor chance. Temos honra. Nós lutamos com quem está à altura de nos enfrentar, para fazer uma luta digna.

– Uma guerra nunca é digna – retruquei – ela é covarde. Não tem sentido. Você está pensando apenas nos números, mas e aquela única pessoa que Bohaus Huoho matava por terrorismo? Para dar o “exemplo”? A vida dela vale menos?

– Guerras são detestáveis – disse Popo – quem gosta delas está louco. Não estou dizendo que tenho amor a guerras. Eu as abomino! Mas a vida não é um conto de fadas. Às vezes precisamos fazer coisas feias. Cirurgias horríveis. Valeu a pena? Não sei. O tratamento foi pior do que a própria doença? Às vezes ele é e nos arrependemos depois da besteira

A Ordem da Discórdia

que fizemos. Por que começamos a guerra? Porque nós e os concordianos somos estúpidos. Por que não damos um fim nela agora? Porque somos orgulhosos.

– Agora que percebeu que faz parte de algo abominável, por que não vai embora? – perguntei – assim como eu quero ir.

– Eu já percebi que eu fazia parte de algo abominável desde que a guerra começou – disse Popo – nenhum soldado é cego ou idiota. Todos que fazem ou fizeram parte da guerra entenderam o que ela é: uma máquina de matar, uma das piores invenções do ser humano. Mas lá estava eu. Não acho que eu devo culpar meu pai porque ele me obrigou a me alistar. Eu tinha a escolha de desobedecê-lo e ir estudar o que eu queria. Mas eu decidi agradá-lo. Ele ficou orgulhoso de mim e isso foi o bastante para mim. No meu período na prisão, realizei parte do meu sonho, escrevendo um livro sobre insetos. E agora que já cumpri as duas coisas mais importantes para mim, que eram agradar meu pai e escrever esse livro, nada mais importa. Posso morrer na guerra. Para mim não faz diferença. Temo pelas pessoas que ainda matarei. Estou fazendo algo errado? Sim. Posso seguir outro caminho agora? Sim. Eu farei isso? Não.

– Então em nome de seus caprichos de agradar seu pai, você vai matar mais gente – falei.

– Não clamo que meus motivos sejam nobres – disse Popo – muita gente se engana, alegando que está salvando o mundo com a porra da guerra. Não. Você está destruindo o mundo, para poder construir outra coisa no lugar. Essa outra coisa será melhor? Não sei. Provavelmente não. Um paradigma não é necessariamente melhor que o outro. Eles são apenas diferentes, com suas vantagens e desvantagens.

– Essa é uma visão muito pessimista! – falei – é claro que matar é pior do que não matar.

– Está dizendo que os concordianos estão certos? – perguntou Manila – que existe o bem e o mal? O certo e o errado?

– Eu acho que os concordianos podem estar certos em algumas coisas e nós discordianos podemos estar certos em outras – falei – pegando o melhor que tem em cada visão, podemos fazer um mundo melhor, em vez de excluir uma delas, alegando que uma é sempre melhor que a outra!

Wanju Duli

Trabalhar com paradigmas era vantajoso, para aprendermos a ter respeito pelas diferentes formas de ver o mundo. Nisso os discordianos estavam certos. Mas não podíamos ser relativistas demais. Devíamos reconhecer que havia algumas coisas que sentíamos ser certo, como o amor e a paz. Nisso os concordianos tinham razão: que há alguns valores que não precisamos de rotação de paradigmas para adotar, mas podem ser sempre usados com sucesso, como o amor e os direitos humanos.

É claro que no meio da loucura da guerra os dois lados eram contraditórios: os concordianos estavam matando, mesmo que defendessem que matar era sempre errado, e os discordianos não estavam respeitando os diferentes paradigmas possíveis, considerando a visão de mundo concordiana como incorreta, limitadora e fanática.

Então no fundo não éramos tão diferentes assim. Com base na crença na paz dos concordianos e na crença na multiplicidade de possíveis pontos de vista dos discordianos, aquela guerra jamais devia ter acontecido.

Ela só aconteceu porque os dois lados não foram fiéis em relação àquilo em que acreditavam. Estavam lutando em nome de uma causa, mas nem mesmo respeitavam e seguiam a própria causa pela qual lutavam.

Naquela noite, quando fui dormir, tive outro sonho.

Eu estava usando um belo vestido branco e tinha os pés descalços. Acho que estava flutuando nas nuvens.

Eu usava no pescoço o colar de ouro com as duas serpentes, que Éris me deu. De repente, apareceu uma mulher linda para conversar comigo.

– Qual é o seu nome, querida? – a mulher perguntou.

– Lana Enin.

– Você é adorável! Acho que nunca vi alguém tão bonita quanto você.

– Ah, você deve estar cega – eu ri – só o meu marido fala essas coisas, pra me agradar.

– Eu falo sério – disse a mulher – já tentou se olhar no espelho? Eu tenho um aqui.

Ela colocou um espelho diante de mim e eu fiquei maravilhada.

A Ordem da Discórdia

Aquela na imagem era eu? Nunca percebi que eu era tão bela! Nem Menifa Sulian, com quem me impressionei tanto, parecia estar à altura daquilo que eu via agora.

Meu sorriso era tão doce! Meu olhar era gracioso. Meus cabelos caíam em grandes cachos negros ao longo do meu corpo. As dobras do vestido ressaltavam a forma do meu corpo e tudo parecia numa completa harmonia. Meus pés eram leves, como que feitos de nuvens.

Meu rosto resplandecia como o sol! Eu era a primavera. A mulher jogou flores brancas sobre mim e algumas se prenderam nos meus cabelos. Eu ri. Estava feliz! Descobri em mim uma beleza desconhecida e surpreendente.

Pensando bem, fazia um bom tempo que eu não me olhava direito no espelho. Eu só tinha pequenos espelhos de mão. No fundo eu era a mesma, mas por que ao mesmo tempo eu parecia tão diferente? Deve ser porque eu nunca tinha reparado antes que eu era uma das mulheres mais lindas do mundo. Então Dado estava certo! Por que não acreditei nele?

– Compreende agora? – sorriu a mulher.

– Eu compreendo – falei.

Até mesmo aquela mulher de aparência impressionante que conversava comigo não parecia estar à minha altura. É claro que tínhamos tipos de belezas diferentes, mas eu não enxerguei isso. Naquele momento eu estava confiante o suficiente para afirmar para mim mesma que eu superava até mesmo ela em beleza!

É claro que isso me deu certa satisfação. Fiquei toda vaidosa.

– A Deusa Éris deixou isso aqui – avisou a mulher – parece que te pertence.

Sobre um prato dourado havia uma maçã de ouro. Nela estava entalhada a seguinte palavra: “Kallisti”. Por algum motivo, entendi seu significado.

– “Para a Mais Bela” – eu pronunciei – é para mim?

– Sim – sorriu a mulher – você acha que é a mais bela? Acha que merece essa maçã?

– Eu diria que sou uma candidata forte – brinquei.

– Isso não é o bastante – disse a mulher – quero que reconheça que é a mais bela.

– Está bem – eu virei os olhos e ri – acho que sou!

Wanju Duli

– Foi o que pensei. Então vá em frente e pegue a maçã dourada. Ela é sua!

Eu estava tão impressionada com minha própria beleza que não quis contestar o que a mulher me dizia.

Não quis enxergar a situação pela perspectiva dos paradigmas. Eu poderia dizer que todas as mulheres do mundo tinham características diferentes e únicas que davam a elas um tipo de beleza particular. E aquela diversidade merecia ser celebrada.

Mas eu queria o prêmio só para mim. Eu iria aceitar a verdade que era conveniente para mim. E todas as verdades que me eram inconvenientes seriam prontamente descartadas.

Estendi a mão para pegar a maçã.

– Espere – disse a mulher – antes de pegá-la, deixe seu colar sobre o prato.

– Por quê? – perguntei.

– Você já é tão linda naturalmente! Não precisa dessas coisas.

– Tem razão – falei – mas esse colar foi um presente.

– Por que não dá seu presente para uma moça mais feia que você? – ela propôs – pois ela precisará dele mais.

– Está bem.

Eu tirei o colar do pescoço. Mas quando me olhei no espelho de novo, com o colar ainda na mão, agora minha aparência já parecia bastante comum. Não que eu estivesse particularmente feia, mas eu já não via nada de especial. Era eu com um vestido branco. Já não tinha nenhum raio de sol brilhante sobre o meu rosto.

Eu simplesmente ignorei isso e ia repousar o colar sobre o prato.

– Não faça isso!!

Ouvi esse grito e parei. Quem surgiu diante de mim foi... Popo!

– O que você está fazendo no meu sonho? – perguntei, aborrecida.

Eu tinha percebido que era um sonho, mas não vi nada de errado nisso. Eu ainda queria aquela maçã e não queria Popo atrapalhando.

– Essa é a Deusa Anéris – declarou Popo – ela quer te enganar. Não dê ouvidos a ela!

– Por que você só dá ouvidos à Deusa Éris? – perguntei – a Deusa Anéris também pode ter coisas boas a nos dizer. Todos os paradigmas devem ser respeitados.

A Ordem da Discórdia

– Talvez, mas agora estamos em guerra! – exclamou Popo – e mesmo sendo a Deusa da Harmonia, ela não vai se importar de causar o caos até conseguir o que quer.

– Saia daqui – disse a Deusa Anéris, irritada – você está atrapalhando!

– Se não acredita em mim, vai acreditar nele – disse Popo, apontando para alguém que chegava.

Era Giono Soluxei. Ou Bohaus Huoho.

– Pensei que estava morto! – exclamei, surpresa.

– Eu estou – disse Bohaus – mas isso não importa agora. Lana, não dê o colar para Anéris. Esse colar é amaldiçoado.

– Foi meu presente de casamento! – gritou a Deusa Anéris – ele me pertence por direito!

– Foi a Deusa Éris que me deu – aleguei.

– Ela roubou de mim! – berrou Anéris – só porque peguei a maçã idiota dela.

– Se a maçã é tão idiota, por que você quer que eu a troque pelo colar? – perguntei.

– Lana, quem usa esse colar se torna a mulher mais bonita do mundo – disse Bohaus.

– Acho que vou usá-lo – brincou Popo – também quero me tornar a mulher mais bonita do mundo.

– Cala a boca! – falei – deixa o Bohaus terminar de explicar.

– Não é que ela se torne de fato a mulher mais bonita, mas os outros a veem dessa forma – explicou Bohaus – e quando o colar é retirado o feitiço se desfaz. Éris criou a maçã dourada como um presente para a mulher mais bonita. Isso causou a discórdia entre as Deusas, e era exatamente isso que Éris queria. Elas iam continuar brigando enquanto cada uma se mantivesse fechada apenas no próprio paradigma.

– Minha solução foi perfeita – declarou Anéris – com esse colar, qualquer mulher pode se tornar digna da maçã. Não é fantástico?

– Não acho – falou Popo – em vez de ensinar cada Deusa a respeitar a visão da outra, você as iludiu para que fossem capazes de enxergar apenas uma forma de ver o mundo que favorecesse só uma das mulheres.

– Se vocês não gostam do meu colar, então me devolvam! – exclamou Anéris.

Wanju Duli

- Só se você devolver a maçã – disse Bohaus.
- Devolvam o colar primeiro e eu devolvo a maçã – disse Anéris.
- Que desconfiada! – exclamou Bohaus – mas não foi por isso que começamos a guerra? Um desconfiava do outro. Quem vai atacar primeiro? Quem vai matar? Não é melhor matarmos primeiro, antes que me matem?
- Eu não confio em discordianos – disse Anéris – vocês só querem causar o caos! Vocês relativizam tudo! Então não vão se importar em me enganar e mentir até conseguir o que querem.
- Não é bem assim – disse Bohaus – nós respeitamos seu paradigma, sua visão de mundo. Nós o achamos válido. Sendo assim, achamos a troca justa. Os dois lados serão beneficiados.
- Então me deem o colar! – insistiu Anéris.
- Não faça isso, Lana – falou Popo – se der o colar para Anéris, ela comerá a maçã dourada. Somente a mulher mais bela do mundo pode comer a maçã. Isso significa que é preciso o colar para comê-la.
- E o que acontece com quem come a maçã dourada? – perguntei.
- Não importa – falou Popo – o objetivo de Éris não era que a maçã fosse comida. Somente cobiçada, para causar o caos. A própria Éris não se importou com a maçã e foi comer cachorro-quente. Porque para ela todos os paradigmas eram válidos. O que é melhor, comer a maçã dourada digna da mulher mais bela ou comer um cachorro-quente? Depende de seus objetivos. Os dois caminhos possuem suas vantagens e desvantagens.
- Quanta baboseira! – disse Anéris – é claro que comer a maçã é melhor. Ela tem mais valor.
- Ela só tem mais valor porque todos decidiram que teria, como um símbolo que causa a inveja das outras mulheres – disse Popo – e não porque ela tenha mais valor em si. Isso significa que talvez não aconteça nada com quem coma a maçã.
- Não duvido que Éris tenha criado uma maçã sem poder algum – disse Anéris – ela seria capaz de bolar algo inútil assim.
- Eu recoloquei o colar no pescoço e segurei a maçã.
- Por que não testamos para ver o que acontece? – perguntei – vou dar só uma dentada.
- Não, mãe! NÃO!

A Ordem da Discórdia

Quem gritou isso foi Pina, que tinha acabado de chegar, para se intrometer no meu sonho também.

Mas era tarde demais. Mordi a maçã e mastiguei. Todos os quatro me fitaram com espanto.

E eu acordei.

Olhei o relógio. Ainda eram quatro da manhã. Por que eu tinha acordado no meio da noite?

Foi quando me dei conta de que estava passando mal. Então era por isso que eu tinha acordado. Será que tive todo aquele sonho ridículo só para a minha mente criar um motivo nobre para minha dor de barriga?

Eu me levantei. Fui lá para fora e procurei um dos buracos no chão para responder o chamado da natureza. Usei uma lanterna.

Depois que me aliviei pensei que me sentiria melhor. Porém, fiquei enjoada. Um pouco depois, acabei vomitando.

– Droga.

Fui até a cozinha preparar um chá. Eu estava começando a ficar tonta. Era melhor falar com alguém e pedir ajuda, pois eu podia acabar desmaiando.

Naquela escuridão era muito difícil identificar qual barraca era qual, mesmo usando a lanterna. Então resolvi checar os números no meu celular. Seria chato incomodar alguém às quatro da manhã, mas era meio urgente.

A última coisa que me lembro foi apertar no número do celular de Manila. Acho que escutei a primeira chamada. Depois disso, eu apaguei.

Quando acordei, estava num lugar desconhecido. Eu estava deitada numa cama simples e havia uma mulher elegante logo ao lado.

– Deusa Anéris? – perguntei, ainda meio dormindo.

A mulher deu uma risada amigável.

– Quem dera – ela disse – não se preocupe. Estou cuidando de você. Pode voltar a dormir.

Eu não reconheci o lugar, mas resolvi não me preocupar. Não havia muitas camas por lá, já que geralmente usávamos colchonetes.

Ela parecia ter uns cinquenta e poucos anos. No máximo sessenta. Tinha cabelos longos, negros e ondulados, com algumas mechas brancas que lhe davam um toque distinto.

Wanju Duli

Ela usava um vestido vermelho e sapatos de salto negros. Tinha até mesmo maquiagem, pulseiras e anéis. As unhas pintadas de vinho. Não me pareciam vestes a serem usadas na linha de frente de batalha.

– Ainda estamos na zona de batalha? – perguntei.

– Na zona segura – ela respondeu – não se preocupe.

Ela estava tomando chá. Percebi que também havia uma xícara de chá na cabeceira da minha cama.

– Quer beber agora? – ela perguntou.

– Eu aceito.

Eu me sentei e bebi.

– É maravilhoso! – exclamei.

– Obrigada – ela sorriu – está se sentindo melhor?

– Acho que sim.

– Fico contente.

– Desculpe, mas... quem é você? Não me lembro de ter te visto antes.

– Imagino que não – ela falou – sou a esposa de Popo. Não costumo aparecer muito.

Eu fui pega de surpresa.

– Não sabia que ele tinha uma esposa – falei.

Eu o ouvi dizer que tinha filhos, mas quando mencionou uma esposa pensei que estivesse brincando.

– A situação de nosso relacionamento está meio irregular no momento – ela explicou, bebendo outro gole de chá – sabe como é esses tempos de guerra. Mas espero que logo que a guerra acabe possamos nos casar.

– Entendi – falei – e seus filhos estão bem?

– Um deles nem tanto, pois está participando da guerra – ela explicou – os outros dois estão estudando no exterior.

– Espero que a guerra acabe logo – falei.

– Eu também – ela disse – espero que ela acabe hoje.

– Por que hoje?

– Não acha que a guerra pode acabar hoje? – ela perguntou.

Tentei pensar sobre isso, imaginando se tinha algum grande evento programado para acontecer naquele dia. Mas quando comecei a pensar nisso, minha cabeça doeu.

Comecei a me sentir mal. Não só fisicamente, mas mentalmente.

A Ordem da Discórdia

– O que foi, querida? – ela perguntou, preocupada – não está se sentindo bem?

– É só um ligeiro mal estar – expliquei.

Havia uma cena estranha que insistia em aparecer na minha cabeça. Ela mostrava o fim da guerra. Mas não da forma que eu imaginava.

Na minha mente, surgiu a imagem daquela mulher brigando com Popo. Um desentendimento conjugal?

Alguém entrou na barraca. Era Popo.

– Bom dia – ele cumprimentou – tudo bem com você, Lana?

– Estou enjoada e com um pouco de dor de cabeça – respondi – fora isso, estou bem.

– Não vai me cumprimentar? – perguntou a mulher.

– Nós já nos falamos por telefone – disse Popo.

E sentou-se ali por perto. A mulher não o fitava com bons olhos.

– Por que me chamou? – perguntou Popo.

– Para conversar – ela disse – quer chá?

– Não – ele disse – espero que a conversa seja rápida. O que aconteceu? Por que Lana está aqui?

– A menina passou mal e eu me ofereci para ajudá-la.

Eu tinha quarenta anos, mas ela me chamava de menina. Acho que era costume chamar de “menina” qualquer um dez anos mais novo que você, não importava que idade se tinha.

– Como soube que ela passou mal? – perguntou Popo, desconfiado.

– Eu tive um sonho – ela disse.

– Como foi até ela?

– Eu sou muito poderosa. Consigo transitar entre diferentes lugares sem ser notada.

– Por que a trouxe para cá?

– Era mais seguro para mim.

– Mas não para mim – disse Popo – como você garante que não serei morto a qualquer minuto?

– Eu não garanto – ela respondeu, bebendo o chá – você veio por sua conta e risco.

– É claro que eu vim – disse Popo – você raptou a nossa cozinheira. Eu não poderia deixar por isso mesmo.

– Como assim, “raptou”? – perguntei, sem entender.

Wanju Duli

- Estamos do outro lado, Lana – explicou Popo.
- Do outro lado? – perguntei, sem entender.
- Esse é o lado da zona de guerra dos concordianos – disse Popo – se você sair dessa barraca, verá centenas de soldados de cinza.

Eu fiquei sem fala. Foi só então que reparei que Popo usava uma roupa cinza também. Devia ter usado para chegar até lá sem ser notado.

- Como... quando...? – balbuciei.
- Essa é Zavia Grena – apresentou Popo – minha esposa. Ou, sendo mais preciso, a mãe dos meus filhos.

Zavia... Grena?

– A maga prateada que matou Koro Mere!! – exclamei, chocada – ela é sua esposa, então... Popo, você é um traidor?

- Não exatamente – respondeu Popo.
- Ela é a marechal do exército dos concordianos! – gritei – e você está aqui tomando chá com ela!!
- Eu não estou tomando chá com ela – corrigiu Popo – tecnicamente, é você quem está.

Bem, isso era verdade.

– Eu não matei Koro Mere – defendeu-se Zavia – quem espalhou essa mentira ridícula por aí foram os discordianos.

- Então quem o matou? – perguntei.
- Eu o matei – revelou Popo.

Dessa vez o susto superou qualquer outro.

– Mas que... que porra é essa?! – perguntei, completamente perdida – e ainda diz que não é um traidor? Então quem era o traidor, afinal? Era Koro Mere?

- Mais ou menos – disse Popo.

Eu não estava entendendo mais nada.

– Quando os discordianos souberam do meu relacionamento com Zavia Grena, interpretaram isso como traição – explicou Popo – eu expliquei a eles que eu separava minha vida pessoal da profissional, mas eles não acreditaram.

– É claro que não acreditaram! – exclamei – você não estava namorando com uma concordiana cinza qualquer. Estava namorando com a líder do exército inimigo!!

A Ordem da Discórdia

– Nosso relacionamento vem de muito antes da guerra – ele explicou – nós nos conhecemos na universidade. Zavia era uma concórdiana fazendo um intercâmbio em Discórdia. Nossos três filhos nasceram antes da guerra. Os mais novos detestam política e não quiseram se envolver com nossas diferenças ideológicas. Foram estudar fora e não são a favor nem de Discórdia e nem de Concórdia. O nosso filho mais velho resolveu se alistar do lado dos discordianos, até porque ele nasceu em Discórdia e foi onde sempre viveu.

Os filhos mais novos pareciam os mais razoáveis.

– Como você já está cansada de saber, só me alistei no exército para agradecer meu pai – explicou Popo – Zavia já pensava em se alistar no exército de seu país antes de me conhecer. Ela foi fazer intercâmbio em Discórdia meramente porque ela fazia questão de estudar na melhor universidade que oferecia o curso que ela queria. Quando os países não estavam em guerra não era difícil se mover de um lugar para outro. Ainda não havíamos decidido se eu ia morar em Concórdia ou ela moraria em Discórdia. Normalmente o exército gosta de recrutar os cidadãos do próprio país, até pela questão do nacionalismo. Por isso havia esse problema adicional, já que ambos queríamos ir para o exército.

– Mas vocês podiam conseguir cidadania do país do outro caso se casassem, certo? – perguntei.

– Exato. E por isso nos casamos cedo. Mas ficamos alguns anos morando separados, já que cada um conseguiu emprego em seu próprio país. O tempo longe fez com que nos separássemos. Nós nos divorciamos. Depois nos casamos de novo. Queríamos morar juntos, mas quanto mais anos se passavam, piorava a relação entre os dois países. Não era mais possível conseguir cidadania no país do outro. Ou seja, não conseguiríamos morar juntos e nenhum dos dois queria abrir mão de trabalhar no exército. Não sei quantas vezes nos divorciamos e nos casamos de novo, mas depois que estourou a guerra percebemos que nosso relacionamento estava terminado para sempre.

– É uma história triste – comentei.

Mas eu ainda não tinha entendido o que isso tinha a ver com ele ter matado o Marechal Koro Mere.

– No fundo, nem eu e nem Zavia éramos a favor da guerra – falou Popo – ou poderíamos até dizer que éramos mais contra essa guerra do

Wanju Duli

que todos os outros, já que era ela que nos impedia de viver juntos. Mas como trabalhávamos no exército, tivemos que lutar. Como éramos ambos muito bons, subimos na hierarquia. A única coisa boa da guerra era que lutando nas linhas de frente podíamos ficar muito perto um do outro. Na verdade, era o mais perto que podíamos ficar. Então é claro que nós dois decidimos ir para as linhas de frente: seria o único jeito de nos vermos.

– Que romântico – falei.

– Ao longo desses quinze anos nós nos tornamos muito bons em batalhar porque não estávamos lutando apenas pela nossa própria vida ou pelo nosso país. Lutávamos pelo nosso amor. E por isso ambos nos tornamos excelentes em mapear as zonas de guerra, saber onde se esconder ou quais eram as melhores maneiras de ir de um lado para outro em segurança. Hoje conhecemos todo esse lugar com a palma da mão. Fizemos muitas coisas perigosas e corremos risco de morrer incontáveis vezes.

Era uma história mais emocionante do que eu esperava.

– Houve muitas brigas – proseguiu Popo – não foi fácil. Era difícil esconder nosso relacionamento e era mais difícil ainda nos encontrarmos. Fazer sexo então, era uma aventura. No começo era tudo muito divertido, mas logo nos sentimos culpados. Era como uma traição à causa que defendíamos. Passamos por incontáveis dilemas existenciais, nos separamos e voltamos. No momento não estamos oficialmente casados, até porque considerando a situação atual entre os dois países é impossível. Mas uns oito meses atrás nós reatamos e fomos descobertos. Nessa época nós dois já tínhamos postos muito importantes. Para proteger Zavia, eu assumi a culpa.

– Assumi a culpa de que forma? – perguntei.

– Duas versões diferentes da história se espalharam – explicou Popo – somente o pessoal de alta hierarquia do exército de Discórdia, principalmente os magos dourados, souberam a versão verdadeira: que eu e Zavia tínhamos um relacionamento. A versão que se espalhou na alta hierarquia de Concórdia era que eu havia atacado Zavia. Essa foi uma versão inventada por mim para que Zavia não fosse expulsa do exército. Como eu nem fazia tanta questão assim de estar no exército, não me importava se eu fosse expulso. É claro que tanto uma como a

A Ordem da Discórdia

outra história eram escândalos. Então fingimos que Zavia me capturou e eu ficaria preso em Concórdia.

– Escrevendo seu livro – comentei.

– Exato. Sendo assim, todos saíram ganhando. E como eu sabia que os concordianos tratavam bem os presos de guerra, não me importei. Ela também garantiu pessoalmente minha segurança. Mas só os magos sabiam que eu estava preso. Para todos os demais, seja o pessoal do exército ou a população em geral, foi divulgado que eu estava morto. Era o mais adequado. Principalmente depois do escândalo em que me envolvi. Imagine divulgar isso na mídia de Discórdia: “Os dois marechais estão num relacionamento amoroso estável. A guerra é uma piada?” Pelo menos ao divulgar que eu estava morto, a imagem gloriosa do herói de guerra ainda permaneceria. A população continuaria a acreditar em nossa causa.

Eu fechei os olhos e respirei fundo.

– Você não matou Koro Mere – falei – você é Koro Mere.

– A ideia de divulgar na mídia que eu estava morto foi minha – explicou Popo – portanto, de certa forma, fui eu quem matou Koro Mere. E, para todos os efeitos, Koro Mere ainda está morto. Os únicos que sabem que ainda vivo são alguns dos magos. Pelo menos todos os magos dourados sempre souberam. Por que está chorando?

Eu enxuguei as lágrimas.

– Porque eu sou uma enorme idiota – falei – é por isso. Sabe, eu acho que já desconfiei que você era Koro Mere umas três ou quatro vezes. Você nunca foi cuidadoso nas suas conversas e piadas. Parece que sempre desejou que alguém descobrisse. E achei que você e Hia Mere se pareciam um pouco. Você sempre agiu em relação a ele como um pai adotivo. E Hia Mere também nunca disfarçou o relacionamento que vocês tinham.

– Sabe por que essa guerra começou, querida? – perguntou Zavia.

Eu estava tão emocionada e frustrada com a revelação de Koro Mere que nem me interessava mais a porra da guerra e suas razões. O pessoal lendário que fazia parte dela era um tema muito mais fantástico.

– Não – falei, simplesmente – nesse ponto, não sei se isso interessa.

– Porque Éris roubou o colar de Anéris e Anéris roubou a maçã de Éris – respondeu Zavia – não se sabe quem fez o roubo primeiro, mas

Wanju Duli

os dois são valiosos artefatos de ouro. Possuem poder mágico. E a guerra só vai chegar ao fim quando os dois artefatos forem devolvidos a suas respectivas donas ou forem destruídos.

– Eu tive um sonho com isso hoje – comentei.

– Eu sei – disse Zavia – eu espiei seu sonho, embora não tenha participado dele. Eu vi o que você fez. Por isso eu te trouxe aqui: porque queria roubar os artefatos de você. Teria sido muito fácil garantir a vitória para Concórdia hoje. Mas então eu pensei melhor. Chamei Koro Mere e achei que devíamos conversar sobre isso. Eu devia isso a ele, depois do que fez por mim.

– Enquanto os artefatos existirem, as Deusas poderão roubá-los de novo – disse Koro Mere – portanto, eles devem ser destruídos.

– Ela deu uma dentada na maçã – contou Zavia – e adquiriu um poder premonitório. É verdade que ao destruir os objetos ela irá perdê-lo.

– Ainda não sei controlar esse poder e ele só me dá dor de cabeça – falei – não faço questão de mantê-lo.

– Sabia que se você comer toda a maçã poderá adquirir quase tantos poderes quanto uma Deusa? – comentou Koro Mere – você poderia se tornar mais forte que nós dois e destruir o mundo. É só especulação, mas é possível.

– Koro, não a provoque – disse Zavia – ela já concordou em destruir os objetos. Então não confunda a cabeça dela.

Coloquei a mão no meu próprio pescoço e senti um arrepio quando toquei o colar de ouro ao redor dele. Era o mesmo colar com as duas serpentes do meu sonho!

Pus a mão no bolso e lá estava a maçã dourada com uma dentada.

– Eu me tornaria imortal se a comesse? – perguntei.

– Não sabemos – disse Koro Mere – pode ser que sim.

– Minha fé na Deusa Éris não é lá grande coisa – falei – então por que ganhei os dois artefatos?

– A Deusa faz o que quer – disse Koro Mere.

É óbvio que ela fazia. Talvez fizesse parte de uma boa piada dar para mim, que era a cozinheira e a costureira do exército, objetos tão sublimes. Se bem que Koro Mere já havia me dito que a função de cozinheira era uma das mais importantes e que mais salvava vidas.

A Ordem da Discórdia

Pensando melhor, dar uma maçã para a cozinheira do exército era bastante apropriado.

– Não posso cozinhar algum prato com essa maçã e dividir entre várias pessoas, para que cada uma adquira um pouquinho do poder mágico divino? – perguntei.

– Muito generosa, Lana Enin – sorriu Koro Mere – mas a maçã se transformaria em ouro de novo se você não usasse o colar enquanto a comesse.

– Certo – falei – minhas ideias terminaram. Como destruo os objetos?

– Você deve fazer um ritual e no final comer um cachorro-quente – explicou Koro Mere.

– Posso usar a cozinha emprestada para cozinhar uma salsicha? – perguntei para Zavia.

– Fique à vontade – ela disse.

E lá fui eu para a cozinha, caminhando entre os soldados cinzentos como se eu fosse um deles. Zavia me emprestou uma das roupinhas cinzas. Que, cá entre nós, eram muito mais bonitas que as nossas.

Declarei em altas vozes que compartia dos sentimentos da Esnobada Original da Deusa Éris. No final da minha declaração, comi o cachorro-quente, numa recusa formal dos poderes da maçã.

Bastou que uma gota de molho de tomate pingasse na maçã de ouro para que ela se dissolvesse. Declarei também que estava muito feliz com minha aparência atual e que não precisava de colar nenhum. O colar se despedaçou em pequenas pedrinhas de ouro assim que encostei nele.

– É isso aí, pessoal! – Zavia elevou a voz – a guerra acabou. Podem ir para as suas casas!

Se era assim tão simples, por que tanta gente teve que morrer naquela guerra? Acho que no fundo isso pode ser dito sobre todas as guerras.

Zavia garantiu que eu e Koro Mere chegaríamos do outro lado em segurança.

Quando souberam da notícia, os dois lados celebraram. Houve uma festa maior do que qualquer outra que já vi acontecer naquele local isolado.

Wanju Duli

Não houve lado vencedor. Haveria um acordo para gerar vantagens dos dois lados, na medida do possível. Portanto, acho que poderíamos dizer que tanto Concórdia quanto Discórdia venceram.

É verdade que muita gente não gostou disso. Muito da intriga e do velho ódio prosseguiu. Tanto que teve gente propondo fazerem uma festa em conjunto, unindo os dois lados, mas a maior parte não concordou. Nós não estávamos preparados para algo assim.

Era impossível passar por quinze anos de guerra sem deixar máculas. Ainda havia muitos sentimentos de vingança no ar. E as coisas levariam muito tempo para voltar a ser como eram. Talvez nunca voltassem realmente a ser como antes da guerra. Os preconceitos estavam tão arraigados que talvez só as gerações mais jovens que viessem depois fossem capazes de diminuí-lo.

Todos os magos foram unânimes: os dois artefatos tinham sido definitivamente destruídos. Rituais, divinações e toda forma de magia confirmou o que havia acontecido. Os templos principais dos dois países foram informados. Os papas confirmaram.

Independente de o governo e os reis concordarem com a explicação religiosa para o fim da guerra, tiveram que aceitá-la. A guerra tinha começado por causa de religião e acabaria também por causa de religião.

Porque a guerra estava terminada, todos os magos dourados revelaram suas identidades em público. Caso outra guerra estourasse no futuro, imaginei que seriam criados outros nomes e outras identidades.

Menifa Sulian apresentou-se para todos na nossa antiga zona segura, deu um discurso impressionante e recebeu muitos aplausos. Jala Monda e Hia Mere também foram tratados como heróis pela coragem que tiveram.

Jala Monda declarou para todos que estava grávida, gerando ainda mais comoção. Várias pessoas choraram.

– Eu adiei contar para Bohaus, para não preocupá-lo – disse Jala – eu estava sofrendo sozinha por causa disso, mas agora considero uma bênção que tenha acontecido. Tive quase certeza de que perderia o bebê, participando de tantas batalhas violentas. Mas parece que a Deusa Éris quis me dar um consolo para compensar o que ela me tirou.

Acho que a maioria julgou que aquela seria a maior surpresa do dia. Mas logo Popo deu o seu discurso.

A Ordem da Discórdia

Ele não deu detalhes e resolveu manter seu relacionamento com Zavia em segredo por enquanto. Mas simplesmente declarou:

– Eu estive na prisão de Concórdia por alguns meses. A mídia informou que eu estava morto. Não sei se devo me desculpar por estar vivo. Os magos concordianos selaram a maior parte do meu poder mágico enquanto eu estava lá. Ainda não o recuperei completamente. Por isso não pude ser de muito auxílio nas mais recentes batalhas.

Aquele lugar virou uma novela. Muita gente berrando loucamente e chorando, como se Koro Mere fosse uma estrela de cinema. Todos queriam encostar nele, conversar com ele e até pedir autógrafo.

Acho que o próprio Koro Mere não esperava aquele absurdo. Enquanto ficou na prisão, ele não viu como sua fama subiu às alturas. Acho que é só quando alguém é declarado morto que é realmente amado. Antes tinha muita gente que odiava Koro Mere. Foi só ele morrer que essas pessoas começaram a simpatizar com ele instantaneamente.

Riela e Manila foram duas que choraram. Riela queria oferecer todos os pratos da nossa cozinha para Koro Mere, que recusou polidamente.

– Não acredito que está chorando – Koro Mere disse para Manila, rindo dela.

– Eu estou furiosa com você! – exclamou Manila – sério.

Naquela noite, nós jogamos cartas para lembrar nosso tempo no barco, quando fugimos juntos da prisão. Foi divertidíssimo, até porque ganhei quase todas.

Pina, que ainda estava no acampamento, não podia acreditar que tinha perdido tudo. Mas eu relatei a ela cada coisa com detalhes. Tinha até fotos e vídeos.

Eu já a havia apresentado para Popo e Manila antes, mas agora era diferente. Apresentei-os como Koro Mere e Nibaba Raolieri. Ela ficou muito surpresa em saber que Manila era uma princesa, mas abriu a boca e não fechou mais quando soube quem era Popo.

– Posso apertar sua mão? – perguntou Pina.

– Claro – disse Koro Mere – mas você já a apertou.

– Posso apertar uma terceira vez? – perguntou Pina.

– Lana, a sua filha tem quinze anos ou cinco? – perguntou Koro Mere.

Wanju Duli

Nem precisamos nos mudar para Oásis. Chahia acabou indo mesmo assim e se encarregaria de me contar todas as novidades por lá. Eu até tive vontade de retornar para a capital, mas mudei de ideia. Queria ter a experiência de viver numa cidadezinha pequena. Pina disse que ficaria entediada.

– Então estude – eu disse a Pina – e consiga uma bolsa para estudar numa universidade da capital quando for mais velha.

Depois de saber o quanto os caras do exército estudavam para obter suas altas patentes, acho que ela estava mais animada do que nunca para voltar aos estudos.

Dado ficou muito feliz com a nossa volta. Quando o abracei de novo, eu me perguntei porque demorei tanto para voltar.

Antes eu achei que ficaria relembrando o tempo de guerra com saudade, mas isso era uma mentira. Eu estava mais feliz que nunca com a paz e em ter uma vida tranquila. Esse tipo de vida tem um gosto muito melhor depois que se tem uma experiência chocante como aquela.

Ainda demorei certo tempo para obter um novo emprego e meu novo salário não era tão alto quanto o que eu ganhava na capital. Em compensação, eu tinha menos gastos com aluguel e outras coisas.

Eu estava aliviada com minha nova rotina. Eu podia acordar e ir dormir sem medo de morrer. Normalmente não pensamos nisso. Achamos ruim a violência da cidade grande, os roubos, assassinatos e balas perdidas. Mas uma guerra não se compara a isso. Quem esteve no coração de uma guerra de verdade entende a diferença.

Agora eu não precisava mais cagar num buraco no chão e podia comer coisas diferentes de arroz, batata e milho. Teria um lugar adequado para cozinhar e lavar roupa. Podia dormir numa cama em vez de dormir no chão ou colchonete. Teria menos mosquitos, baratas e ratos, menos micoses nos pés. Podia tomar banho no chuveiro em vez de banho de gato. Poderia ter um sinal decente de internet. Podia arranjar livros para ler com mais facilidade. Não pegaria doenças oportunistas e diarreia quase todo dia devido à precariedade da água e higiene.

Não queria ver mais pedaços de carne humana e sangue espalhados pelo chão diariamente. Realmente, não havia nada de glorioso na guerra.

A Ordem da Discórdia

Koro Mere sempre nos disse isso e não acreditamos. Precisamos viver o pior para entender.

Naquela noite sonhei com a Deusa Éris. Lá no topo da montanha dos meus egos mortos.

– Está feliz e livre agora? – perguntou a Deusa.

– Sei lá! – respondi.

E comemos juntas um cachorro-quente.

FIM

